UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS

JOÃO BATISTA DE FELIPPE RODRIGUES

“Não quero mais trabalhar na rua”

Uma análise discursiva de relatos de mulheres refugiadas transgêneros em Manaus

MANAUS - AM

2024

JOÃO BATISTA DE FELIPPE RODRIGUES

“Não quero mais trabalhar na rua”

Uma análise discursiva de relatos de mulheres refugiadas transgêneros em Manaus

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras, na linha de pesquisa em Análise do Discurso. Orientador: Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

Manaus- AM

2024

“Não quero mais trabalhar na rua”- Uma análise discursiva de relatos de mulheres refugiadas transgêneros em Manaus

RESUMO

A participação no projeto de acolhimento Casa Miga, que é um abrigo para refugiados e brasileiros LGBTQIAPN+, fez com que eu percebesse a triste realidade dos refugiados venezuelanos. A partir dessa percepção, resolvi investigar sobre a situação deles em nosso país e como se deu o processo de refúgio. Há um crescente número de refugiados em nossa cidade, principalmente, e isso fez com que o tema fosse relevante de ser investigado. Foram coletados cinco relatos realizados durante rodas de conversa em grupo focal com refugiadas transgêneros e outros voluntários da casa, e será apresentado um recorte desses relatos dos cinco sujeitos participantes. Relatos em comum nos textos são colocados na análise, para desenhar uma formação discursiva das refugiadas venezuelanas transexuais e travestis. Pesquisar e verificar as aproximações nos textos de refugiadas transgêneros se torna relevante, uma vez que é um grupo vulnerável e que muitas vezes sofre uma série de perseguições em seus países, e até mesmo no Brasil. A maioria dessas refugiadas está, ou veio da prostituição, e a casa busca mecanismos para colocá-las no mercado de trabalho. Buscou-se fazer uma comparação entre o tratamento que é dado a esses sujeitos no Brasil e em seus países de origem, e percebeu-se que a situação na Venezuela é de um cerceamento maior dos direitos das mulheres transgêneros.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Imigração; Queer; Transgêneros

RESUMÉ

La participation au projet de refuge Casa Miga, qui est un refuge pour les réfugiés et les LGBTQIAPN+ Brésiliens, m'a fait prendre conscience de la triste réalité des réfugiés vénézuéliens. Sur la base de cette perception, j'ai décidé savoir sur leur situation dans notre pays et sur le déroulement du processus de demande d'asile. Il y a un nombre croissant de réfugiés dans notre ville, principalement, et cela a rendu le sujet pertinent à étudier. Des entretiens ont été menés avec certains réfugiés et un aperçu des cinq sujets sera présenté. Les traits discursifs communs dans les regugiés sont la preuve de l'analyse, pour tracer une formation discursive de réfugiés vénézuéliens transsexuels et transgenres. La recherche et la vérification du discours des réfugiés LGBTQIAPN+ deviennent pertinentes, car il s'agit d'un groupe vulnérable et subit souvent une série de persécutions dans leurs pays, et même au Brésil. La plupart de nos réfugiés sont, ou sont venus de la prostitution, et la maison cherche des mécanismes pour les amener sur le marché du travail. Nous avons essayé de faire une comparaison entre le traitement réservé à ces sujets au Brésil et dans leur pays d'origine, et il était clair que la situation au Venezuela constituait une restriction beaucoup plus grande des droits des femmes trans.

Mots-Clés: Análise du discour; imigration; queer.

Sumário

1- Introdução **08**

1.1- Justificativa 17

2- Capítulo I : Fundamentação teórica – fundamentando o terreno **23**

2.1- Psicanálise 33

2.2- Teoria Queer 35

2.3 - Os sujeitos refugiados venezuelanos 39

2.4- A Jornada do Herói e a relação com a Análise de Discurso 41

3 - Capítulo II: Metodologia **44**

3.1- Perguntas sobre a transgeneridade em dois “mundos” 49

3.2 - Questionando a migração – o espaço é de todos? 54

3.3 - A escrita da análise 56

4- Capítulo III: Análise **58**

4.1 – Caracterização das Heroínas 58

4.1.1 – Heroína 1 58

4.1.2 – Heroína 2 61

4.1.3 – Heroína 3 62

4.1.4 – Heroína 4 63

4.1.5 – Heroína 5 64

4.2 Cruzando os trajetos – Vidas marginalizadas 66

4.2.1 - Ato 1 – Apresentação – As heroínas são apresentadas ao mundo comum 66

4.2.1.1 Pontos em comum da vida inicial 80

4.2.2 - Ato 2 – Conflito – encontram testes, aliados e inimigos 82

4.2.2.1 Pontos em comum no conflito 88

4.2.3 - Ato 3 – Conflito – Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência.....90

4.2.3.1 Pontos em comum na resolução.....100

Considerações finais.....101

Referências.....106

Apêndices.....111

Me constrói
Cada dia mais uma batalha
Venço, perco, segue empatado
Do lado de cá me fortaleço
Mas eles crescem, não me esqueço

Na mira, sigo perseguida
O corpo, as regras, as normas
Evidência
Hetero, cis, burguês
Essa moral em mim se desfez

Corta, mutila, hormoniza
Transforma a cada dia
De forma desigual é impedida
De ser plenamente reconhecida
Da miséria destinada
À insurreição organizada
Se levanta, me levanto

Sei, nasci pra ser sujeito
Escolhi, decidi, quis ser eu mesma
Me tornei abjeto
Parece comum
Um ser que não parece merecer afeto

Virgínia Guitzel[1]

[1] Poetiza transgênera. Seus textos são encontrados em https://www.esquerdadiario.com.br/Poesias-TRANS-A-arte-da-resistencia-I.

1 - INTRODUÇÃO – VISLUMBRANDO PONTES

Não se acovardem. Ser o que somos não tem preço. Viver uma mentira nos enlouquece. Todo mundo me acha um herói corajoso, não sou. Eu não poderia viver como mulher, seria um inferno pra mim.

João W. Nery [1,2]

O presente trabalho faz parte da minha investigação sobre como é a vida de mulheres refugiadas transgêneros[3] no Brasil, mais precisamente na cidade de Manaus. As cinco refugiadas em questão são oriundas da Venezuela, país latino-americano que passa por uma grave crise política e econômica, devido a uma série de fatores internos e externos. Os textos foram extraídos de relatos em rodas de conversa assistidas na casa com outros voluntários.

---

[2] JOÃO W. NERY nasceu em 1950 e se tornou uma das figuras mais relevantes nas discussões sobre gênero no Brasil. João sempre foi um pioneiro. Em plena ditadura militar, foi o primeiro transgênero masculino brasileiro a passar por cirurgia de redesignação sexual, aos 27 anos. Obrigado a tirar uma nova documentação para conseguir trabalhar, teve que inventar um expediente: alegou ter dezoito anos e querer servir às Forças Armadas.Renasceu como João, mas perdeu seus registros anteriores, incluindo os diplomas de psicólogo e professor. Com o tempo, se tornou uma referência nos debates públicos e acadêmicos sobre gênero e sexualidade, participando ativamente de uma onda que, pouco a pouco, começava a quebrar preconceitos até então muito arraigados em nossa sociedade. Em 2013, inspirou e participou da elaboração do projeto de lei "Identidade de Gênero João W. Nery". Faleceu em 2018, e recebeu postumamente o prêmio Direitos Humanos, do Ministério dos Direitos Humanos. Fonte: https://projetocolabora.com.br/especial/lgbt60-corpos-que-resistem/

[3] Para Lanz 2027, o termo trans é utilizado para se referir a uma pessoa que não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento. Quando nascemos, nossos gêneros são determinados pelo nosso sexo. Assim, uma pessoa que nasce com um pênis é considerada como um homem e uma pessoa que nasce com uma vagina, como uma mulher. Contudo, algumas pessoas percebem que se identificam com outro gênero e passam a viver como assim desejam e se sentem melhor consigo mesmas. O termo “transgênero” foi cunhado apenas na década de 1960, e sempre foi contestado.

Eu fui voluntário[4] do abrigo Casa Miga[5] de novembro de 2018 até dezembro de 2019, e isso fez com que eu tivesse um envolvimento com o tema dos refugiados LGBTQIAPN+. A partir disso, eu não quis utilizar textos produzidos por pessoas cisgêneras e que relatassem a vida das refugiadas trans no Brasil, sua migração quase forçada, mas quis entender a voz desses sujeitos, que muitas vezes são desumanizados e marginalizados em nosso país, através de documentos[6] produzidos em um abrigo para pessoas LGBTQIAPN+ em Manaus, que atende brasileiros e refugiados. É importante ter em vista o próprio discurso do ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro contra imigrantes vindos de países com políticas divergentes da sua e como as relações são estabelecidas no país, seja através do período de governo de Bolsonaro, ou mesmo do que o levou a este cargo, que pode ser o sintoma de como boa parte da sociedade brasileira aceita refugiados e pessoas que migram de países mais pobres do que o nosso.

Segundo o etnógrafo Michel Agier 2015 não dever-se-ia haver uma hierarquia baseada nas fronteiras nacionais, sociais ou étnicas, mas sim termos a liberdade de deslocamento, sem restrições. Logo, as refugiadas não deveriam ser tratadas de forma desigual e desumana com relação aos brasileiros[7], essas questões xenofóbicas não caberiam em um mundo que deveria deixar de lado as fronteiras, principalmente se pensarmos nas questões humanitárias e de sobrevivência.

Uma questão que fez com que me envolvesse na situação humanitária da Venezuela foi a minha participação no projeto Casa Miga, que é uma casa de

---

[4] Segundo definição das Nações Unidas, "voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos."
Em estudo realizado na Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, definiu-se o voluntário como ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, emocional. Fonte: https://projetocolabora.com.br/especial/lgbt60-corpos-que-resistem/

[5] O local da pesquisa com as refugiadas trans foi a Casa Miga, que é um abrigo para LGBTQIAPN+ brasileiros e estrangeiros, situado na cidade de Manaus, sendo o único para pessoas LGBTQIAPN+ do estado do Amazonas e o primeiro, dessa natureza, a receber refugiados no Brasil.

[6] No Abrigo eu produzi documentos em forma de relatos que foram gravados e posteriormente transcritos para serem utilizados na investigação sobre essas cinco mulheres transgêneros da Venezuela.

[7] Muitos relatos espontâneos das refugiadas pontuam que o tratamento dado a elas é algumas vezes discriminatório, inclusive ocorreu uma situação em que foi dito dentro de um posto de saúde que teria em Manaus um hospital para LGBTQIAPN+ venezuelanos e que somente lá seriam atendidos.

acolhimento de refugiados e brasileiros LGBTQIAPN+[8] (Lésbicas, gays, bissexuais, queers, intersexuais e assexuais), que fez com que eu percebesse a realidade dos refugiados e resolvesse pesquisar sobre. É uma realidade complexa e difícil, já que a maioria das mulheres transexuais e as travestis do abrigo e que migraram da Venezuela viveram bastante tempo da prostituição das ruas, inclusive algumas já tiveram diagnóstico de infecções sexualmente transmissíveis[9]. É importante pontuar que as mulheres transgêneros e travestis brasileiras, em sua maioria, foram e ainda são destinadas a prostituição[10], principalmente das ruas, seus corpos são extremamente sexualizados, erotizados e sofrem uma série de violências[11] nas ruas. Essas mulheres travestis e transgêneros que não conseguem ainda se expressar bem em nosso idioma, com pouca formação educacional, muitas vezes sem documentação para que consigam acessar serviços simples prestados pelo governo brasileiro, por questões de sobrevivência são jogadas diretamente na prostituição das ruas.

Quando fui voluntário do abrigo, lecionava Língua Portuguesa semanalmente e auxiliava com outras questões logísticas da casa, tais como suporte em campanhas de recolhimento de donativos, acompanhamento em eventos na casa e fora da instituição. O contato com alguns grupos de refugiados fez com que eu percebesse e conhecesse os problemas que enfrentavam na Venezuela e aqui no Brasil. Fui a alguns locais fora do abrigo com alguns dos abrigados refugiados e conseguia perceber os olhares diferentes a esses corpos dissidentes, falas que menosprezavam e deboches, principalmente com as meninas transgêneros e travestis. As refugiadas e refugiados precisavam ir acompanhados de algum voluntário ou coordenador da casa para serem atendidos em hospitais de forma digna, já que em um hospital da cidade, quando uma das meninas transgêneros foi em busca de atendimento médico, devido a estar com sífilis em estágio secundário, disseram a ela que existia um hospital exclusivamente para venezuelanos em Manaus, hospital que se sabe que não

---

[8] LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

[9] De acordo com o Ministério da Saúde A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST, porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

[10] A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) estima que, no Brasil, 90% das mulheres trans recorram à prostituição para sobreviver.

[11] Segundo a pesquisa realizada na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2006, 85% das trans (travestis e transexuais), já sofreram agressão verbal ou ameaça de agressão. Em relação à violência física, 60% das trans responderam que já foram agredidas (seguidas de 16% dos homossexuais masculinos). Os dados apontam ainda para os locais destas agressões, os quais se concentram (72%) nos espaços públicos (FACCHINI, 2007: 74).

existe. Ou seja, negaram atendimento a ela por ser mulher transgênera e venezuelana. Sabemos que os direitos as pessoas LGBTQIAPN+[12] são restritos em nosso país, quando se trata de pessoas transgêneros e travestis[13] a situação ainda é mais extrema.

Quando o contato com essas meninas trangêneros e percebendo as situações que elas passaram durante o deslocamento e quando aqui chegaram, fiquei instigado a entender e pesquisar a situação. A pesquisa buscou cumprir os seguintes objetivos:

O objetivo geral:

- Analisar e compreender as formações discursivas presentes nos textos das mulheres refugiadas transgêneros venezuelanas.

Objetivos específicos:

- Descrever as diferentes posições dos sujeitos através do discurso dos refugiados;

- Contrastar as diferentes relações entre o corpo transgênero na Venezuela e no Brasil, o que há em comum na imagem dos corpos marginalizados.

Além da experiência no abrigo, também sou um homem gay[14] cisgênero, ou seja, eu me identifico com o gênero que me foi atribuído no nascimento. Eu tinha seis ou sete anos na primeira vez que fui chamado de “gay”. Nem sequer entendia o significado dessa palavra, apesar de perceber que fora utilizada pela outra criança que a proferiu, uma prima não muito mais velha, em um sentido totalmente pejorativo e relacionando com uma fala de uma tia que já questionava meu comportamento estranho. Percebi que “gay” era algo negativo, algo a ser evitado. Naquele instante, o que estava sendo colocado em jogo não era propriamente minha sexualidade; era a

---

[12] De acordo com o Grupo Gay da Bahia, o Brasil continuou sendo em 2023 o campeão mundial de homicídios e suicídios de LGBT+: 257 mortes violentas documentadas, um caso a mais do registrado em 2022. Uma morte a cada 34 horas! Os dados são divulgados desde 1980 (44 anos) pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga ONG LGBT da América Latina. Tais conclusões baseiam-se em informações coletadas na mídia, nos sites de pesquisa da Internet e correspondência enviada ao GGB, já que não existem estatísticas governamentais sobre esses crimes de ódio contra a população LGBT. Deve-se considerar ainda mais 20 mortes que se encontram em uma espécie de limbo aguardando mais pesquisa e eventual confirmação, o que elevaria então para um total de 277 mortes violentas. observatorio-2023-de-mortes-violentas-de-lgbt-1.pdf (grupogaydabahia.com.br)

[13] Travesti é uma pessoa que foi designada homem no seu nascimento, mas se entende como uma figura feminina. Durante muito tempo, o termo era considerado pejorativo ou associado à prostituição. Contudo, atualmente o conceito vem sendo ressignificado e passou a ter mais peso político. Há pessoas que afirmam com orgulho que são travestis devido à história do termo.

[14] O vocábulo Gay a partir dos anos de 1950 começou a ser utilizado para definir principalmente homens homossexuais, que são aqueles que têm desejo pelo mesmo sexo, a sua orientação sexual é homossexual. Fonte: https://projetocolabora.com.br/especial/lgbt60-corpos-que-resistem/

capacidade de desempenhar “corretamente” papéis sociais pautados nas normas de gênero. Eu não era “gay” porque me relacionava afetiva ou sexualmente com uma pessoa do mesmo sexo, mas, sim, por não me adequar às performatizações[15] do gênero, àquilo que se espera de um menino, e de um futuro homem.

Eu era meio delicado, eu era um pouco efeminado, eu era o estranho entre os meninos. Eu gostava de ficar em casa com minha mãe e irmãs. Eu era péssimo jogando futebol, esporte que não me chamava atenção em nada. Já as bonecas das minhas irmãs e primas, maquiagem e sapatos de salto alto me encantavam. Não gostava de brigar. Enfim, já demonstrava ser um desviante no que concerne a um conjunto de normas e padrões que tolhem toda e qualquer expressão de gênero que não corresponda a uma ordem binária[16], calcada na biologia dos corpos. Se havia nascido com um pênis, teria de ser exclusivamente um menino, um homem macho e viril, e desempenhar de maneira satisfatória os códigos e discursos que me precediam.

Não é difícil imaginar que minha vida, da infância até hoje, foi permeada por violências múltiplas, provenientes de uma sociedade e cultura que discriminam aquelas e aqueles que evadem de algum modo os limites de uma legibilidade fundamentada na dicotomia do gênero[17] e na heterossexualidade. Como exemplo dessas violências, aos oito anos fui perseguido e chutado por meninos por eu ser “gay”. Na escola, esse era um ambiente propício para minhas inconformidades ao gênero masculino servirem de adubo aos preconceitos cultivados desde muito cedo. Agressões verbais e físicas se tornaram corriqueiras, tanto por parte de outras e outros estudantes como de professoras, professores, funcionárias e funcionários. Uma vez uma professora começou a me chamar de Mariazinha porque eu não conseguia responder um questionamento, e eu tinha sete anos e estava na segunda série do Ensino Fundamental. Dessa forma, fica claro que realmente seria custoso desassociar

---

[15] A performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito (BUTLER, 2003: 200).

[16] A binaridade de gênero constituída entre homem e mulher interfere na subjetividade do sujeito. Separar os gêneros em binários limita os corpos em uma característica engessada. Os papeis sociais ganham essa dimensão e produzem subjetividades escravizadas pelos próprios meios que as conduz. Fonte: https://projetocolabora.com.br/especial/lgbt60-corpos-que-resistem/

[17] O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003 25).

de minha vida às questões de gênero e sexualidade. Elas fazem parte de minha história e de minhas subjetivizações.

Comecei a me entender como gay somente com meus dezessete anos, em uma cidade média no sul do Rio Grande do Sul, cujo nome é Rio Grande, no fim dos anos noventa do século passado, não tinha contato com mulheres travestis ou transgêneros, com relação aos homens então, nem se tinha notícia. Quando se sabia de alguma mulher travesti (na época não se falava muito do termo transgender – transgênero), a maioria das pessoas tratavam com escárnio e uma certa repulsa. Eram as cabeleireiras e prostitutas da cidade, que enganavam e roubavam as pessoas. Esse imaginário, ao menos no Sul do meu estado, era também aumentado por questões religiosas, uma vez que as religiões de matriz africana são fortes nessa região e são muito ligadas a um grande preconceito pela maioria da sociedade. Elas eram muito marginalizadas, vistas como "batuqueiras" e que queriam o mal das demais pessoas. O termo batuqueiro não é pejorativo, mas por se tratar de uma religião de matriz africana, praticada principalmente no Sul do Rio Grande do Sul, acaba tornando o termo carregado de preconceito quando usado por quem não pratica o culto. Com esse discurso a respeito dessas mulheres que eu convivi e acabei acreditando durante minha juventude e início da fase adulta.

Uma questão que foi bem forte em minha vivência inicial sobre mulheres trans, foi quando uma menina da minha cidade fez todo processo de transição, fez a hormonioterapia, algo que naquele período não era de tão fácil acesso, colocou próteses, fez todo caminho que a maioria das mulheres travestis e transgêneros faz, e o que me causou estranheza foi, depois de todo processo, ela começou a namorar meninas, e no tempo em que eu morava lá, ela só namorava meninas. Soube que era lésbica, ou seja, foi o primeiro momento que comecei a estranhar e depois a entender a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. Ela era uma mulher trans que gostava de mulheres, hoje eu compreendo mais facilmente, mas naquele período era uma situação que gerava estranheza e curiosidade.

Caio Fernando Abreu em sua Crônica "Meu amigo Cláudia", em que escreve sobre sua amiga, a famosa cantora e atriz, que fez sucesso nos anos setenta e oitenta do século passado, Cláudia Wonder[18]. Ele coloca de forma bem expressiva

[18] Foi uma artista performer brasileira, escritora, cantora-compositora, colunista e militante travesti pelos Direitos LGBTQIA+.

os sentimentos da sociedade com relação as mulheres travestis e o seu sentimento com relação a esse entre mundos. Para Abreu em Wonder (2008):

> Para aquele senhor, e para a maioria de todos os outros senhores do mundo, a presença de Cláudia deve representar a suprema transgressão, a mais perigosa das ameaças. Tanto que andam matando pessoas como Cláudia, na noite negra e luminosa de Sampa. É que meu amigo Cláudia incorporou, no cotidiano, a mais desafiadora das ambigüidades: ela (ou ele?) movimenta-se o tempo todo naquela fronteira sutilíssima entre o "macho" e a "fêmea". Isso em uma sociedade em que principalmente o genital é que determina o papel que você vai assumir. Porque se você é homem, você tem de fazer isso e isso e isso – não aquilo. E se você é mulher, deve fazer aquilo e aquilo e aquilo – não isso. (p.71)

A estranheza dos senhores presente no texto não é de se espantar, a questão do gênero é crucial em nossa subjetivação, antes de nascermos já somos interpelados pela questão, quando os pais começam a fazer o enxoval baseado no sexo do nascimento, já começam a escolher as cores, meninas vestem rosa e meninos vestem azul. Os brinquedos são de acordo com o sexo também, os ligados às questões domésticas e de beleza são mais destinados às meninas, e os relacionados ao mundo do trabalho, questões bélicas e automotivos são dados aos meninos. Dificilmente os país fogem desse binarismo de gênero. Eu me identifiquei com essa estranheza na adolescência, não consegui entender a transgeneridade, para mim era algo que causava medo e distanciamento. Hoje, estou mais próximo ao discurso do amigo de Cláudia Wonder, sei que são mulheres e homens transgêneros, e não me importa o que são, mas sou agradecido por seu vanguardismo nas lutas LGBTQIAPN+ desde Stonewall In, com a força de mulheres transgêneros como a afro-americana Marsha P. Johnson e a latina Sylvia Rivera.

Ainda na cidade do Rio Grande, comecei a saber de histórias de pessoas conhecidas que começaram processos de transição, isso já era no início dos anos dois mil, já estava na faculdade de Letras e com pensamento mais arejado com relação a essas vivências. Vários homens transgêneros começaram seus processos, pessoas que até aquele momento se viam como do gênero atribuído no seu nascimento e que tinham uma orientação sexual divergente, até a transição eram mulheres lésbicas, mas com maior conhecimento das questões de gênero, acredito que esses sujeitos começaram a entender sua identidade e começaram a passar pelas suas trajetórias.

Cabe pontuar que me mudei para Manaus em 2012, quando tomei posse no concurso da SEDUC-AM, no ano anterior prestei concurso quando tinha visitado

minha sobrinha e minha irmã, que já residia aqui há alguns anos. Devido a ter menos oportunidades na minha cidade e o mercado ser mais concorrido, acabei me mudando para terras manauaras. Esse fato fez com que me identificasse um pouco com as meninas venezuelanas pesquisadas, já que mesmo estando no mesmo país, há grandes diferenças entre o Norte e o Sul do Brasil, o que de alguma maneira faz com que eu, eventualmente, sinta-me um estrangeiro no meu país. Isso não é ruim, mas é um ponto de identificação entre essas mulheres e o pesquisador. A ideia de estar, mas não fazer totalmente parte, pelo menos não ainda.

Em *Laerte-se*, documentário homônimo baseado na vida da grande cartunista trans Laerte Coutinho[19] é dito que dificilmente um corpo está resolvido para todo sempre, que estar no mundo fisicamente exige uma segurança, todos nós estamos sempre em processos de mudança. Essa fala de Laerte tem uma relação com a Teoria do Devir[20] de Heráclito de Éfeso, em que Ninguém é a mesma pessoa depois de se banhar em um rio e nem mesmo o rio é o mesmo depois que nos banhamos outra vez, tudo está em constante mudança. Os sujeitos e os ambientes estão em eternas mudanças, assim como essas pessoas em seus processos de transição perceberam a necessidade de se adequarem ao gênero que mais se identificavam. Cabe a sociedade entender esses processos, que são tanto desses sujeitos, quanto do próprio âmbito social.

Quando me mudei para Manaus, comecei a trabalhar no Ensino Médio, na Escola Estadual Maria Amélia do Espírito Santo, e me deparei com muitas mudanças positivas com relação aos jovens. Ainda há muito desconhecimento e exclusão, mas tive minha primeira aluna assumidamente travesti, ainda estava começando sua transição. Ela foi uma das mulheres que fizeram com que eu percebesse a realidade difícil e o meu papel social enquanto homem cisgênero gay branco, comecei a entender que não podia ficar no meu lugar confortável e aceitar as situações a que a maioria dessas mulheres e homens trans passavam e passam. Discussões que já deveriam ser inexistentes, questões como o uso do nome social,

---

[19] Laerte Coutinho é cartunista, chargista e roteirista, uma das mais famosas da área no Brasil. Ao longo da carreira, colaborou para diversas publicações, incluindo O Pasquim, Veja, Istoé, Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo. Entre obras literárias publicadas, também criou tiras com personagens marcantes e populares na imprensa, como Overman, os Piratas do Tietê, Suriá e Muriel/Hugo. Fonte: Documentário Laerte-se

[20] Heráclito desenvolveu uma concepção sobre as transformações que ocorrem na realidade, apontando para uma perspectiva dialética, um movimento resultante do embate entre a "tese" e a "antítese", o ser e o não-ser, que constituem uma síntese contraditória e permanente. A dialética é um movimento onde o mundo, os seres e as coisas estão em constante transformação.

questionamento com relação ao uso do banheiro, julgamentos ao comportamento, exclusões que se não fosse o apoio familiar que essa minha primeira aluna travesti teve, e também o suporte de alguns atores escolares, que sempre buscavam proteger os poucos direitos dessa minoria tão massacrada, talvez não permitiriam que ela chegasse a uma universidade.

Lembro de um aluno em 2014, quando havia lecionado para sua turma, sempre conseguia as melhores notas em vários componentes curriculares, relatava alguns problemas em sua família, questões relacionadas a não aceitação se sua orientação sexual, mas sempre se pensava que era algo corriqueiro. Ele passou do segundo ano do Ensino Médio para o terceiro. Começou a faltar muito, devido aos problemas familiares. Desistiu da escola, fiquei bem inquietado, mas não era possível fazer nada naquele momento. Em alguns meses ele fez a transição, algo que ninguém imaginava até então. Era um rapaz bonito e com rosto que lembra os ideais de beleza femininos. Quando completou sua transição, tornou-se uma mulher transgênero passável, conseguir se assemelhar muito às mulheres cisgêneras. Mudou-se para São Paulo e sempre mantive contato por redes sociais. Ela relatou que foi para lá para a prostituição e conseguira fazer todas suas cirurgias. Foi surpreendente, mas até aquele momento era a vida dela, não há problemas em se prostituir, o problema é quando isso é feito de forma violenta. Ela se demonstrava bem naquela situação, conseguia se sustentar e estava afastada dos problemas de seus familiares. Infelizmente, devido a uma série de situações, em 2020 ela cometeu suicídio, e sua grande lacuna foi a aceitação materna. Então tracei um paralelo, mesmo que seja empírico, com relação a minha primeira aluna trans e ela, infere-se que o apoio familiar que a primeira recebeu foi importante para que ela almejasse outros objetivos, já a saída para a outra foi a prostituição e o afastamento da família. A aceitação da família, especialmente com relação às pessoas transgêneros, pode ser determinante na vida desses sujeitos. A exclusão e marginalização social junto com a negação do acolhimento familiar pode ser fatal para essas pessoas.

Os apagamentos ligados ao nome social, ao uso do banheiro que a pessoa se sente mais confortável, de acordo com o gênero que se identifica, são sistemáticos e continuam no Brasil, trata-se de uma morte simbólica dessas pessoas, o que não se leva em consideração é como se não existisse. Ainda mais em um período em que o conservadorismo conseguiu um espaço político e se projeta através de redes sociais e aplicativos de conversa como Telegram e WhassApp. Fakenews relacionadas a

estupros cometidos por pessoas transgêneros em banheiros compartilhados são comumente compartilhadas e propagadas por pessoas sem conhecimento ou que buscam segregar mais esse grupo. Casos até mesmo reais e que não tem relação com a identidade de gênero divergente, mas sim com falhas do estado, são tratados como se fizessem parte da “natureza” trans, querendo tornar patologia o que é uma identidade legítima.

Todas essas situações vivenciadas e vividas por mim fizeram com que eu tivesse a necessidade de me embrenhar por esse universo divergente e considerado fora da curva, conhecer um pouco sobre esse lugar de deslegitimação e repugnância que a sociedade coloca esse grupo, saber mais sobre essa identidade marginal dentro dos próprios marginais que são os LGBTQIAPN+.

Com relação ao refúgio, o que me inquietou foi eu ter escolhido a mudança do Sul para o Norte do país, na época não foi algo fácil, mas a necessidade de passar em um concurso público e a competição maior pelas vagas na minha região do estado fizeram com que eu migrasse. Apesar das enormes diferenças sociais e culturais dessas regiões extremas do país, ainda estou no Brasil e me sinto parte do Amazonas, todavia sinto falta de muita coisa da minha terra de origem. Eu me impactei com a situação dos refugiados e me gerou muita empatia essa mudança quase forçada, ligada à necessidade de sobrevivência imediata, ou elas se mudavam, ou poderiam nem estar mais vivas, seja devido à fome, seja devido à violência sem precedentes na Venezuela gerada pela crise política e econômica. Sempre me inquietou o lugar na constituição das pessoas, dos sujeitos, a falta do clima, dos alimentos típicos, os costumes, da família, das ligações sociais estabelecidas através de normas locais, imaginas a como uma identidade consegue se reconfigurar com tantas mudanças.

Todos esses abusos com relação aos direitos humanos[21] das refugiadas transgêneros fizeram com que eu sentisse a necessidade de entender mais sobre o que leva o ser humano a excluir seus iguais por terem relações diferentes com seus corpos. Sabemos que o que leva a isso é uma série de discursos e práticas discursivas

[21] Os direitos humanos incluem o direito à vida, à liberdade, ao trabalho, à educação e à moradia. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), eles são fundados no respeito pela dignidade e pelo valor de cada pessoa. Fonte: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos

que desrespeitam os corpos transgêneros e de refugiados de alguns países da América Latina e do mundo.

A ideia é tentar possibilitar mais visibilidade àqueles e àquelas que são invisíveis em nosso espaço social, pessoas que são taxadas de forma preconceituosa como preguiçosas, que vivem de “auxílios e de esmolas” – textos propagados por pessoas que desconhecem a realidade de refugiados e de pessoas marginalizadas socialmente. Os refugiados, na realidade, não têm possibilidades de continuarem em seu país e são discriminados e estigmatizados aqui, sobretudo com relação à situação das mulheres transgêneros e travestis, que sofrem uma dupla marginalização, por identidade de gênero e por serem refugiadas de uma país que é mal visto por suas escolhas políticas e sociais. Mas, em um olhar mais profundo, cético e pragmático, não deixo de levar em consideração que uma das coisas que mais motiva a escrever a dissertação, que é a “falta”, ou o “apagamento”, a falta ou apagamento do quê, exatamente? Para compreender a situação, utilizo dos escritos de Boaventura de Sousa Santos (2000), em que o autor nomeia como a “Sociologia das Ausências”, que nos diz que aquilo que não existe, é na verdade ativamente produzido como não existente. Como uma experiência não-credível de existência.

O primeiro capítulo situa a pesquisa e seus objetivos, já o segundo capítulo deste trabalho traz o referencial teórico em que se embasou a pesquisa com as mulheres transgêneros, desde a teoria central da Análise de discurso de Michel Pêcheux, a teoria da Jornada do Herói de Joseph Campbell, a teoria Queer de Judith Butler e questões referentes à migração dessas refugiadas venezuelanas. Já o terceiro capítulo discorre sobre a metodologia utilizada para a análise das dos cinco relatos e um detalhamento maior do lugar em que foram realizadas, ou seja, quais as condições de produção desses relatos. Há um aprofundamento da Jornada do Herói de Joseph Campbell e sua utilização como metodologia para análise dos textos a partir da Análise de Discurso de Pêcheux. Por sua vez, o quarto capítulo é sobre a análise dos textos coletados na Casa Miga, em que foram verificadas as formações discursivas desses sujeitos que buscaram refúgio em nosso país, nele são construídas as diferentes posições sujeito e quais os pré-construídos presentes nos relatos dessas mulheres. No quinto capítulo são colocadas as considerações finais.

1.1 JUSTIFICATIVA – A NECESSIDADE DE RESISTIR

O crescente número de refugiados venezuelanos fez com que o tema recebesse relevância de ser pesquisado. Atualmente, no Brasil, há milhares refugiados venezuelanos, e o número da diáspora venezuelana no mundo é da ordem de três milhões e quatrocentos mil refugiados, sendo que mais de um milhão se encontra em território colombiano, segundo a ONU[22].

Pesquisar sobre refugiados homossexuais, transexuais, travestis, transgêneros, bissexuais se torna relevante, já que é um grupo muito vulnerável e que muitas vezes sofre perseguição em seus países, busca-se verificar como é o tratamento com relação a essas pessoas no Brasil e em seus lugares de origem. Além disso, pessoas transgêneros são ainda mais estigmatizadas e marginalizadas, para Letícia Lanz, em sua dissertação *O corpo da roupa*, pessoas trans são significadas da seguinte maneira:

> As pessoas transgêneras são tratadas como marginais pela sociedade por serem consideradas transgressoras do dispositivo binário de gênero. Se a transgeneridade não fosse considerada transgressão não haveria estigma, nem preconceito, nem patologia, nem transfobia, nem repressão, nem armário. Não fosse essa transgressão não haveria tantas e tão pesadas sanções pairando permanentemente sobre a cabeça de todas as pessoas transgêneras. Não seríamos violentamente afastadas do convívio familiar, não sofreríamos bullying na escola, não nos discriminariam no mercado de trabalho, não nos tornariam objeto de gozação e escárnio. Nem seríamos mortas nas ruas, todos os dias, feito moscas, por “zelosos” agentes da ordem social machista vigente. (p. 114)

Cabe salientar a história do movimento LGBTQIAPN+, que começa mais fortemente a partir da Revolta de Stonewall [23]em 1969, na cidade de Nova Iorque, que para muitos foi onde a ideia de orgulho para a comunidade começou. Logo após o evento, começou o movimento na cidade e depois no mundo com as passeatas do Orgulho Gay[24], inicialmente, passando por siglas como GLS[25], LGBT[26] e a atual, LGBTIAPN+.

---

[22] Fluxo de migrantes venezuelanos no Brasil cresceu mais de 900% em dois anos | ONU News

[23] A Revolta de Stonewall e a Christopher Street Gay Liberation Day, promovida pela organização e movimentação política de ativistas LGBTQIAPN+, foram chaves para o futuro do movimento moderno em favor da comunidade e busca pelos seus direitos civis https://super.abril.com.br/historia/a-historia-da-primeira-parada-do-orgulho-lgbt/

[24] O início do movimento dava um protagonismo para os homens gays.

[25] Gays, lésbicas e simpatizantes – sigla em desuso.

[26] Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – a sigla começa pelo L para dar um protagonismo às mulheres lésbicas.

A criação do termo "transexualismo" foi em 1953, por Henry Benjamin, médico clínico estadunidense. Já em 1968, Robert Stoller, um professor de Psiquiatria dos EUA trouxe para a psicanálise o conceito de "gênero". - não coerência entre sexo e gênero, patologização das pessoas transgêneros. Em 1980, o termo transexualidade consta no DSM III e em 1990 e 2000 - instaurado o Dia Internacional da Memória Transgênero.

Apenas em 1990, a OMS[27] tirou a homossexualidade do rol de patologias; Não é transtorno desde 1973 no DSM (Manual Estatístico de Transtornos Mentais). E em 2019, a mesma OMS retira a transexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde.

Em artigo publicado em outubro de 1984 na revista *Saúde Pública*, o médico Ruy Laurenti (1931-2015), professor da Faculdade de Saúde Pública da USP e diretor da seção brasileira do Centro da OMS para a Classificação Internacional de Doenças, pontuou que já naquela época havia um movimento pedindo a retirada de "homossexualismo" da CID. Mais comum na época, o termo homossexualismo, por si só, já carrega um peso pejorativo devido ao sufixo "ismo" – que muitas pessoas associam a patologias, doutrinas e ideologias.

É preciso lembrar de outra classificação, a chamada DSM (em português, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Publicado desde 1952, o manual é elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria. Nele, homossexualismo também era tratado como doença. Uma revisão foi feita em 1973, e a homossexualidade deixou de constar como transtorno mental a partir da republicação do manual no ano seguinte.

Profissionais de saúde mais experientes se recordam das dificuldades em encarar a questão da homossexualidade antes da revisão da OMS. A começar pelo termo utilizado – "homossexualismo", com carga pejorativa.

Além disso, não há legislação consolidada que assegure os direitos de pessoas transgêneros refugiadas e migrantes. Contudo, há alguns mecanismos internos que possibilitam a ampliação dos direitos a essa população. Em 2009 foi estabelecida portaria que assegura o uso no nome social no cartão do SUS (Sistema

[27] A OMS é a agência especializada em saúde da ONU, que trabalha com 194 Estados-Membros para melhorar a saúde de todas as pessoas, em todos os lugares. Sobre a OMS (who.int)

Único de Saúde). Em 2011 foi instituída a Política Nacional de Saúde Integral LGBT[28], o que possibilitou, formalmente, atenção integral e reconhecimento de especificidades da população neste âmbito. O Decreto nº 8.727/2016, reconheceu a identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais na esfera da administração pública federal direta e indireta, autárquica e fundacional. Desde 2017 passou-se a adotar o uso do nome social no Cadastro de Pessoa Física (CPF) e nas escolas públicas de educação básica. Em 2018, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) regulamentou a alteração de nome e gênero nos cartórios de todo o país. Utilizando esses mecanismos nacionais, sem prejuízo da Constituição Federal e de previsões internacionais, deve-se ter o reconhecimento de pessoas transgêneros e travestis refugiadas e migrantes.

Pesquisas sobre os refugiados[29] podem auxiliar na implementação de políticas públicas para essa população, que não é apenas de venezuelanos, mas também de outros países que sofreram com problemas humanitários, tais como Haiti e Cuba. Através de pesquisas o governo brasileiro pode verificar quais as demandas dessas pessoas e como melhorar suas vidas dentro do nosso país.

Levantamentos sobre a realidade dos grupos minoritários, seja de imigrantes, seja de pessoas com identidades de gêneros divergentes, faz com que os invisíveis se tornem existentes, é uma forma de diminuir os abismos sociais em uma sociedade capitalista desigual como a nossa. No país que mais mata transexuais, travestis e transgêneros, faz-se urgente e necessário que sejam fomentados estudos sobre a realidade desse grupo.

Inserir os grupos minoritários como transgêneros fará a sociedade brasileira mais justa e humana, medidas de equidade e respeito devem ser tomada em todas as esferas, políticas públicas que protejam mulheres transgêneros e travestis, não apenas relacionadas a distribuição de preservativos e palestras sobre IST's, mas promoção do bem estar social dessas pessoas, incentivos às empresas com relação à empregabilidade e projetos de inserção dessas mulheres nas escolas

---

[28] Sigla que englobava um número menos de identidades de gênero (não se colocavam as pessoas quer), orientações sexuais (faltam os assexuais, pansexuais) e sexos (intersexuais).

[29] O Estatuto dos Refugiados do Alto comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) prevê no artigo 6.A.II que refugiado é a "pessoa que, como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951, e devido a fundados temores de ser perseguido por motivos de raça, religião e nacionalidade ou opinião política, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, em razão de tais temores ou razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira receber a proteção desse país, ou que, por carecer de nacionalidade e estar fora do país onde antes possuía sua residência habitual não possa ou, por causa de tais temores ou de razões que não sejam de mera conveniência pessoal, não queira regressar a ele." Fonte: https://www.acnur.org/portugues/

e universidades, e que as escolas estejam mais humanizadas e preparadas para acolher e respeitar os direitos transgêneros.

Uma das principais demandas é capacitar os professores de Língua Portuguesa a ensinarem o idioma como Segunda Língua, já que muitos refugiados não conseguem emprego e outras oportunidades devido à dificuldade linguística. Essas pessoas que vem migrar para nosso país precisam de condições para terem uma vida digna e com todos os direitos humanos assegurados, como está na lei de Imigração 13345/17[30], sancionada pelo então presidente Michel Temer.

Alguns incisos da lei cabem ser citados na pesquisa:

Art. 3º A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes:
I - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos;
II - repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação;
III - não criminalização da migração;
IV - não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional;
VI - acolhida humanitária.

[30] Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA –

"A navalha mais afiada contra a transfobia é o conhecimento."
Meg Rayara[31]

A linguística teve sua origem marcada a partir do *Curso de Linguística Geral* de Fernand de Saussure, obra póstuma que foi publicada em 1916. Até então, estudar uma língua era, na maior parte das vezes, estudar textos, e colocar a seu respeito questões de natureza variada provenientes, ao mesmo tempo, da prática escolar que ainda é chamada de compreensão do texto, e da atividade do gramático em estudar aspectos normativos e descritivos.

A Análise do Discurso surgiu na década de 1960 na França, tendo o discurso como objeto de estudo. Sendo assim, através desta forma de pensar que nasce o projeto da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, que apoia sua teoria numa formação filosófica e materialista, em um questionamento crítico sobre a Linguística. Pêcheux, ao instituir a AD coloca o estudo do discurso em outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. A Análise do Discurso é uma área de entremeio que se estrutura no espaço que há entre a linguística e as ciências das formações sociais (materialismo histórico e psicanálise).

A AD reside na articulação dessas três regiões do conhecimento científico, o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias e as relações de dominância existentes na sociedade; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. As três regiões articuladas e atravessadas pelas

---

[31] Megg Rayara Gomes de Oliveira nasceu em 08 de outubro de 1975, em Cianorte, no interior do Paraná. Era uma criança bicha portadora de uma sexualidade disparatada. Na escola foi apresentada às normas de gênero de maneia muito violenta. A produção artística apareceu na sua vida, como uma possibilidade de transgressão e de comunicação com manifestações de seu íntimo. Ingressou no curso de Licenciatura em Desenho e Plástica e após ser reprovada por 4 vezes no mestrado tinha a consciência que a academia tinha suas características normalizadoras e normatizantes. Em 2017, tornou-se a primeira travesti negra a obter o título de doutora no Brasil. Em 2019 foi nomeada como professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, atualmente é a coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da UFPR.

questões psicanalíticas (teoria da subjetividade). O que a análise de discurso procura dar a conhecer é o caráter histórico da linguagem, visto que esse campo de estudo é de ruptura.

Para Orlandi 2015:

> A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (p. 15)

É importante salientar, novamente, que o objeto da Análise do Discurso é o próprio discurso, que é entendido como efeito de sentido entre indivíduos interpelados em sujeito pela ideologia. Ao se propor estudar o discurso, a AD busca ver a língua não apenas como transmissão de informações ou o simples ato de fala, noções anteriores de estudos linguísticos, mas a língua numa visão discursiva que busca a exterioridade da linguagem como a ideologia e o fator social. Orlandi (2005), ao discorrer sobre o objetivo da AD, menciona que na Análise do Discurso toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem e o meio social e natural em que vive, assim, a AD toma a língua como uma forma de relação entre os sujeitos, em que os mesmos são interpelados todo momento pela ideologia.

Sendo a língua um método interpelação ideológica, para compreender um texto é necessário que haja um contexto ou uma situação em que o enunciado é produzido, a esse contexto Pêcheux denominou condições de produção. As condições de produção são de extrema importância para interpretar um texto, pois liga o texto a sua historicidade, mas mesmo sem o contexto a interpretação pode ser realizada, apenas teremos efeitos de sentido diferentes. Mas mesmo com as condições de produção, sujeitos diferentes interpretam de forma distinta, já que podem ter formações ideológicas e discursivas também diferentes, ou seja as subjetividades fazem com que sujeitos diferentes interpretem o mesmo texto de formas distintas. Para a interpretação de textos se faz necessário “manutenção da materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização” (Pêcheux 1999, 52). É essa memória que, no dizer de Pêcheux (1999, 52), “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem ‘restabelecer os implícitos’ de que sua leitura necessita”. Para se compreender um texto é necessário resgatar outros anteriores com os já ditos e, inconscientemente, perceber o que é regular, sem esses elementos o movimento interpretativo sofre deslizes.

Em Orlandi (2015) para a Análise do Discurso, um texto pode ter diferentes Efeitos de sentidos, para a AD não é tão importante a ideia de autoria como individual, mas que sujeito produziu o texto, a partir de qual formação discursiva e como irá interpelar outros sujeitos, dessa forma criando os efeitos de sentido distintos.

Para Pêcheux: “o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou proposição por uma palavra, expressão ou proposição” isto quer dizer que os elementos passam a se confrontar de modo que revestem sentidos; passar a ter diferentes sentidos, dependendo de quem os emprega e como os emprega. Um discurso com a palavra “veado” se referindo a um homem gay cisgênero pode ter diferentes sentidos, tudo depende de quem emprega o termo, para quem o emprega e o período sócio-histórico. Atualmente, essa palavra, principalmente no meio LGBTQIAPN+ perdeu o aspecto pejorativo, mas quando uma pessoa cisgênera heterossexual utiliza, a palavra ganha nuances de homofobia, principalmente quando é relacionada a intimidade que existe entre os sujeitos.

Pêcheux em O discurso: estrutura ou acontecimento expõe que:

> A Análise de Discurso — quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura — se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o lingüístico, que constitui a materialidade específica do discurso. (P.10)

A transexualidade ou transgeneridade entra dentro de um conceito importante da obra de Michel Pêcheux, que nos ensina que é preciso ousar se rebelar. O que é mais transgressor em uma sociedade cisheteronormativa do que se rebelar contra o próprio corpo e transgredi-lo. Conseguir ter direitos plenos sobre os rumos de seu corpo. Segundo Pêcheux “É preciso ousar pensar por si mesmo”. Na teoria pechetiana, marcada pela relação sujeito, ideologia e língua – encontro pistas de que a transgressão dos corpos transgêneros acaba sucumbindo a um assujeitamento do discurso dominante. A maioria das mulheres transgêneros ocupa o lugar social que lhes foi permitido, através do discurso, corpos que são preenchidos por silicone industrial, em sua maioria, que são objetos de desejo de homens que as procuram nas noites das cidades brasileiras, mas que durante o dia, simplesmente são tratadas de forma excludente, depreciativa e escarnecedora. Mônica Ferreira Cassana em Corpo E(m) discurso diz que:

> Diz ainda Pêcheux “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias”. Por meio das formações imaginárias , o

> sujeito é designado a ocupar esses lugares, não havendo discurso que não apresente , em sua organização, um esquema de construções imaginárias em que são levadas em consideração: a imagem de B para o sujeito A; e a imagem do sujeito B para si e a imagem dessas imagens e o modo como se relacionam no discurso permitem verificar as relações de força (exteriores à situação do discurso) e as de sentido (que se manifestam nessa situação) (p. 34)

O sujeito indivíduo interpelado em sujeito do discurso pela ideologia, lugares (centros das cidades, áreas de prostituição e salões de beleza), posições (aceitação do modelo de vida imposto pelo discurso dominante) e modos de ser que estão previamente determinados. A questão dos modos de ser previamente determinados fica estreitamente ligada às mulheres cisgêneras, mesmo como uma releitura. No caso das refugiadas venezuelanas, esse modo está extremamente ligado ao mundo da beleza, ao mundo das misses, haja vista o grande êxito que a Venezuela tem em concursos de beleza femininos, tais como Miss Universo, Miss Mundo, Miss Internacional e Miss Terra. As mulheres transgêneros são interpeladas por esse discurso e buscam um ideal de beleza mais próximo da cisgeneridade.

Pêcheux em O discurso: estrutura ou acontecimento diz que:

> De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um “mundo semanticamente normal”, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (e antes de tudo com a distribuição de bons e maus objetos, arcaicamente figurados pela disjunção entre alimento e excremento). (P.34)

O discurso da transgeneridade está diretamente ligado com a aparência, de acordo com as formas que seus corpos e corpas vão tomando, elas e eles vão sendo categorizados e quanto mais se parecem com pessoas cisgêneras, mais “normais” se sentem e aceitas pela sociedade. Os homens transgêneros, que não são o objeto de pesquisa deste trabalho, aqui são citados como um exemplo, para se tornarem mais aceitos, usam binders (talas) para ocultarem os seios para diminuir a sensação de disforia de gênero. Essa disforia, além das questões do sujeito, perpassa por questões sociais, cobranças dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+. Por sermos seres biopsicossociais, os discursos interpelam esses homens transgêneros a utilizarem os binders para se parecerem cada vez mais com homens cisgêneros. A psicóloga Letícia Lanz, em sua dissertação O corpo da roupa coloca essa necessidade de aceitação social da seguinte maneira:

> São as normas de gênero que determinam os limites e possibilidades de nossas vidas de organismos biológicos “aprisionados e apropriados para uso exclusivo do sistema social. São elas que, se forem devidamente seguidas e respeitadas, nos proporcionam um lugar reconhecido e legitimado, de homem ou de mulher, dentro da matriz identitária “oficial” da sociedade. Da mesma forma, desobedecê-las, desconhecê-las ou afrontá-las significa não apenas ser privada de um “rótulo de gênero”, passaporte indispensável para a vida em sociedade, como também atrair sobre si toda sorte de dano moral e material. Ou seja, as mesmas normas que promovem a nossa inclusão social são capazes de nos condenar às formas mais terríveis de abjeção, estigmatização, violência e exclusão. (p. 113)

Não se pode esquecer que muito desse discurso da transgeneridade e da transexualidade, quero salientar que há a preferência para a palavra transgeneridade, já que o gênero é uma construção e não está ligado à genitália, já que a palavra transexualidade está muito ligada à questão médica e de procedimentos cirúrgicos. Simone de Beauvoir, em seu pensamento célebre, diz que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, dessa forma o discurso é que se tornar mulher requer o rito da mudança corporal médica, mesmo que saibamos que atualmente a transgeneridade dá conta de que não precisa de procedimentos incisivos para que uma mulher transgênera precise de uma vagina ou um corpo todo siliconado. Mas é o lugar comum que a sociedade, através das práticas discursivas coloca a mulher transgênera, ela precisa ter um corpo mais “passável”, ou seja, que se aproxime mais de uma mulher cisgênera, mas ao mesmo tempo, precisa ter o pênis para utilizar com seus clientes, e quanto mais dotada mais clientes terá.

A questão de um corpo “passável” causa uma disforia de gênero, que de acordo com estudos da medicina tem relação com a identidade de gênero que um determinado indivíduo se identifica e o sexo de seu nascimento. Quando pessoas transgêneros e transexuais não apresentam uma necessidade de mudanças corporais para se aproximarem mais do corpo cisgênero, acaba acontecendo uma série de problemas psicológicos e físicos. Dentre os problemas físicos, podemos perceber a questão da aplicação do silicone industrial, que causa uma série de danos à saúde dessas pessoas. Um vídeo postado por Ferreira (2016) no Youtube mostra mulheres travestis aplicando silicone industrial no Brasil de forma precária e sem nenhum acompanhamento médico, nessa publicação percebemos a necessidade das pessoas travestis de existirem, e sua existência, assim como a de todos, está muito ligada ao corpo e a sua aceitação. Pessoas transgêneros não se identificam com o corpo que

nasceram em grau maior ou menor, quanto maior a disforia de gênero, mais necessidades o sujeito tem de fazer intervenções cirúrgicas em seu corpo. Para Lanz:

> Num certo sentido, a pessoa transgênera já nasce transgênera. Não no sentido de estar presa em um corpo oposto ao que ela "deveria ter", como reza um mito muito comum de pessoas nascidas em "corpo errados", mas no sentido de que só a própria pessoa sabe, sente e percebe a transgeneridade como parte integrante do seu próprio ser. (p .122)

Dentro da própria comunidade transgênera há a cobrança de um corpo transformado por procedimentos e siliconado. É como se fosse um rito de passagem para transgeneridade. A cartunista Laerte, no filme *Laerte-se*, coloca que seus pares cobram mudanças corporais, como colocar silicone e deixar seu corpo mais próximo do ideal de uma mulher cisgênera. A cobrança de corpos e corpas transgêneros transformados por uma série de procedimentos, denominados de processo transexualizador, é importa pelo discurso da sociedade cisgênera e pelo próprio meio transgênero. Cabe salientar que para Pêcheux "a língua não é somente estrutura. É estrutura e acontecimento. É o que se diz e tudo o que está envolvido no dizer, no uso da linguagem, entendida como uma prática social (PÊCHEUX, 1997)". Logo esses discursos que atravessam as mulheres e homens transgêneros acabam provocando mudanças nas estruturas sociais e em acontecimentos que refletem em seus corpos e corpas. Cabe salientar que a identidade de gênero é algo apreendido e significado subjetivamente, através dos padrões de gênero existentes na sociedade e a pessoa original que cada um é, há um atravessamento entre a identidade e as questões sociais para a construção do gênero.

Essa construção de transgêneridade e transexualidade se dá através do discurso que se materializa nos próprios corpos e corpas que transgridem o discurso dominante de cisgeneridade. Pêcheux (2012) em O discurso: estrutura ou acontecimento nos diz que:

> A Análise de Discurso — quer se a considere como um dispositivo de análise ou como a instauração de novos gestos de leitura — se apresenta com efeito como uma forma de conhecimento que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise. E isto compreendendo-se o entremeio seja no campo das disciplinas, no da desconstrução, ou mais precisamente no contato do histórico com o linguístico, que constitui a materialidade específica do discurso. (p. 10)

A construção das subjetividades transgêneros e o processo transexualizador tem como um de seus símbolos discursivos e corporais a pintora dinamarquesa Lili Elbe, que foi uma das primeiras pessoas, na década de vinte do século XX, a passar

por várias cirurgias para transformar seu corpo discursivamente mais próximo de um corpo cisgênero. Em seu processo transexualizador ela sofre uma série de cirurgias que a levam a morte, sendo retratada no cinema no filme A garota dinamarquesa, do diretor Tom Hooper, de 2016. Para a autora transgênero, Letícia Lanz, em O corpo da Roupa, as pessoas transgênero apresentam o seguinte comportamento:

> Recusando submeter-se ao dispositivo binário de gênero, seja de forma superficial ou profunda, em caráter temporário ou definitivo, a pessoa trangênera cruza perigosamente limites estabelecidos pela ordem vigente, tornando-se uma ameaça a essa própria ordem. Pouco importa em que grau ou de que forma ocorre essa transgressão: ela será igualmente rechaçada e castigada pela sociedade. (p. 113)

Os conceitos de Formação ideológica e Formação discursiva que regulam o que pode e deve ser dito e também o que não pode e não deve ser dito, sendo que a formação ideológica é maior que a discursiva. O indivíduo é interpelado em sujeito pela identificação com uma formação discursiva dominante, já que o sujeito é sobredeterminado pelos pré-construídos. Pêcheux (1988) chama esse fenômeno de efeito Münschausen[32], que é o sujeito com a ideia de origem do próprio discurso. É importante lembrar aqui que o conceito de formação discursiva não é de Pêcheux: a expressão foi uma formulação elaborada por Michel Foucault (2004) e consta em seu livro Arqueologia do saber. Para Foucault, um grupo de enunciados está relacionado a um sistema de regras comuns e são determinadas historicamente. Michel Pêcheux apropria-se da noção de formação discursiva e a ressignifica no campo da análise de discurso. Para a análise de discurso o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude. O sentido resulta de sua inscrição em uma formação discursiva, já que uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra, o sentido desliza e define a inserção do sujeito heterogênea no discurso, ela é sempre passível a vir a ser outra, dialoga envolve outros elementos na sua realização. Toda FD remete a uma

---

[32]O Barão de Munchausen é um personagem muito popular na literatura, principalmente na Europa, e suas histórias foram reunidas num livro pela primeira vez em 1785, pelo alemão Rudolf Erich Raspe. Na obra, o próprio Barão narra para alguns convidados os acontecimentos fantásticos que viveu em suas viagens pelo mundo. Um dos acontecimentos é utilizado por Michel Pecheux para metaforizar a o esquecimento do sujeito na AD, que é a ideia de ser a origem do próprio discurso que ele relaciona com o momento que o barão está afundando no pântano do descrédito com seu cavalo, quer salvar-se puxando-se pelos próprios cabelos.

dada formação ideológica. O sujeito do discurso traz para o debate um grupo de representações individuais a respeito de si mesmo, do interlocutor e do assunto abordado.

O sujeito, de acordo com os princípios da AD, não pode ser concebido como uma posição individual, e que é o ser em que se constitui na fonte do próprio discurso, mas sob uma relação entre o “eu” e o “tu” em que o outro é parte constitutiva do “eu”, ou seja, do sujeito. O que se pretende dizer é que a AD vê o sujeito como clivado, não como um ser centralizado que é dono do seu próprio dizer, uma vez que é constituído pelo discurso. Em Análise do Discurso: princípios e procedimentos, Orlandi (2015) coloca sobre o sujeito:

> Não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não constitui, ele não fala, ele não produz sentidos. (p. 46)

O sujeito discursivo cria uma realidade discursiva imaginária para si, totalmente ilusória. Acaba sofrendo, dessa forma, de uma dupla ilusão. Em primeiro lugar se coloca como senhor, origem do sentido de seu discurso, isso quer dizer que tem a ilusão de que é ele o detentor absoluto daquilo que enuncia; segundo, porque imagina que tem consciência de tudo aquilo que diz no instante em que retoma o seu discurso para tentar explicar o que diz ou até mesmo no momento em que se utiliza de diversos discursos e estratégias para produzir os efeitos de sentido desejáveis com o seu discurso. Percebe-se essa dupla ilusão do sujeito quando se atenta para o fato de que o sujeito passa por dois tipos de esquecimento. De acordo com Orlandi (2005), o esquecimento número um, conhecido também por esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e é resultado do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Através desse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que se diz. Já o esquecimento número dois é da ordem da enunciação, ou seja, ao falarmos, o fazemos de uma forma e não de outra, e ao longo de nosso falar, formam-se discursos parafrásticos que indicam que o dizer sempre podia ser outro. Em Freire (2006), em Conhecendo a Análise de Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia, é colocado sujeito e seus mecanismos da seguinte maneira:

> Antes de tudo, o sujeito-falante esquece que está dentro de uma formação discursiva que o domina. Ele esquece de sua sujeição inconsciente aos sentidos que produz no seu dizer. Ele, enfim, apaga que é sujeito ideológico, tendo a ilusão necessária de que é autor e origem do que diz, de que é em si que nasce o sentido. Pêcheux chama esse esquecimento de *esquecimento nº 1* : o esquecimento de que somos sujeitos ideológicos. (p. 91)

Assim, não se pode conceber um sujeito único e egocêntrico, centrado completamente em si. Mas sim, se deve conceber o sujeito como um ser ideológico, cujo discurso é na verdade um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social, implica dizer que para a AD a linguagem não corresponde a um ato homogêneo, mas sim como um produto de interação e interpelação entre sujeitos sociais. A linguagem é concebida como um fato dialógico em que o “Outro” é essencial para a constituição do sujeito. O “Outro” não representa apenas o interlocutor ou o destinatário, mas outro discurso que foi enunciado em outro contexto, em outra condição de produção. É sob essa visão que se denota que o sujeito não se encontra no campo consciente, mas se encontra clivado, submetido ao inconsciente. Nesse sentido, o “eu” perde a sua centralidade, deixando de ser senhor de si, já que o “outro”, o desconhecido, o inconsciente, passa a fazer parte de sua identidade. O sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o “eu” e o “outro”. O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma como o discurso o é.

As condições de produção de qualquer discurso são parte das condições de produção da sociedade em geral. No entanto, a compreensão das práticas sociais não ocorre de forma mecânica, sem mediações entre as relações gerais e as práticas específicas. No caso do discurso, a posição do sujeito se constitui a partir do imbricamento da formação discursiva e da formação ideológica.

Fazendo a relação entre situações históricas que marcaram a comunidade transgênera e as demais letras do mundo do arco-íris, temos o discurso de liberação sexual presente no século XX, aliado as transformações nos entendimentos sobre a família e o “papel” da mulher através das lutas feministas trouxeram um campo de discussão sobre as possibilidades de viver a sexualidade. Mas essas possibilidades trouxeram resultados contraditórios, por um lado, setores sociais demostraram crescente aceitação da pluralidade sexual e de gênero, mas os setores tradicionais já existentes se fortaleceram através da realização de campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física contra LGBTQIAPN+ (Louro, 2001).

Exemplo histórico dessa violência foras os ataques ao bar *Stonewall Inn*, em Nova York, em 1969, nos Estados Unidos. Esse bar era famoso por ser frequentado por um diverso público, dentre eles, pessoas homossexuais e transgêneros. As principais personagens do “Levante de Stonewall foram mulheres travestis, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera. O ocorrido na madrugada do dia 27 de junho daquele ano ganhou repercussão na mídia ficando reconhecido como o “Dia do Orgulho Gay”, em defesa da diversidade sexual no país (Brito & Rosa, 2018). É importante salientar, que após o movimento de Stonewall, os direitos que as mulheres trans buscavam foi ignorado pelo restante da comunidade, seu protagonismo no movimento foi negligenciado, e após estarem a frente da luta por aceitação, foram marginalizadas dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

Um dos atravessamentos que é perceptível é o discurso da violência contra LGBTQIAPN+, que começou a receber movimentos maiores de resistência a partir do evento em Stonewall Inn. O discurso de violência e intolerância contra LGBTQIAPN+ está presente em várias esferas sociais e são permeados de sanções aos sujeitos considerados não cumpridores dos contratos de gênero impostos na sociedade. Para os sujeitos intolerantes sempre são salientadas a “anormalidade” do diferente, o caráter “doentio” da dissidência (acontecendo de forma física e mental), a ideia de imoralidade dos corpos transgressores. Para os intolerantes a simples existência transgênero e das outras letras do arco-íris[33] é um desrespeito às leis naturais e religiosas.

Não é o cerne do trabalho, mas faz parte dos discursos que circundam as mulheres trans e a comunidade LGBTQIAPN+, a construção imaginária desse grupo passa pela epidemia mundial de HIV/Aids. A AIDS é a síndrome causada pelo vírus HIV (Vírus da imunodeficiência humana) que leva a pessoa contaminada a falência do sistema de defesa contra as doenças, atacando as células CD4 e CD8[34]. O primeiro caso no Brasil foi reportado em meados da década de 80, mas o vírus causador da doença só foi identificado posteriormente, em 1986. Embora não se saiba ao certo qual a origem do vírus, sabe-se que uma grande família de retrovírus relacionados a ele está presente em primatas não-humanos na África (Silva, 2018). Seu primeiro caso

---

[33] O arco-íris é o símbolo do movimento LTBTQIA+.

[34] Os linfócitos T CD4 são específicos para a maioria das infecções oportunistas, como pneumonicistose, citomegalovírus e toxoplasmose. Na infecção pelo HIV há uma predileção por esta categoria. Os linfócitos T CD8 são citotóxicos, eliminando células infecciosas ou neoplásicas.

no Brasil foi notificado na cidade de São Paulo. A este caso inicial seguiram-se outros, inclusive de pessoas conhecidas nacionalmente (artistas de modo geral), tendo como categorias de exposição preponderantes os homens (colocava-se nesse grupo os “homens travestis”, já que havia menos respeito à identidade de gênero naquele período) que faziam sexo com outros homens, usuários de drogas injetáveis, os hemofílicos e as demais pessoas que receberam sangue e hemoderivados (Szwarcwald et al, 2000). O advento do vírus da imunodeficiência humana foi usado para justificar e aprofundar preconceitos com relação a gays e travestis, inicialmente foi o grupo mais acometido pela infecção, que fora inicialmente chamada de câncer gay. Sujeitos com discursos religiosos e intolerantes colocavam o vírus como uma punição divina para os grupos que não respeitavam as leis divinas e naturais.

2.1 Psicanálise

A existência de uma única instância psíquica, que subverte nossas intenções e vontades: o inconsciente. A humanidade deve a Sigmund Freud essa descoberta. Apesar das transformações sociais, culturais e tecnológicas dos últimos anos, o método psicanalítico criado por Freud para lidar com o mal-estar inerente à condição humana foi utilizado como base para os estudos de Jacques Lacan, que são utilizados na Análise do Discurso para tentar entender um sujeito clivado e assujeitado.

Freud demonstrou que na área do i**nconsciente** grande parte da vida psíquica se desenrola sem que tenhamos acesso a mesma. Ali são encontradas principalmente ideias reprimidas que aparecem disfarçadas em nossos sonhos e nos sintomas neuróticos. Já o Ego é a nossa parte organizada do sistema psíquico que entra em contato imediato com a realidade e tem a capacidade de atuar sobre a mesma numa tentativa de adaptação. O ego é o que media os impulsos instintivos do id e as exigências do superego.

Por sua vez, o Id é a fonte de nossa energia psíquica, formando-se por pulsões e desejos da ordem do inconsciente. Sua interação com as outras áreas são geralmente conflituosas, uma vez que o ego, sob os domínios do superego e as exigências do mundo real, tem que avaliar, determinar e controlar os impulsos do id, permitindo sua satisfação, adiando-a ou cerceando-a totalmente. Já o Superego forma-se a partir das identificações com o pai e a mãe, dos quais assimila ordens e

proibições. Assume o papel de juiz, guardião e vigilante, uma espécie de autoconsciência moral e dominante. É o àquele que exerce a função controladora por excelência dos impulsos do id e age como colaborador nas funções do ego. Pode tornar-se extremamente rígido, anulando as possibilidades de escolha do ego. Para Winograd 2003:

> [...] a projeção mental da superfície corporal. Não somente o Eu é uma entidade de superfície (psíquica), já que se constitui como mediação entre o psiquismo e a exterioridade, mas, por definição, ele deriva das sensações corporais, principalmente das que têm lugar na superfície corporal. A segunda idéia também opera com a noção de membrana, desta vez, articulada ao Isso. Assim como o Eu, também podemos pensar no Isso como uma membrana ou uma interface entre o psiquismo e o corpo. O próprio Freud sugeriu isso quando, em 1933, definiu o Isso como um "caos", um "caldeirão cheio de excitação fervilhante" pelo contato direto com o corpo (p. 1).

A **pulsão está situada entre o psíquico e o somático, sendo a representante psíquica** dos estímulos que se originam no organismo e alcançam a mente. É diferente do instinto, pois não apresenta uma finalidade biologicamente predeterminada, e é insaciável, pois tem relação com um desejo, e não com uma necessidade. A pulsão que nos distancia dos animais, pois é através dela que entramos no mundo do simbólico da linguagem. A partir do momento que transformamos instinto em pulsão, começamos a privar eu de certos desejos, sendo interpelados por determinados discursos, somos assujeitados.

A história Lacaniana na psicanálise é a da fundamentação do conceito sujeito nessa área, que é deslocada para a Análise do Discurso. Os conceitos de simbólico, imaginário e real são deslocados para o sujeito, em que a linguagem é o simbólico por meio de seu sistema de representações, que se baseia em significantes que determinam o sujeito à sua revelia. Por sua vez, o imaginário é um registro psíquico que corresponde ao ego do sujeito, que sempre busca no Outro a sensação de completude. Essa por sua vez é inatingível, pois o Outro não existe para desenvolver a imagem com o ego deseja para ser sustentado. “O real é o registro psíquico que não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. O real é o impossível, aquilo que não pode ser simbolizado e que permanece impenetrável no sujeito” (BRAGA, 1999, p.2). Lacan coloca que o real àquilo que se escapa ao simbólico, pois na interação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *verwerfung* primitiva,

isso quer dizer que alguma coisa é simbolizada e vai se manifestar no real da linguagem.

A linguagem é um elemento essencial na definição e distinção da área do simbólico. Lacan coloca a configuração do psíquico e do inconsciente no nível do simbólico. Para ele a linguagem representa a base sólida de seu pensamento e através da mesma que o sujeito poderá organizar e sistematizar o seu universo psíquico, compreendendo assim, diferentemente de Freud, o inconsciente como parte da linguagem.

A linguagem para pessoas transgêneros é atravessada por uma série de eventos, o estar no mundo de uma pessoa que não se vê com a identidade de gênero de seu nascimento é diferente, a pessoa não se sente incluída, as ´pessoas são categorizadas em um paradigma binário e biológico, que não reconhece a existência de transgêneros e travestis. O filósofo transgênero Paul Preciado coloca que existe "um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro" (PRECIADO, 2014, p.26).

A pesquisa reflete essas interseccionalidades[35], mulheres trans que não se sentem parte representativa da sociedade e sujeitos refugiados, são duas camadas de possível exclusão que afetam esses indivíduos pesquisados.

Preciado em seu texto *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*, coloca:

> Eu, como um corpo trans, como um corpo não binário, ao qual nem a medicina, nem a lei, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento especializado sobre minha própria condição, nem a possibilidade de produzir um discurso ou uma forma de conhecimento sobre mim mesmo, aprendi, como Pedro Vermelho, a língua de Freud e Lacan, a língua do patriarcado colonial, a sua língua, e estou aqui para falar com vocês. (p. 281)

2.2 Teoria Queer – estanhos no ninho

A teoria queer (*queer theory*, em inglês) é uma teoria da década de 1980 sobre questões de gênero, que afirma que a orientação sexual e identidade sexual (ou de gênero) de um sujeito são resultado de uma construção social. Isso quer dizer que

---

[35] Interseccionalidade é a série de camadas que um sujeito é atravessado, uma pesquisa interseccional é a que se torna importante analisar mais de uma camada, interseccionalidade foi criado em 1989 pela jurista e professora afro-americana Kimberlé Crenshaw, no contexto do movimento de mulheres negras dos Estados Unidos, como parte de uma crítica ao feminismo radical da década de 1960.

não existem papéis sexuais biologicamente inscritos na natureza dos seres humanos. Ou seja, nós somos o resultado do que nosso entorno social nos faz e, consequentemente, podemos desempenhar um ou vários papéis sexuais e sociais.

A teoria começou a se consolidar mesmo nos anos 90, com o livro Problemas de Gênero, de Judith Butler[36], após observar as chamadas “tecnologias de gênero”, de Teresa de Luretis, que abrangem as técnicas de ser homem ou mulher, nos anos 80. É óbvio que isso não é uma definição amplamente aceita por todas as correntes acadêmicas. Ela, assim como a sexualidade, flui por áreas como cultura, sociologia da sexualidade, antropologia, filosofia, artes, etc. A teoria queer teve como referenciais teóricos os estudos de Focault e Derrida, além da contemporânea Judith Butler. Ela foi originada do encontro dos estudos culturais estadunidenses com o pós-estruturalismo francês. A palavra queer[37] é traduzida por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. Os estudos queer adquire todo seu poder com a invocação que o relaciona com patologias e insultos e representam a transgressão em relação a uma sociedade heteronormativa, destacando a realidade social e cultural de uma minoria excluída - os homossexuais, bissexuais, transexuais, etc. Silveira (2016) discorre sobre binarismo:

> Ao invés de homogeneizar e estacionar em binarismos, Butler vai promover pontos de tensionamento, sobretudo no que diz respeito a desnaturalização de conceitos como “homem”, “mulher”, “masculino”, “feminino”, e os efeitos que resultam da naturalização de tais conceitos, principalmente no tocante à sexualidade e nas tentativas de regulação dela sobre os corpos dos indivíduos tomados enquanto corpos (a)sexuados. Por isso, ela vai encontrar, para além do masculino e do feminino, um paradigma de gênero possível situado na contingência dos corpos tomados sob o viés do “gênero não-inteligível”, que se encontra em outro lugar, para além dos gêneros apreensíveis. (p.53)

É importante distinguir alguns pontos para entender melhor a teoria, as distinções entre gênero, sexo e orientação sexual. O gênero está ligado a fatores sociais, políticos, históricos, culturais, religiosos, vestuário, nome civil, atitudes, a importante certidão de nascimento, em nossa sociedade é binário – homem e mulher – e pessoas cisgêneras estão conforme o gênero de nascimento e as pessoas transgêneros estão em um gênero divergente.

Para Butller (2008):

---

[36] Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e teoria queer. Ela também escreve sobre filosofia política e ética.

[37] “Queer”, em inglês, pode significar “excêntrico”, “esquisito”, “diferente”; bem como o “pervertido sexual”, “marginal”, “estigmatizado” ou “anormal” (ESCOFFIER, 1998).

> O que pode então significar “identidade”, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? Mais importante, como essas suposições impregnam o discurso sobre as “identidades de gênero”? Seria errado supor que a discussão sobrea “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero. (p. 42)

Já o sexo está ligado ao biológico, genético, genital – pênis e vagina – e pode ser categorizado da seguinte forma: macho, fêmea, intersexuado e nulo. A orientação sexual está ligada as relações afetivas que os sujeitos estabelecem, ligado ao desejo – o erótico – e ao físico, podemos categorizar a grosso modo como homossexuais, heterossexuais, bissexuais, pansexuais e assexuais.

Ainda Butler (2008):

> O gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja. A coerência ou unidade internas de qualquer um dos gêneros (...) exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional. (...) Essa concepção do gênero não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo (p. 45)

A transgeneridade é uma das possibilidades de performatividade de gênero que Butler utiliza, já que na sua teoria o gênero não está no sexo, mas em uma série de comportamentos sociais e culturais que são ensinados. Para Jesus não há no Brasil um consenso em relação aos termos utilizados para definir essas performatividades. Para ela há a existência de dois termos principais na classificação referente ao gênero, cisgênero e transgênero. O primeiro contempla as pessoas que se identificam com o gênero atribuído no seu nascimento – os homens e mulheres cisgênero. O segundo diz respeito às pessoas que não se identificam com o gênero correspondente ao do nascimento, e é dessa categoria que as pessoas transgêneros fazem parte.

A teoria Queer é mais profunda do que os estudos gays e lésbicos. Ela considera que esses estudos foram normalizados e não apontam para o constante movimento, para a mudança social. Basicamente, a teoria queer diz que não devem haver rótulos. As pessoas não são uma coisa só e suas relações com o mundo estão em constante mudança.

E como Louro (2004) também afirma:

> Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecidível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina. (p. 30)

Esses corpos considerados estranhos que residem na Casa Miga sofrem um duplo estranhamento, uma dupla intolerância, pois são LGBTQIA+ e estrangeiros que migraram de um país que economicamente e politicamente está desprestigiado e esfacelado, fazendo com que muitos brasileiros não avaliem bem as pessoas que migram da Venezuela. Isso faz com que o preconceito que sofram seja exponenciado. O desconforto da população local com os refugiados é perceptível, mesmo sem pesquisas sobre o tema, empiricamente é possível perceber tal situação.

Há um desconforto maior na população quando veem as travestis e transexuais venezuelanas andando pelas ruas da cidade, principalmente durante o dia, como se a cidade não pertencesse a elas, e elas mesmas não pertencessem à cidade. Mas ao mesmo tempo em que existem olhares de perturbação, olhares de escárnio, há os olhares de desejo de alguns homens, que são os mesmos que as procuram pelas ruas nas noites das cidades, já que infelizmente, uma parcela significativa dessas mulheres transexuais e das travestis trabalham como profissionais do sexo.

Richard Mikosci em *Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea* afirma que:

> Afinal, o que se teme no anormal é mais do que sua diferença, é o poder de transformação social de seu estilo de vida. O espaço hegemônico da normalidade visa, sobretudo a perpetuação e intensificação das normas que a instituíram. Os anormais se caracterizam principalmente por sua forma de viver. Os gays, por exemplo, não seguem o fim de reprodução social ou biológica e, apesar do forte estigma que ainda os marca, têm o potencial de colocar em xeque os fundamentos da ordem vigente e subvertê-la. [...] Os anormais nada mais são do que construções sociais naturalizadas, as quais derivam de relações de poder que atribuem a eles ums posição de inferioridade e submissão na ordem social. Nossos corpos socializados trazem o passado ao presente e contribuem para formação das categorias sociais e da hierarquia imposta pelo padrão da normalidade burguês. (p. 123 e 124)

Não se pode esquecer que esse estranhamento e desejo produz algumas perversões em nosso país, o Brasil é o país que mais mata esses corpos

estranhos. Segundo o grupo LGBTQIAPN+ da Bahia[38], no ano de 2018, 420 LGBTQIAPN+ foram vítimas no Brasil de morte violenta: 76% homicídios e 24% suicídios, 45% gays, 77% com até 40 anos, 58% brancos, predominam profissionais do setor terciário e prestação de serviços, 29% mortos com armas de fogo, 49% na rua, apenas 6% dos criminosos identificados.

Aleksandra Hovart em Muito Além do Dimorfismo diz que:

> Transgênero é um termo amplo que denota diversos fenômenos em que indivíduos não se enquadram na categoria de sexo/gênero que lhe são atribuídas ao nascer, desempenhando, em vez disso, papéis sociais que não são normalmente associados ao seu sexo natal, diferindo dessa forma da respectiva norma de gênero. Ser transgênero não implica em qualquer forma específica de orientação sexual, porque a pessoa gênero-divergente pode se identificar como heterossexual, bissexual, queer, homossexual, assexual ou pansexual. Ela pode ter características que podem se identificar com como "terceiro gênero", "intergênero", "bigênero", ou várias outras identidades em relação ao binário tradicional (masculino/feminino). Portanto, a categoria transgênera pode ser aplicada para acolher diversas identidades gênero-divergentes como transexual, crossdresser, genderqueer, dragqueen e dragking, bem como as pessoas andróginas. (p. 113)

2.3 Os sujeitos refugiados venezuelanos – em busca de uma nova alvorada

Para Moreira (2012), os refugiados são considerados migrantes internacionais obrigados, que cruzam as fronteiras nacionais de seus países de origem em busca de proteção e uma vida melhor. Eles fogem de situações de violência, como conflitos internos, internacionais ou regionais, perseguições em decorrência de regimes políticos repressivos, entre outras violações de direitos humanos. Questões étnicas, culturais e religiosas, orientação sexual e identidade de gênero, desigualdade socioeconômica, miséria e, sobretudo, instabilidade política estão no cerne dos fatores que levam às migrações de refugiados.

A temática dos refugiados se encontra intrinsecamente associada à esfera do Estado. Isso porque o país de origem ameaçou violar ou de fato violou ou, ainda, mostrou-se incapaz de proteger os direitos de seus cidadãos, o que os levou a migrar para escapar da situação de violência. Nesse contexto, a categoria dos refugiados emerge como consequência das ações ou omissões políticas

[38] O Grupo LGBT+ da Bahia é um dos grupos mais atuantes em nosso país, e como são poucos os estudos feitos pelo governo com relação às populações LGBTQIA+, as pesquisas do grupo são referência no Brasil.

empreendidas pelo Estado. Diante disso, o país acolhedor deve prover proteção a essa população estrangeira recebida em seu território e garantir direitos que estavam em risco no país de origem.

A partir disso, o Brasil surge como um dos destinos dos refugiados, que buscam fugir dos problemas enfrentados nos seus países de origem. O Brasil adotou medidas protetoras aos refugiados, que foram beneficiados por leis que buscam dar direitos aos mesmos. Dessa forma, pontua-se que o que alicerça o acolhimento de refugiados pelos Estados gira em torno da barreira erguida entre inclusão e exclusão, admissão e rejeição, desejáveis e indesejáveis; ao mesmo tempo, enseja vulnerabilidade, indefinição e incerteza a esses migrantes internacionais forçados. Dessa maneira, a decisão estatal de reconhecer e receber refugiados envolve, sem dúvida, múltiplos e complexos fatores, abarcando tanto política externa como interna. Orlandi (2017) em Eu, tu, ele – Discurso e real da história descreve o que é ser imigrante em uma país como o Brasil da seguinte maneira:

> Se é assim que se constituem sentidos em corpos imigrantes, enquanto corpos-memória, tal como consideramos essa reflexão, este passo que apresenta a compreensão da constituição desses sentidos, e sujeitos, mostra, também o potencial de violência e derrisão que pode se apresentar quando topamos com as situações e as práticas sociais e os espaços de interpretação que envolvem os processos de imigração/deportação dos sujeitos vitimados no processo de imigração/diáspora que se dão nos tempos atuais. A partir do que expusemos sobre a constituição do corpo memória, e que tomamos no processo de imigração, cabe perguntar como são significados os sujeitos que vivem, hoje, este processo na conjuntura deflagrada de guerra e de rejeição total da existência desses corpos, e de outros, pelas formações sociais geridas pelo capitalismo, conjuntura atualmente agravada pelo seu compromisso com o nacionalismo patriótico, avesso a entrada em contato com qualquer corpo/sujeito “estranho”. Reações que vão desde a ação que ignora esses corpos, com um olhar que não os vê, até práticas de violência simbólica ou física, de inaceitação, de extermínio, de fabricação de muros, ou de leis que barram pura e simplesmente a existência desses corpos e seu direito de ir-e-vir em qualquer lugar do mundo. Estes sujeitos, imigrantes, como pudemos mostrar, trazem seus corpos-memória, com seus sentidos. Daí o temor da mudança neles potencializada. E o medo social, por sua vez, provoca o preconceito, que é estruturante da nossa formação social, e as consequentes reações de hostilidade contra estes sujeitos, os “de fora”, os “outros”, seja da cultura, do grupo social, do país, etc. (p. 92)

O país receptor pode utilizar-se do acolhimento de refugiados como forma para deslegitimar o país de origem, ao rotulá-lo como perseguidor, repressor ou violador de direitos humanos. Além do mais, pode favorecer a entrada de refugiados de determinadas origens, em virtude de questões sociais, étnicas, culturais, políticas ou econômicas, em detrimento de outras. Pode também perceber a presença dos

refugiados, sobretudo em grande contingente, como pesado encargo socioeconômico ou como ameaça à segurança ou ainda, à identidade nacional (Moreira, 2012). Um dos discursos presentes em nosso país com relação aos refugiados venezuelanos é de menosprezo e desrespeito, muito se deve às políticas do governo atual, que descredencia outros países da América Latina, devido a posicionamentos políticos divergentes.

2.4 – A Jornada do Herói e a relação com a Análise de Discurso – o trajeto e o sonho da volta

O ato de narrar é antigo, desde os primórdios da história da humanidade, com sagas, lendas, tradições, que eram contadas oralmente, e que possibilitaram o conhecimento de uma infinidade de saberes. A palavra sempre esteve conosco e a ideia de um herói aparece desde as primeiras narrativas, sejam elas orais, ou, posteriormente, escritas. Na Grécia antiga tínhamos o herói que salva os demais com uma série de feitos sobre-humanos no Gênero Épico[39]. Muitos dos feitos heroicos dos gregos tinham relação direta com o mundo mitológico, que tem relação direta com a Jornada do Herói. Em A jornada do herói - Vida e obra de Joseph Campbell, de Phil Cousineau há a seguinte máxima “um herói parte do mundo, da vida cotidiana, em direção a uma região de magia sobrenatural: forças fabulosas são encontradas ali e uma vitória decisiva é conquistada, o herói volta de sua misteriosa aventura com o poder de concedes dádivas a seus companheiros”. *(p. 19)*

A teoria da Jornada do Herói, de Joseph Campbell, foi criada através da análise cinematográfica como método de estruturação narrativa, em que se utiliza a mitologia. O processo de análise da teoria pode ser utilizado tanto em narrativas reais, quanto em ficcionais, mas foi no cinema estadunidense que se utilizou os recursos analíticos para organização dos elementos, procedimentos e recursos necessários para se perceber que as narrativas da sétima arte não eram apenas um mero momento de entretenimento. O cinema comercial pode parecer uma simples obra para diversão, contudo muitos cineastas, roteiristas e produtores se inspiram nessa teoria para suas criações e produzem obras com significação profunda e com caráter mítico.

[39] O gênero épico é a narrativa em versos que apresenta um episódio heroico da história de um povo.

Campbell na obra *O herói de mil faces*, que teve sua primeira publicação em 1949, fez um trabalho longo e minucioso, em que desenvolveu ao pesquisar a estrutura de mitos, lendas e fábulas. Em sua pesquisa também analisou histórias modernas, assim como inúmeros roteiros de filmes. Verificou que em todas as histórias existe um herói e que a narrativa gira em torno de suas peripécias. Para Campbell Um herói parte (...) em direção a uma região de magia sobrenatural: forças fabulosas são encontradas ali e uma vitória decisiva é conquistada; o herói volta de sua misteriosa aventura com o poder de conceder dádivas a seus companheiros (p. 19). Nem sempre esse herói é um ser humano, às vezes é um grupo de pessoas, um animal ou uma figura mitológica. Campbell desenvolveu uma estrutura de eventos que demonstra que o herói passa por doze etapas. A ampla e sistemática aplicação da teoria no cinema estadunidense faz com que fez com que se torne possível a utilização em narrativas de pessoas reais, usando essa metodologia de análise para o campo não-ficcional. Para Campbell em Em A jornada do herói:

> O chamado à aventura significa que o destino convocou o herói e transferiu seu centro espiritual de gravidade do âmbito da sociedade para uma região desconhecida. Essa região profética de tesouros e perigos pode ser representada de várias formas: uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, um local situado sob as ondas do mar ou acima do céu, uma ilha secreta, um imponente pico de montanha ou um profundo estado onírico. Mas é sempre um local habitado por seres extremamente fluidos e polimorfos, de tormentos inimagináveis, feitos sobre-humanos e de prazeres impossíveis. (p. 33)

O modelo apresentado em A Jornada do herói é o embasamento utilizado para sistematizar a análise discursiva apresentada nos relatos, foi a linha encontrada para dimensionar o percurso percorrido pelas mulheres transgêneros venezuelanas até aqui. Dessa forma, encontrou-se pontos convergentes nos sujeitos pesquisados. A teoria de Campbell é utilizada para auxiliar a o texto analisado, mas não chega a ser a base da análise.

Cabe salientar, que o modelo de análise tem relação com a trajetória que esses sujeitos percorreram e ainda percorrem para sobreviver e buscar melhores condições de vida para os seus, essas heroínas tem uma jornada cíclica para cumprir. Essa jornada começou com a saída de seu local de origem para o encontro com o mundo exterior, no caso o Brasil, então, o retorno para seu ponto de partida, que seria a possibilidade de condições mais dignas de vida, como tinham antes da crise em seu

país de origem. Esse modelo obedece ao ciclo urobórico grego, imagem de uma cobra disposta circularmente que engole seu próprio rabo, isso quer dizer, elas almejam o retorno às condições melhores de vida que tinham anteriormente ao esfacelamento econômico e social de seu país.

São doze etapas para a Jornada do herói, divididas em três atos. No primeiro ato há a contextualização de sua realidade inicial, o mundo conhecido, também chamado de mundo comum. São convocados a uma mudança e há uma séria de situações até chegar ao segundo ato. Quando chega ao segundo momento da jornada, há conflitos e uma série de situações desencorajadoras, para só assim chegar à resolução da situação. É importante salientar que essa resolução nem sempre é externa, ou mesmo está dentro de alguns padrões culturais, ela pode ser mais para o próprio herói. A volta ao mundo comum pode ser o retorno a uma vida mais digna, no caso dos refugiados, mesmo que seja fora da Venezuela.

1 **Quadro 1 – A Jornada do Herói.**	
2 Primeiro Ato-	4 1. Os heróis são apresentados no **Mundo Comum**, onde
3 Apresentação	recebem **O Chamado À Aventura**.
	Primeiro, ficam relutantes ou **Recusa o Chamado**, mas
	num **Encontro com o Mentor** são encorajados a fazer a
	Travessia do Primeiro Limiar e entrar no Mundo Especial, onde
5 Segundo Ato - Conflito	encontram **Testes, aliados e inimigos**.
	Na **Aproximação da Caverna Oculta**, cruzam um Segundo Limiar,
	onde enfrentam a **Provação**.
	Ganham sua **Recompensa** e
6 Terceiro ato - Resolução	são perseguidos no **Caminho de Volta** ao Mundo Comum.
	Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma **Ressurreição** e são transformados pela experiência.
	Chega então o momento do **Retorno com o Elixir**, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.

Fonte: O autor baseado na obra de Campbell

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Meu amigo Cláudia é uma das pessoas mais dignas que conheço. E aqui preciso deter-me um pouco para explicar o que significa, para mim, "digno" ou "dignidade". Nem é tão complicado: dignidade acontece quando se é inteiro. Mas o que quer dizer ser "inteiro"? Talvez, quando se faz exatamente o que se quer fazer, do jeito que se quer fazer, da melhor maneira possível.

Caio Fernando Abreu[40]

Organizar a análise dos relatos a partir do escopo teórico da Análise de discurso é complexo, segundo Sérgio Freire, em Análise do Discurso: Procedimentos Metodológicos "Há bastante material sobre o que é a análise de discurso, mas poucos são os materiais sobre a prática de análise em si." (p. 2). Dessa maneira, encontrar uma metodologia clara para fazer a análise é um trabalho complexo.

Foram coletados cinco relatos produzidos na casa para elaboração de perfis dos abrigados, em que se pretendia verificar quais as maiores necessidades dessas pessoas, tanto em relação a atendimento médico e psicológico, como na inserção no mercado de trabalho no Brasil. A pesquisa dos dados foi realizada indiretamente, já que no momento dos relatos não havia a minha participação, esse trabalho era feito pela área de assistência social e psicológica do abrigo. O relato se transformava em um documento que servia para se criar um perfil dos habitantes da casa e assim verificar as principais necessidades. Tive contato com os relatos escritos de forma resumida, com uma ficha produzida posteriormente para controle interno do abrigo e com gravação realizada pelo voluntário. Através das gravações, consegui produzir a transcrição dos relatos, foi necessário fazer algumas adequações, pois as abrigadas utilizavam português e espanhol em suas falas.

A dissertação foi construída a partir da abordagem qualitativa com um caráter documental. Essa abordagem em pesquisa pode se mostrar adequada para atingir os

---

[40] Caio Fernando Loureiro de Abreu foi um jornalista, dramaturgo e escritor brasileiro. Apontado como um dos expoentes de sua geração, a obra de Caio Fernando Abreu, escrita num estilo econômico e bem pessoal, fala de sexo, de medo, de morte e, principalmente, de angustiante solidão.

objetivos deste trabalho pois de acordo com Chueke & Lima (2011), a pesquisa qualitativa tem potencial para uma ruptura com o paradigma tradicional da ciência. Para entendermos melhor, Minayo & Deslandes (2007) discutem que a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ao se pesquisar qualitativamente, busca-se entrar em contato com um universo de sentidos, significados, crenças e afins. Todos esses aspectos subjetivos ocorrem nas relações entre as pessoas, sendo que esses fenômenos não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Trabalha-se com a vivência, a experiência, com a cotidianidade, entendendo que os fenômenos devem ser abordados de forma contextual em seus sistemas de interações, a partir da complexidade dos mesmos.

O local da pesquisa com as refugiadas trans foi a Casa Miga, que é um abrigo para LGBTQIAPN+ brasileiros e estrangeiros, situado na cidade de Manaus, sendo o único para pessoas LGBTQIAPN+ do estado do Amazonas e o primeiro, dessa natureza, a receber refugiados no Brasil. O abrigo contava, no período em que era voluntário, com 18 vagas e já havia recebido mais de 100 abrigados, em sua maioria refugiados venezuelanos. Mas já passaram pela Casa refugiados cubanos e brasileiros em situação de rua, com extrema vulnerabilidade social, a maioria dos estrangeiros não falava a língua portuguesa, com dificuldades de se colocarem no mercado de trabalho e muitos viveram ou vivem da prostituição nas ruas.

O abrigo foi criado pela necessidade de existir um específico para atender pessoas LGBTQIAPN+ na cidade, já que em outros lugares os abrigados pertencentes à comunidade eram excluídos e sofriam uma série de violências verbais e físicas. Isso acontece, principalmente, em abrigos para refugiados, como voluntário da casa por mais de um ano, ouvi uma série de relatos. Há, inclusive, exclusão dos refugiados venezuelanos dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Uma das residentes da casa, que não participou da pesquisa, mas fez o relato informal em que contou a violência de que foi vítima, ela apanhou de dez travestis brasileiras e seus cabelos foram arrancados. Ela chegou ao abrigo com uma série de problemas físicos e psicológicos, infelizmente, não conseguiu respeitar as regras da casa e voltou às ruas de Manaus.

O discurso xenofóbico[41], do opressor, pode assujeitar até mesmo uma pessoa vista, socialmente, como oprimida; ou seja, uma mulher transgênera ou travesti pode ser assujeitada pelo discurso xenofóbico contra venezuelanos praticar violência contra a própria comunidade LGBTQIAPN+. Esse discurso xenofóbico não precisa ser ensinado como uma série de conhecimentos que aprendemos de maneira formal ou informal, esse discurso mesmo não sendo ensinado, está no tecido social e produz efeitos, como está em Pêcheux (2012) em O discurso: estrutura ou acontecimento, salientando que:

> Interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-logicamente-estável não seja considerado a priori como um defeito, um simples furo no real. É supor que — entendendo-se o "real" em vários sentidos — possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das "coisas-a-saber" ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos. (P.43)

As participantes da pesquisa foram mulheres transgêneros refugiadas residentes na cidade de Manaus. A quantidade dos participantes se deu por amostragem não probabilística, onde a seleção dos participantes depende do julgamento do pesquisador a partir de critérios pré-definidos, onde os participantes foram selecionados a medida em que os textos documentais fossem essencialmente de mulheres transgêneros vindas da Venezuela e também estivessem acessíveis em ter prestado o relato aos outros componentes do abrigo (Marconi; Lakatos, 2002; Fontanella et al, 2011). Esse tipo de seleção é frequentemente utilizado em pesquisas exploratórias por auxiliar na aproximação rápida aos objetos de pesquisa (Oliveira, 2001), diante disso, cinco mulheres participaram dessa pesquisa. Como critérios de inclusão foram adotados: ser mulher transgênero ou travesti, ser refugiada venezuelana, com idade igual ou superior a 18 anos e residente da cidade de Manaus.

O foco foi em mulheres transgêneros se deu devido à exclusão social que as mesmas passam, suas dificuldades em conseguir trabalho no Brasil, tanto por causa da barreira linguística, quanto com relação a questão da identidade de gênero. A

---

[41] A Xenofobia é um tipo de preconceito caracterizado pela aversão, hostilidade, repúdio ou ódio aos estrangeiros, que pode estar fundamentado em diversos fatores históricos, culturais, religiosos, dentre outros. Trata-se de um problema social baseado na intolerância e/ou discriminação social, frente a determinadas nacionalidades ou culturas.

empregabilidade das mulheres travestis e transgêneros brasileiras é um problema em nosso país, pois devido ao preconceito, sabemos que a maioria delas está trabalhando nas ruas. Assim como as brasileiras, elas perpassam pelo caminho da prostituição para sua sobrevivência, é o lugar já lá. Esse lugar tem toda uma ligação com a noite, onde seus corpos se delimitam, já durante o dia, há o apagamento e exclusão desses corpos. Pessoas cisgêneras[42] com orientação sexual que não seja a heterossexualidade conseguem ser aceitas mais facilmente nos ambientes que frequentam, e por isso, a colocação no mercado de trabalho se torna mais fácil. A construção imaginária para homens cisgêneros que se relacionam com outros homens e mulheres cisgêneras que se relacionam com outras mulheres pode ser facilmente aceita pela sociedade, essas pessoas podem ficar no “armário”, já pessoas transgêneros não conseguem se esconder nesse armário, não há a possibilidade de outra construção imaginária, elas e eles acordam sendo transgêneros e carregando todo preconceito social que suas identidades de gênero foram construídas e são imaginadas. Sempre se criou a imagem da travesti ou mulher transgênera carregando um objeto cortante embaixo da língua.

Eni Orlandi em Análise de discurso: princípios e procedimentos pontua:

> Face ao dispositivo teórico da interpretação, há uma parte que é responsabilidade do analista e uma parte que deriva de sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise de Discurso. O que é de sua responsabilidade é a formulação da questão que desencadeie a análise. (p. 25)

Os questionamentos feitos pelos voluntários permearam duas grandes áreas discursivas, o da transgeneridade e o da diáspora venezuelana, que atinge milhões de venezuelanos que estão em vários países da América do Sul, principalmente, a Colômbia, pela proximidade física e linguística, recebeu mais de um milhão de venezuelanos. Esses dois principais eixos de questionamentos que permearam a construção de perguntas que permitiram o trabalho do analista.

Com relação a Análise de Discurso, “Por conta de sua institucionalização, a AD tem extrapolado os espaços dos estudos da linguagem e

---

[42] Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Em outras palavras: na pessoa cisgênero existe concordância entre a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) e o gênero que lhe foi conferido ao nascer.

cada vez mais tem sido uma metodologia buscada por interessados de diversas áreas” (Freire, 2014), sendo assim a obra Análise de Discurso: Procedimentos metodológicos foi utilizada como norteadora da análise dos relatos do trabalho em questão. Segundo Sérgio Freire em Análise do Discurso: Procedimentos Metodológicos, o papel do analista do discurso é:

- Identificar o que foi esquecido, e quando ele o faz, está trabalhando no objeto discursivo. (P. 9)
- Explicitar de onde vem os sentidos produzidos. (p. 11)
- Descrever e interpretar o discurso presente na materialidade do texto. (p. 23)

O analista precisa explicitar seus gestos interpretativos, já que é necessário relacionar discursos que foram esquecidos pelo sujeito, com questões ligadas à historicidade e à sociedade, uma vez que o sujeito pensa ser a origem do que diz, mas no real ele traz consigo uma série de já ditos. Para trazer esses já ditos, no discurso do texto em análise, é necessário buscar marcas na materialidade textual. O Analista precisa descrever o texto do sujeito e para isso necessita interpretá-lo também. São três movimentos que estão ligados a interpretação do próprio analista do discurso.

Para Eni Orlandi em Análise do discurso: princípios e procedimentos (2015) há dois momentos de interpretação na análise:

> A . em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise.
> B. em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação. (p. 58)

3.1 – Perguntas sobre a transgeneridade em dois “mundos” – iguais e diferentes

Antes de colocar os questionamentos realizados na abordagem dos voluntários a respeito da transgeneridade, é importante explicitar as diferenças que existem entre os termos utilizados na escrita do trabalho. O termo transgênero é ligado a pessoas que não seguem as regras de gênero impostas pela sociedade.

Para Cassana (2018):

> Um exemplo de corpo que foge ao padrão é o corpo dos sujeitos transgêneros. A designação “transgênero” é utilizada para fazer referência aos sujeitos que não se identificam com o gênero atribuído socialmente. Essa designação refere-se a várias formas de manifestação das identidades em trânsito, englobando outras vivências da sexualidade, como os crossdresser e drag queens, por exemplo. (p. 23)

Assim como coloca Lanz (2017):

> Quando a pessoa, pelo motivo que for, apresenta algum tipo de não conformidade com as as normas de conduta que lhe são impostas pelo dispositivo binário de gênero, independentemente da profundidade, extensão, frequência ou gravidade do seu delito ou violação, comete um desvio social denominado transgressão de gênero. A origem do fenômeno transgênero é essa transgressão do dispositivo binário de gênero: nenhum estudo sobre transidentidades pode ignorar esse fato. (p. 111)

Em contra partida, as pessoas cisgêneras são àquelas que estão adequadas aos dispositivos aceitos e impostos pela sociedade, não cometendo infrações com relação a essas normas de conduta. Então encaixadas na binaridade de gênero – homem e mulher.

A diferença da palavra transgênero, que vem do inglês transgender, com relação à palavra travesti é mais “higienizada”, isto quer dizer, é um termo que veio dos Estados Unidos e que é mais aceito por classes dominantes. A palavra travesti remonta à marginalização sofrida por pessoas que não se adequam ao seu gênero e por isso eram excluídas socialmente. Para ser travesti é necessário, assim como no caso das pessoas transgêneros, não se adequar ao gênero de seu nascimento, através de roupas e pode incluir procedimentos estéticos e cirúrgicos para se aproximarem mais do gênero que se identificam. Já com relação à transexualidade, há a necessidade de mudança mais profunda com relação à sexualidade, mudanças

ligadas muitas vezes à própria genitália, hormonioterapia, processo transexualizador, que é o processo de tornar o corpo de nascimento o mais próximo ao corpo com que a pessoa se identifica.

Os questionamentos com relação à transgeneridade tiveram relação com as diferenças de ser uma mulher transgênero na Venezuela e no Brasil, quais as diferenças quanto ao preconceito, questões de empregabilidade, aceitação familiar, história desde a infância, situações de abusos, a necessidade do processo transexualizador, como elas construiam discursivamente e culturalmente o que é ser mulher transgênera. Orlandi (2017) coloca que cultura da seguinte forma:

> É esta a perspectiva pela qual pensamos a cultura, pois ela nos permite refletir sobre a imigração como movimento de sentidos, silêncios, historicidade, trabalho social, incluindo assim, os sujeitos e a linguagem. Criação. Invenção. Nesta minha análise, aproveito este impulso para compreender, nas condições de imigração, particularmente, um de seus aspectos que é o processo de significação desencadeado pelo corpo e pela presença. (p. 72)

Os sujeitos refugiados movimentam sentidos, pois trazem novas relações sociais e de sentido para o nosso país, trazem novas significações para o que é ser imigrante, ainda mais quando se trata de sujeitos trangêneros, como é a presença do corpo travesti refugiado no Brasil? Quais percursos de memória esses corpos migrantes têm? Quais atravessamentos históricos esses corpos passaram?

Para Letícia Lanz em o Corpo da Roupa:

> Gênero e orientação sexual só sobrevivem como critérios de classificação e hierarquização dos seres humanos graças a permanente ratificação – ou contestação – por parte do olhar do outro, que, em última análise, é o olhar de aprovação ou de reprovação da própria sociedade. Fica clara a repulsa imediata das pessoas transgêneras que eventualmente são atingidas pela deslegitimação do olhar do outro, assim como está implícito que, da mesma forma que repudiam a rejeição, esperam, aceitam, ou melhor, exigem permanente confirmação, pelo olhar do outro, da identidade de gênero que desejam expressar. (p. 113)

É importante salientar que esses temas abordados durante o processo de convivência na casa tinham como objetivo fortalecer os vínculos humanitários fragilizados e entender as demandas desses sujeitos. A escolha dos relatos teve relação direta com a imigração e com a transgeneridade, já que formação discursiva desses sujeitos é atravessada por sua origem, lugar esse onde passaram maior parte

de suas vidas, assim como agora são interpeladas pelos discursos sobre transgeneridade construídos no Brasil.

Afora isso, a própria diáspora[43] atravessou discursivamente essas mulheres, que precisaram atravessar a fronteira por questões humanitárias, já que as pulsões de vida e morte, que estão presentes em todos os sujeitos, estavam latentes em suas trajetórias. Esses dois mundos que convergem e divergem em vários pontos, acabam se deslocando dentro desses sujeitos refugiados, que percebem o que há em comum e o que há de incomum entre esses dois países vizinhos. Apesar da proximidade, nossas colonizações foram distintas e isso faz com que haja um certo abismo entre o ser transgênero aqui e lá.

Para Michel Agier em Encontros etnográfico: interação, contexto, comparação "A soma de todas essas imagens de mundos diferentes, se ela por acaso fosse concebível, teria a aparência de um patchwork profundamente heterogêneo, inacabado, impossível de fixar, nem em um quadro nem em um armário." (p.89)

Para Bauman (1998), a pureza é uma visão das coisas colocadas em determinados lugares – origem ou destino – não podendo ser levadas a se mudar para outro, impulsionadas, e é uma ideia de ordem, em que cada coisa tem seu lugar adequado e único. Já Stuart Hall congrega a visão de uma identidade móvel dentro de um sistema cultural na pós-modernidade, a identidade é uma celebração móvel, em constante formação e transformação, em que os sujeitos são interpelados historicamente pelos sistemas culturais. Para Mercer, que fora citado por Hall, "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990, p.43). Relacionando as visões, temos o ser transgênero como um fora do curso dado como "natural" da manifestação da sexualidade, pensando em uma cisgeneridade heteronormativa que determina as práticas sexuais e os papéis a serem seguidos. O atravessamento da transgeneridade é implicado por um lugar externo à ordem, isso que dizer, um lugar marginal.

---

[43] Diáspora é um substantivo feminino com origem no termo grego "diasporá", que significa dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos. Uma das grandes diásporas da humanidade foi a dispersão dos judeus.

É necessário situar o uso de alguns termos relacionados aos sujeitos e sua orientação sexual[44] e identidade de gênero[45]. Uma pessoa pode se encaixar na binaridade (masculino e feminino) e se identificar com o sexo de seu nascimento (cisgênera) e ter uma gama de orientações sexuais, tais como: ser heterossexual (desejo pelo gênero oposto), ser homossexual (desejo pelo mesmo gênero), bissexual (desejo pelos dois gêneros), pansexual (desejo por qualquer gênero, já que há pessoas que se identificam como não-binárias, que são aquelas que não se encaixam totalmente nem no masculino, nem no feminino). O uso de opção sexual não é adequado, uma vez que os sujeitos não fazem uma escolha direta com relação ao gênero que a atração acontece, orientação sexual se faz mais adequado para o uso.

Por sua vez com relação à identidade de gênero, um sujeito por ser cisgênero, ou seja, se adequa ao seu sexo de nascimento, também pode se identificar como transgênero, que é àquele que se identifica com o sexo oposto ao de seu nascimento, e há também as pessoas transgêneros não-binárias, que são àquelas que não se identificam nem com o masculino, nem com o feminino. Lanz, em o Corpo da Roupa diz que há uma confusão proposital em relação à identidade de gênero e orientação sexual:

> Confundir sexo com gênero e orientação sexual, dentro de uma heteronormatividade nitidamente determinista, é uma característica de nossa cultura machista e altamente sexualizada. Mas é preciso lembrar sempre que gênero não está ligado a sexo, que por sua vez não determina nem gênero nem orientação sexual. Assim, uma criança, classificada ao nascer como do gênero masculino em virtude de ter o órgão genital de macho, ou seja, um pênis, e que na infância, apresenta uma forte identificação com o gênero feminino, quando crescer pode ser atraída por mulheres – e não por homens (meu caso), como esperaria a visão heteronormativa. Da mesma forma, crianças altamente identificadas com o gênero masculino, podem, sim, ao crescer, sentir atração por outros homens. (p. 123)

As relações do corpo com o espaço são dissertadas por Orlandi (2012), mesmo que o capítulo em questão seja sobre dança, pode-se estabelecer uma relação direta com as questões do corpo e do sujeito atravessados pelo discurso. Há certos parâmetros necessários para ser um sujeito transgênero nas Américas. Em

---

[44] Orientação sexual é a maneira como uma pessoa vivencia suas relações afetivas e sexuais. As orientações sexuais podem ser as seguintes: heterossexual, homossexual, bissexual, assexual e pansexual.

[45] Refere-se à experiência interna e individual sentida por cada pessoa relativamente ao gênero com que se identifica, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído à nascença.

Discurso em Análise – Sujeito, Sentido, Ideologia as relação com o corpo são questionadas e relacionadas ao sujeito.

> Considerando a materialidade do sujeito, o corpo significa. Em outras palavras, a significação do corpo não pode ser pensada sem a materialidade do sujeito. E vice-versa, ou seja, não podemos pensar na materialidade do sujeito sem pensar sua relação com o corpo. Por isso nos interrogamos: como juntar corpo, sujeito, sentido, pensando a questão da materialidade discursiva? (p. 83)

O corpo das pessoas transgêneros está atravessado pelo sentido e tem relações diretas com a história, o corpo dessas pessoas como materialidade discursiva pode ser analisado de acordo com os diferentes discursos, sejam dominantes ou dominados, sobre o que é ser transgênera, travesti e transexual. A binaridade necessária para sobrevivência nos anos oitenta de Roberta Close[46] e Thelma Lipi[47] na mídia, hoje já não se faz tão importante com o movimento de resistência do não-binarismo, que faz com que as questões de gênero deixem de passar pelo masculino e feminino apenas, mas por movimentos de junção dos dois e do que não é nenhum dos dois. A fluidez dos gêneros e o não-binarismo era algo impensável na década de 80, hoje temos cantoras travestis como a Liniker[48], Linn da Quebrada[49], Mulher Pepita[50], que trazem outras possibilidades entre o feminino e o masculino. Mas percebe-se que tudo isso pode parecer transparente, mas de acordo com Orlandi (2012) não é.

Em sua obra, Orlandi (2012) relaciona o corpo e a dança afetados pelo sentido do movimento, a relação que se procura fazer é da migração como esse espaço da dança, mas deixando de ser artístico, mas ainda sim cabível de ser analisado, e a necessidade desses sujeitos existirem através de seus corpos e suas mudanças, atravessadas pelo discurso, as diferenças entre os lugares e o existir desses sujeitos-corpos e a dança sendo sua migração. Para Orlandi:

> Não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas

---

[46] Símbolo sexual nas décadas de 80 e 90, a ex-modelo transexual Roberta Close foi a primeira transexual a posar para a edição brasileira da revista “Playboy”.
[47] Entre a década de 80 e 90, Thelma foi jurada do quadro "Eles e Elas", do Clube do Bolinha, e atuou em peças de teatro, filmes, além de posar nua em revistas masculinas. Na época, era considerada uma musa, ao lado de Xuxa, Luiza Brunet e Roberta Close.
[48] Liniker é uma das maiores revelações da música brasileira. Mulher trans, é ainda uma das principais vozes do movimento.
[49] Cantora, atriz e participante do Reality show Big Brother Brasil 22, produzido pela Rede Globo.
[50] Cantora de funk brasileira.

> práticas são fundamentais para a forma com que se individualiza, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (em nosso caso, capitalista). (p. 93)

Para a autora o corpo se constitui como forma de estar historicamente no mundo do sujeito, por mais que os corpos pareçam criações individuais, os corpos transgêneros e travestis são interpelados pelo discurso e significam. A necessidade das mulheres transgêneros em se hormonizar, em ter acesso a hormonioterapia em cada lugar e período é diferente. Orlandi também coloca que:

> O corpo do sujeito é ligado ao corpo social e também isto não lhe é transparente, porque as instituições com seus discursos silenciam isto, tratando o social individualizado. O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas em que vivemos, parte do corpo social, tal como está significado na história. Isto quer dizer, entre outras coisas que o sujeito relaciona-se com seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há incompletude, a falha, o possível. E os sentidos, como tenho repetido, sempre podem ser outros. (p. 93)

3.2 – Questionando a migração – o espaço é de todos?

Questionamentos menos ligados à questão da transgeneridade, mas mais centrados na questão do atravessar fronteiras, como se dá no sujeito essa troca de país, cultura, língua, costumes, comida, ou seja, tudo que caracteriza uma pessoa como pertencente a uma nação está distante. Como funciona quando essa migração não se dá por um querer, mas por uma obrigação de sobreviver, já que a pulsão de morte era constante em seu país de origem, com relatos de fome e violência que fizeram com que essas meninas não tivessem mais como continuar morando em sua terra natal. Por mais que saibamos, que segundo o próprio Michel Agier, as fronteiras são meras construções discursivas do homem para controle dos sujeitos em um determinado território, mas as mesmas não têm uma importância etnográfica e antropológica tão grande. Mas quando a mudança de país, principalmente, se dá de forma obrigatória, para que você possa continuar existindo no mundo, a violência dessa situação e desse discurso é relevante.

Não se pode comparar a migração de um brasileiro para os Estados Unidos ou Europa porque querem mudar de vida, estão em busca do sonho estadunidense, um modo de vida quase utópico, mas nós, ainda, temos condições mínimas de sobrevivência, exceto as pessoas negras e que moram nas comunidades, que são

violadas de todas as formas pelo estado de direito e por uma parcela da população, mas esse é um tema para outro momento, mas essas mulheres venezuelanas se viram obrigadas a deixar seu país, suas famílias, seus costumes e suas vidas para tentarem uma nova vida em um país com outro idioma e um cultura bem diferente da delas.

Inicialmente, assinala-se que, a crise pela qual a Venezuela está passando possui motivações políticas e econômicas e tem sido amplamente noticiada por vários veículos de informação no Brasil e no mundo. A crise humanitária teve início em 2013, com a morte de Hugo Chávez, ex-presidente do país vizinho. Além disso, Chávez teve como sucessor Nicolás Maduro, o qual pretendia manter uma política social e econômica semelhante à de seu antecessor, porém quando Maduro assumiu cargo de Presidente, o cenário que o país se encontrava já não era o mesmo vivido nos tempos de Hugo Chávez. Durante o período de transição dos governos de Chávez e Maduro, a Venezuela sofria com os altos índices inflacionários, que chegaram a ultrapassar 800% ao ano. Nesse período, os barris de petróleo, ´principal produto na pauta de exportações do país, desvalorizou demasiadamente, e a crise interna fez com que produtos básicos fossem colocados à venda por preços exorbitantes, fazendo com que grande espectro social não tivesse como garantir garantias mínimas de sobrevivência.

A diáspora venezuelana, de acordo com a Organização das Nações Unidas, é maior movimento de refugiados da América Latina deste século, e um dos maiores do mundo. São milhares de pessoas que ultrapassaram e ainda ultrapassam todos a fronteira venezuelana rumo a outros países, a procura de um destino melhor, mas incerto.

No Brasil, esses refugiados encontram a barreira do idioma, mesmo a língua espanhola vindo da mesma origem linguística da língua portuguesa, há uma série de falsos cognatos e expressões idiomáticas que são muito distintas. Fora as questões culturais entre o país de origem hispânica e o de origem lusitana, nossos costumes, ora se aproximam, ora se distanciam. Em vários momentos, enquanto professor voluntário na casa, precisava explicar comportamentos meus e de outros brasileiros, assim como eles me explicavam como era a vida na Venezuela, antes e depois da crise que assola o nosso vizinho.

3.3 - A escrita da análise

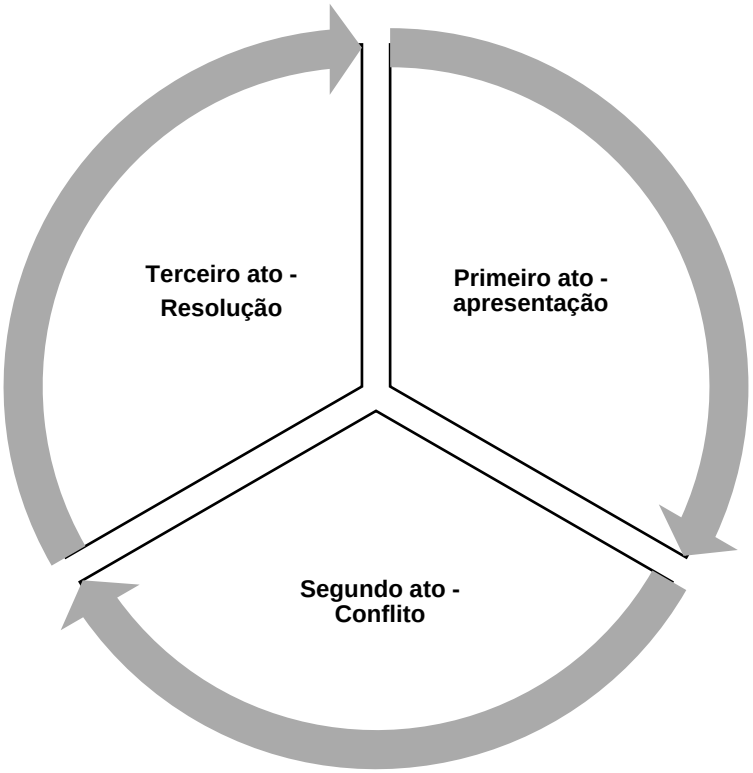
De acordo com Sérgio Freire (2014) “A análise em si é a fase 1 e a escrita da análise é a fase 2 de um trabalho de análise de discurso.” (p. 26). Com isso, o analista do discurso deve, primeiramente, analisar a materialidade discursiva, o texto em si, para depois partir para a escrita dessa análise. Ele deve verificar todos os ditos e não ditos dentro do texto, para entender os discursos que atravessam aquela materialidade. Uma obra textual é atravessada por uma série de discursos, por exemplo, um texto sobre mulheres transgêneros pode ser permeado, além do discurso próprio dessa comunidade, por discursos de políticas públicas, discursos da saúde, discursos conservadores, discursos religiosos, etc.

É importante que esses discursos sejam percebidos, mesmo que não estejam no centro da pesquisa dos textos, mas os mesmos atravessam a materialidade discursiva dos sujeitos abrigados e estão permeando o que é possível ser dito ou não. A análise deve levar em conta o texto como um todo, obviamente, o processo analítico deve focar no que é o principal para a pesquisa. Outro ponto importante que Freire (2014) pontua é que “A escrita da análise deve ser organizada em formato linear. Por conta da tradição de organização da textualização acadêmica, um texto sequencial, bem definido em suas partes, é mais bem acolhido dentro do gênero acadêmico.” (p.26) Ou seja, a escrita do texto pelo analista deve respeitar as normas da academia e ser bem organizada para que o público leitor, principalmente pessoas da área, aceitem o texto, já que todo texto acadêmico deve ser escrito com intuito de ser divulgado, a materialidade linguística construída deve ter aceitabilidade.

Como o próprio Freire (2014) diz “Ao se fazer uma análise discursiva, queremos divulgar e dar capilaridade aos resultados. Assim, é necessário investir na escrita da análise para sua publicação.” (p. 25)

A análise foi realizada em todas os relatos e com os doze elementos para a Jornada de Campbell, porém foram escolhidos três pontos para serem mais explicitados nos relatos, um em cada ato. No primeiro ato foi escolhido a apresentação ao mundo comum, já que se consegue perceber através desse elemento como era a vida antes da migração e a aceitação com relação à transgeneridade na Venezuela e também pela família. No segundo ato foi abordado sobre os testes, aliados e amigos, já que esse momento aparece quais foram os obstáculos para chegar ao país e o que

possibilitou essa mudança. Com relação ao terceiro ato, foi elencado o momento em que o herói Cruza o terceiro limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência, que é onde aparece as mudanças que a vinda para o nosso país propiciou, quais os pontos que o sujeito pontua como de crescimento pessoal. O quadro da Jornada do herói pode ser resumido e melhor entendido como um processo cíclico em atos na figura:



Fonte: Elaborado pelo autor

4. Análise do relatos

Eu sou complexa, sou contraditória, trabalho com o erro, com o fracasso. Eu fracassei. Sou o fracasso de tudo o que esperavam que eu fosse... Não sou homem, não sou mulher, sou travesti.

Linn da Quebrada

Os textos analisados trouxeram uma série de inquietações com relação às políticas públicas brasileiras de inserção das mulheres travestis no mercado de trabalho. E se relacionarmos ao universo dos refugiados a situação demonstra ser mais complexa e difícil, já que é uma dupla exclusão. Salientamos que os relatos estavam em uma mistura de Língua Portuguesa e Espanhola, mas foram de fácil entendimento para a transcrição.

4.1 Caracterização das Heroínas

"Como falar de saúde sendo que não tem saúde financeira? Como falar de saúde emocional, já que nossos corpos são objetificados e retirados deles a possibilidade de relações afetivas estáveis? E também não temos saúde mental, já que temos problemas sérios com as nossas famílias, já que somos expulsas do seio das nossas famílias ainda na pré-adolescência."

Duda Salabert.[51]

4.1.1 – Heroína 1

[51] A política transgênera Duda Salabert foi eleita vereadora de Belo Horizonte com recorde de votação para o cargo.

No primeiro momento da trajetória heroica de nosso sujeito, há a descrição de como era a vida antes da crise na Venezuela, que fez com que ocorresse a migração para o Brasil. Alguns pontos são importantes; tais como: ela se considera uma mulher trans, mas havia uma série de dificuldades na Venezuela, tanto com relação ao tratamento hormonal, como também à informação, já que a mesma relatou que nem sabia que existia esse tipo de tratamento direcionado a pessoas transgêneros. No Brasil a hormonioterapia é gratuita pelo Sistema Único de Saúde, que apesar de todas as dificuldades, oferece o tratamento de redesignação sexual e de gênero àqueles sujeitos que necessitam de se adequar ao gênero que se identificam.

A vida do primeiro sujeito foi cruzada pela crise na Venezuela, uma vez que dependia da ajuda de sua mãe, que por sua vez, não tinha mais condições nem de se manter. Esse foi o momento do chamado para a aventura, que seria mais um chamara para a sobrevivência. Em dado momento do texto, fica pontuado, que como todo ato de mudança, há uma busca por uma situação melhor, a mãe da abrigada não conseguia mais medicação para doença que era acometida, fazendo com que a primeira heroína sentisse a necessidade de mudar-se para o Brasil.

Mesmo com a situação insustentável em seu país de origem, há uma série de dificuldades na mudança para terras tupiniquins. Uma das barreiras claras é o idioma, sendo o nosso o único país em que se fala português nas Américas. Outra questão é a financeira, já que há custos para o transporte e também para tentar se manter em um país e sem conhecer ninguém.

O sujeito fica relutante, mas graças a uma amiga que financia as passagens para sua saída da Venezuela, ele decide então tomar o novo rumo em seu destino. No Brasil, dorme em papelão, precisa recorrer a prostituição, como se percebe em 90% dos sujeitos transgêneros femininos no país, já que há uma falta de oportunidades de trabalho para a letra T da sigla LGBTQIAPN+.

A violência e a barreira do idioma aparecem em momentos de prostituição, o primeiro cliente da abrigada (na cidade de Boa Vista, em Roraima, que é o primeiro ponto de chegada dos imigrantes venezuelanos, devido à proximidade) machucou-a e por não compreender só conseguia dizer “tá bom”, como se estivesse aceitando como parte do programa. A violência continua quando ela precisa continuar a fazer programas para sobreviver, mas chegam mais transgêneros e travestis com uma

cultura da violência, roubando os clientes, o que faz com que a heroína diminuísse sua renda e suas chances de sobrevivência. Pessoas que não conseguem se encaixar no binarismo de gênero são expostas à violência, especialmente em nosso país.

Para Scott (1995):

> Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas (p. 93).

De acordo com Scott essas violências partem de categorias que têm inúmeras definições alternativas, mas que não se aceitam, essa negação se dá através das várias formas de violência que são impostas às mulheres transgêneros e travestis. É um apagamento social dessas identidades, porque o que não deveria existir é colocado no lugar estranho, no lugar das coisas que não devem ser mencionadas ou discutidas.

A abrigada dormiu semanas no chão, em um papelão na Praça das Águas em Boa Vista[52], sem nem conseguir se alimentar dignamente, naquele momento fazia uma refeição ao dia, que era dada por uma senhora, não tem como ajudar sua mãe que está muito enferma devido à falta de insulina que encarecera demasiadamente na Venezuela. É relatado em um certo momento que há um abrigo da ACNUR em Boa Vista, que daria ao menos para dormir, alimentar-se e ter o mínimo de segurança, algo bem diferente da realidade das ruas.

Após o contato com a ACNUR, conheceu um rapaz venezuelano que morava há mais tempo no Brasil e se apaixonaram. Ambos vieram para Manaus com o processo de interiorização dos imigrante, já que naquele momento havia um número muito grande de venezuelanos em Boa Vista e a cidade não conseguia prestar os serviços mínimos para esse contingente de pessoas.

O casal conseguiu manter um aluguel com a ajuda da Cáritas – Manaus (parte da igreja Católica que em parceria com a UNICEF auxiliam pessoas em situação de refúgio humanitário), mas o auxílio de cento e oitenta reais não cobre toda a despesa.

---

[52] A cidade é a primeira capital que os refugiados venezuelanos passam quando chegam ao Brasil e segundo o Instituto de Geografia e Estatística brasileira estima-se que quase 40 mil venezuelanos residam em Boa Vista.

Duas situações ficam assinalado nesse trecho do relato, a exploração que o marido da abrigada sofre por ser imigrante e a barreira linguística que priva o sujeito de uma cidadania. Os dois, em situação de trabalho, sofrem por serem imigrantes, o marido é explorado pela necessidade de ter o mínimo para sobreviver fora de seu país, o empregador não paga como deveria, fazendo pagamentos bem aquém do necessário, e em alguns momentos paga até com mercadorias da padaria, e a abrigada que perde o emprego em um salão de beleza por não saber ler os nomes dos produtos. Com essa situação insustentável, eles acabam encontrando o abrigo Casa Miga, que é conveniado com a ACNUR [53]em Manaus. Os dois estavam há alguns dias no abrigo quando a heroína contou sua história.

Um fato triste nessa trajetória é que uma semana após a sua chegada em Manaus, devido à falta de insulina, sua mãe acabou falecendo. A abrigada justifica a morte da mãe ao atendimento médico ruim e à falta de medicação no país vizinho. Ela tem vontade de trazer o restante de sua família para o país, para terem possibilidades de lutarem por condições melhores.

4.1.2 – Heroína 2

A segunda heroína trabalhava no governo e tinha uma vida bem estabelecida, até começarem os problemas econômicos que a fizeram mudar de país e se refugiar no Brasil. Segundo ela, a situação no país era insustentável e quem decidia sair do trabalho governamental precisaria se refugiar-se ou seria preso, ou em casos extremos poderia morrer, uma vez que sabia de várias questões internas do país.

A abrigada, segundo o texto, era uma das meninas que mais se preocupava com o conhecimento do idioma e com a sua qualificação profissional. Fazia cursos em Manaus pelo CETAM[54] e não estava envolvida com a prostituição. Ela também fora ajudada pela Cáritas, com encaminhamento a um curso de administração. Demonstrou interesse em fazer a cirurgia de redesignação sexual, algo que não foi relatado pela primeira abrigada. Mas assim como a primeira heroína, faz tratamento hormonal. Em seu texto, ela deixa pontuado que sempre se impôs e foi respeitada,

---

[53] A Agência da ONU para Refugiados protege e oferece assistência às pessoas refugiadas, deslocadas e apátridas em todo o mundo.
[54] Centro de educação tecnológica do Amazonas.

seja na Venezuela ou no Brasil. De acordo com suas palavras “nunca foi saliente” e que sempre teve objetivos que a fizeram ser reconhecida em seu país de origem e não passar por situações de preconceito que a maioria da comunidade transgênera e travesti passa.

4.1.3 – Heroína 3

A terceira heroína tinha uma vida confortável financeiramente na Venezuela, até a crise que a fez migrar para o Brasil. Ela relata problemas com parte de seus familiares, mas um forte desejo de trazer sua mãe para o país. Uma questão muito importante que ela relata são os abusos com relação às mulheres transgêneros e travestis em seu país de origem, já que são praticados estupros e roubos contra essas

Assim como a primeira heroína, ela teve que recorrer a prostituição para sobreviver no Brasil, já que a falta de formação no país e a barreira linguística a impedem de conseguir um posto de trabalho. Também como a primeira menina, ela não quer trabalhar mais na prostituição, devido à violência dos clientes e das próprias concorrentes nas ruas.

A pesquisada mostrou ao voluntário algumas marcas em seu corpo de uma IST[55], que diz ser sífilis[56], que só não começara o tratamento ainda porque necessitava resolver questões de documentação e que estava resolvendo isso com a direção da Casa Miga (que faz encaminhamento dos abrigados que estão sem documentos e dá todas as orientações necessárias para uma vida mais digna em solo brasileiro). Uma das violências que foi relatada pela abrigada, que é registrada entre refugiados, é o roubo de documentos, já que impede de uma série de serviços estejam disponíveis para qualquer pessoa. Ela relatou que se sente bem na casa de acolhimento, já que tem proteção e o básico para sobreviver.

---

[55] A sigla representa Infecções sexualmente transmissíveis, não se utiliza mais o termo DST, que era Doenças sexualmente transmissíveis. A escolha se deu por nem sempre o sujeito que está contaminado por determinado vírus ou bactéria desenvolve a doença.

[56] É uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST) curável e exclusiva do ser humano, causada pela bactéria Treponema pallidum. Pode apresentar várias manifestações clínicas e diferentes estágios (sífilis primária, secundária, latente e terciária).

4.1.4 – Heroína 4

A quarta heroína relatou que a vida LGBTQIAPN+ na Venezuela é muito difícil, inicialmente declarou ser gay em seu país de origem e começaram as violências, discriminações e preconceitos. Depois que começou a tomar hormônio, a situação ainda piorou. Ela disse que morara na rua desde muito jovem, o que fez com que tivesse a necessidade de trabalhar na prostituição também, mesmo estudando posteriormente.

Ela salientou, assim como a primeira e terceira heroínas, o grande preconceito que existe no país vizinho com relação às mulheres transgêneros e travestis, tanto com relação às questões empregatícias, como convivência. Inclusive, infelizmente, diz que não gosta em nada de seu país de origem. Mesmo percebendo um preconceito menor no Brasil com relação à sua identidade de gênero, ainda percebe um certo preconceito por não ser brasileira, uma certa dificuldade em conseguir emprego no país. Também coloca que a situação estava insustentável em Boa Vista – RR, já que havia um número grande de refugiados na cidade, e isso fazia com que os serviços básicos deixassem de ser prestados.

Dentre as violências que ela relatou sofrer durante seu trabalho nas ruas, já fora apontada uma arma na cabeça da residente, há marcas de garrafadas e facas em seu corpo. Ela coloca que a maldade que há na comunidade transgênero é em algumas meninas, que cada uma tem a sua característica, e que algumas tem uma certa violência e que nem todas são assim, por isso não se pode generalizar. O acesso fácil às drogas se torna caracterizado novamente nesse relato, já que o ambiente da prostituição nas ruas está permeado por vários tipos de violência e crimes. De acordo com Stiles-Shields & Carroll (2014) indivíduos com identidades sexuais para além da cisnormatividade abusam de álcool e outras drogas em taxas mais elevadas do que os cisgêneros heterossexuais, particularmente por se encontrem discriminados pelo status de minoria sexual e de gênero, dessa forma o abuso de álcool e outras drogas pode servir como fator precipitante para a violência e/ou mecanismo de enfrentamento após a violência. Preciado cita a jaula que pessoas transgêneros são colocadas:

> Estou falando com vocês hoje a partir desta jaula escolhida e redesenhada de o “homem trans”, o “corpo de gênero não binário”. Alguns dirão que ainda é uma jaula política: em todo caso é melhor que a jaula “homens e mulheres” porque tem o mérito de reconhecer seu status de gaiola. (283)

Ela também demonstra o desejo de abandonar a vida da prostituição nas ruas, por vários fatores mencionados, como a insegurança, o risco de morrer. Em uma das falas de suas amigas, ao sair para trabalhar com um cliente, ela foi amarrada, cortada e queimada por cinquenta reais. E é dessa realidade que a abrigada foge assim como as anteriores também. A heroína quatro também estava sem documentação, uma situação corriqueira entre refugiados, já que sem habitação fixa, são roubados, ou até mesmo perdem seus documentos. Sem documentação, toda pessoa fica privada de serviços médicos e não consegue nenhum posto de trabalho. Ela disse que se sente bem no abrigo, assim como as abrigadas anteriores, já que consegue dormir com segurança e ter contato com outras realidades que não apenas a vida das pessoas que estão nas ruas buscando sobreviver.

4.1.5 – Heroína 5

A heroína cinco relatou que desde os catorze anos começou a se vestir como uma mulher e que sempre esteve ligada às carreiras artísticas. Segundo ela, tinha uma vida confortável em Caracas, capital do país vizinho, onde fez cursos de atuação, maquiagem, estilismo e modelagem. Segundo SILVA (1981), em “Rogéria super star”, mulheres travestis têm o sonho de uma carreira artística, e isso começa quando a televisão e o cinema começa a expor pessoas e personagens travestis. Além disso, o meio da moda e do entretenimento sempre esteve na vanguarda com relação á questões de gênero e sexualidade. Mesmo que essa representação no mundo das artes seja, às vezes, equivocada - como aparece no documentário Revelação[57], do diretor Sam Feder, que retrata a representação de pessoas transgêneros no cinema estadunidense e o impacto na vida dos transgêneros e na cultura do país - a aparição de pessoas trans no cinema e na televisão trouxa visibilidade e a ideia de um lugar possível.

Precisou mudar-se para o Brasil, assim como todas as demais abrigadas, devido à crise na Venezuela. Dormiu na rua alguns dias quando chegou, assim como outros refugiados, à mercê de todo tipo de violações. Ela é amiga da primeira

[57] Desde a invenção do cinema já retratavam cross dressers (pessoas que se vestem do gênero oposto). A representação das pessoas transgêneros é feita de maneira equivocada e preconceituosa. O olhar da comunidade para a comunidade presente no filme, dialogando com todo o público, é importante para entender os sentimentos da comunidade em relação a sua representação no cinema.

abrigada, que a acolheu durante um mês, mas logo após precisou da ajuda da Cáritas, sendo logo encaminhada ao abrigo Casa Miga. Essas relações entre as meninas, apesar de todos os problemas entre as mesmas, são importantes devido aos novos vínculos que precisam estabelecer, já que muitas perderam suas famílias, seja pela distância, seja pela falta de aceitação. Cassana (2018) descreve esse corpo não aceito pela sociedade e pela família, esse corpo excluído precisa encontrar outros ambientes e meios sociais para existir, por isso a importância desses novos vínculos. Essa questão aparece de forma bem expressiva na série La Veneno (2020) de Javier Ambrossi. Na obra, protagonista baseada em Cristina Ortiz[58], famosa mulher transgênera espanhola, principalmente por ter sido parte de programas de auditório nos anos noventa, não tem contato com seus familiares e cria uma família com suas amigas trans, principalmente as que conheceu quando trabalhara na prostituição do Parque do Oeste, em Madri.

As relações que essas meninas estabelecem são fortes, complexas e complicadas, pois em um mundo que as marginaliza, que procura mantê-las na escuridão das noites, que hoje ainda tenta não falar sobre essas mulheres e do que não se fala, não existe, e se não existe, acaba se marginalizando. Elas criam relações de resistência, de sobrevivência, e que sob a ótica da maioria, podem parecer não saudáveis, mas é a forma que encontram de sobreviver. Essas mulheres vivem entre o mundo que as tornam objetos de fetiche a as mata, seja fisicamente, seja através da solidão. Ser uma pessoa em transição é para Preciado (2022):

> Fazer uma transição de gênero é inventar um arranjo mecânico com o hormônio ou com outro código vivo – o código pode ser uma linguagem, música, uma forma, uma planta, um animal ou outro ser vivo. Fazer uma transição de gênero é estabelecer uma comunicação cruzada com o hormônio, que apaga, ou melhor ainda, eclipsa o que vocês chamam de fenótipo feminino e permite o despertar de outra genealogia. Este despertar é uma revolução. É uma elevação molecular. Um assalto ao poder do ego heteropatriarcal, de identidade e do nome. É um processo de descolonização do corpo. (p. 297)

[58] Cristina Ortiz mais conhecida pelo seu nome artístico La Veneno, foi uma atriz, cantora, modelo, prostituta e vedete espanhola. Conhecida por ser uma das primeiras mulheres a tornar a comunidade transexual visível na Espanha, e é reconhecida como um dos ícones da comunidade LGBTQIA+ mais importantes em seu país de origem. Alcançou popularidade na mídia através de suas participações nos programas Esta noche cruzamos el Mississippi e La sonrisa del pelícano, transmitidos entre 1995 e 1997, apresentados pelo jornalista Pepe Navarro. Eventualmente, atuou como cantora e vedete, participando de numerosos programas de televisão.

Assim como a segunda abrigada, ela diz que veio ao Brasil para lutar para conseguir sua sobrevivência, já que na Venezuela tudo estava muito dispendioso viver e não havia empregos nem segurança. Segundo suas palavras está buscando um novo amanhecer. Em seu discurso, ela deixa pontuado que parte de sua vinda ao Brasil se deve à esperança de dar uma nova vida aos seus familiares, assim como as heroínas anteriores, há um ato heroico em busca de um horizonte mais acalentador para os de seu sangue.

Ela, assim como a segunda abrigada, diz que era respeitada na Venezuela porque se dava respeito, e que nunca sofreu muita transfobia em seu país de origem. A abrigada diz ser uma pessoa tranquila e que não gosta de problemas, e que se passar por alguma situação de racismo ou transfobia no Brasil, apenas ignorará. Ela também deixa clara a intenção de deixar as ruas e que busca um trabalho digno, já que tem medo das enfermidades que pode ser infectada em um país como o nosso, só trabalha nas ruas pela necessidade financeira.

A heroína gosta de um mundo bem explorado no país vizinho, que é o mundo da beleza das misses, relata sobre as inúmeras vitórias que seu país conseguiu nos certames de beleza internacionais.

4.2 Cruzando os trajetos – Vidas marginalizadas

A análise dos relatos, de acordo com o que foi dissertado na metodologia, foi realizada com a utilização de três pontos de cada ato da Jornada do Herói de Joseph Campbell. O modelo cíclico demonstra a trajetória dessas abrigadas e suas relações com o presente no Brasil, seu passado na Venezuela e o desejo de uma vida melhor no futuro.

4.2.1 Ato 1 – Apresentação – As heroínas são apresentadas ao mundo comum

Quando a heroína descreve como era sua vida na Venezuela, ela relata a mudança da sua mãe para um pequeno povoado chamado San Diego e há algo na superfície linguística que delimita a formação discursiva e ideológica que está afiliada,

e que uma parte interessante do pensamento colonizado da América Latina está, a ideia da superioridade estadunidense. É no deslize do texto que se percebe o dito e o não-dito. Para Analise de Discurso: Princípios e procedimentos de Orlandi (2015):

> É nesse lugar, em que a língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpretação. Como esse efeito que constitui os sentidos constitui também os sujeitos, podemos dizer que a metáfora está na base da constituição dos sentidos e dos sujeitos. (p 79)

Quando a heroína diz que o povoado é San Diego e que não é na Califórnia:

> *Porque ela era comerciante, aí não tinha mais, não tava em boa situação em seu trabalho, né. Aí ela decidiu não mudar de uma cidade pequena, San Diego, não é San Diego de Califórnia, tá (risos). (Heroína 1)*

O deslize presente nesse trecho do relato é pontuado e bem característico, dá bem a ideia de subalternidade dos povos da América Latina em relação aos estadunidenses, a ideia de superioridade do país setentrional. Ele faz parte da lógica presente no pensamento capitalista e nas estruturas de poder em nosso continente. Essa região menos desenvolvida é formada por povos “sublusitanos, mestiçados de sangues afros e índios” como Ribeiro (1995) colocou sobre o Brasil, mas que pode ser estendido por toda América de colonização ibérica. Mesmo com movimentos de afirmação dos povos ameríndios e afro-americanos no século XXI, ainda há um forte e sedimentado discurso de segregação e superioridade dos brancos, mesmo que de forma indireta, e essas ideias aparecem relacionadas às nacionalidades também, já que os países do Sul das Américas são mais mestiços.

7 Quadro 2 – Deslize encontrado no relato	
8 Texto	9 Deslizes
10 Porque ela era comerciante, aí não tinha mais, não tava em boa situação em seu trabalho, né. Aí ela decidiu não mudar de uma cidade pequena, San Diego, não é San Diego de Califórnia, tá (risos).	11 San Diego (Venezuela) – pobre – subdesenvolvida 12 ⬇ 13 San Diego (Califórnia – EUA) – Rica - desenvolvida

Fonte: próprio autor

Percebe-se essa filiação discursiva que mantém a ideia de hegemônica estadunidense sobre os países da América Latina, um pensamento que foi enfatizado desde a doutrina Monroe[59] *A América para os americanos,* que ajudou a consolidar o pensamento de domínio estadunidense sobre as Américas.

O discurso de superioridade dos países do norte, não apenas do continente, mas também do globo terrestre, sempre é salientado em nossas vivências quando há uma crise maior nos países periféricos, que é o caso da crise que passa nosso país vizinho nas últimas décadas, com falta, inclusive, de medicamentos básicos para comercialização, como é relatado pela primeira abrigada a seguir:

> *Minha mãe era diabética, né. Aí eu ajudava ela, como ela tava em má situação lá, foi por isso que eu decidi ir embora de lá, porque quem me ajudava era minha mãe, aí ela já não tava já. Porque ela era comerciante, aí não tinha mais, não tava em boa situação em seu trabalho, né. (Heroína 1)*

Um dos fatores que fez com que a primeira heroína migrasse para o nosso país foi a situação de saúde de sua mãe, que já não conseguia mais medicamentos para tratar sua enfermidade, a falta de dinheiro familiar e a falta da medicação de sua progenitora foram situações importantes que levaram ela a mudar de país em busca

[59] A Doutrina Monroe foi proferida pelo presidente James Monroe no dia 02 de dezembro de 1823, no Congresso norte-americano. Em seu pronunciamento, James deixou claro que o continente não deveria aceitar nenhum tipo de intromissão europeia sobre quaisquer aspectos, isto é, “América para os americanos”.

de condições de vida melhores para si e sua família. Era uma questão de mudar e sobreviver, ou esperar a fome e a morte. Esse evento em sua vida é traumático e faz com que ela mude toda sua trajetória. Ainda mais quando se percebe no seu relato a importância da relação com sua mãe, pensando na cultura das relações dos países do Sul do globo, em que a criação dos filhos é algo quase que essencialmente feminino afirmada como parte da identidade da mulher, de seu corpo e de sua natureza, são poucas as famílias em que há a ideia de Equidade Parental [60]de Süssmutche (1988). O laço que une a abrigada com a figura materna é um dos fundamentos de sua existência, que faz com que mude de país e depois não consiga ter certeza se há o porquê do retorno.

Quando ela usa o verbo ser no passado, mesmo ela não relatando em outro ponto do texto, fica situado que sua mãe não deve estar viva, chegamos a essa conclusão porque ser diabético é crônico, a doença está no hall de doenças em que o tratamento é realizado por toda vida da pessoa acometida, quando ela usa o verbo ser no pretérito imperfeito do indicativo, fica clara a não existência de sua progenitora em nosso mundo.

> *Aí ela vendeu sua casa e se mudou para lá. Aí como eu decidi trocar de minha vida, precisava procurar, precisava de maquiagem, roupa, né? Aí o que minha mãe, a situação que a gente tava, não tava bem, por isso que eu decidi ir embora e ela me ajudou com passagem para garimpo. Lá eu fiquei um tempo, ia para garimpo, trabalhava e ajudava minha mãe. (Heroína 1)*

Nesse trecho há a menção aos elementos físicos necessários para que a abrigada conseguisse sua performatividade de gênero, ela precisa trocar a vida, esse verbo está diretamente ligado à necessidade de transição de gênero, mesmo a

[60] A equidade parental geralmente se refere à ideia de que ambos os pais devem ter direitos e responsabilidades iguais na criação dos filhos, independentemente de gênero, é um tema importante no contexto dos direitos dos pais e da guarda compartilhada. Rita Süssmuth é uma política alemã, é conhecida por seu trabalho em questões de família e igualdade de gênero.

abrigada sendo uma pessoa com atributos que permitiam uma passabilidade, como a mesma relata em um dos momentos do relato, ela é uma mulher que fez poucas mudanças corporais, mas que não tem muitos atributos ligados a performatividade do gênero masculino. Mas apesar dessa proximidade ao gênero de nascimento e o gênero que se identifica, ela precisa de elementos que a deixem mais ligada ao universo dito feminino, tais como maquiagem e roupas específicas. Silveira (2016) sobre ato performativo:

> Cabe destacar então que o conceito de gênero como "ato performativo" permite que sejam inseridos no debate dos gêneros os chamados gêneros não-inteligíveis, já que partir de uma lógica binária que considere "humanos homens" e "humanos mulheres" os ininteligíveis ficariam de fora. Sob o escopo butleriano, este fora é constituído pela normatividade e a constitui também. Mas o efeito dessas discussões não se instaura apenas no sentido de problematizar a psicanálise e os fundamentos baseados em uma lógica binária, e sim, em mostrar o quanto se deixa de fora da categoria de "humanos" os seres abjetos, aqueles que, servindo de limite para os gêneros possíveis, instauram as possibilidades de abertura de um centro regulador que seria responsável por "gerir" as identidades. (P. 60)

Com relação ao verbo trocar utilizado pela abrigada, segundo Guimarães (1990) pode ser classificado como verbo transitivo direto ou bitransitivo, os verbos transitivos diretos são aqueles que precisam de um complemento para terem sua significação completa, esse complemento é o objeto direto, já o bitransitivo é aquele que precisa de dois complementos, um objeto direto e um indireto. Com relação ao significado é colocado como ocupar o lugar de algo ou alguém por outra coisa ou pessoa. Com relação a significação faz todo sentido, é como se o sujeito, de forma inconsciente, percebesse a sua transição como a ocupação de um lugar que pertencesse a outra pessoa, como se fosse um lugar que não pudesse ser ocupado por ela. E nessa troca, nesse ocupar, ela precisasse procurar, cabe salientar que o verbo seguinte é transitivo direto, mesmo que tivesse uma ligação com a sobrevivência, também tem relação com a busca de seu lugar no mundo, tentativa de encontrar sua identidade. Para Butler (2006) "O mesmo dispositivo que procura estabelecer a norma contribui também para miná-la", da mesma forma que há uma exclusão dos divergentes, fica cada dia mais marcada a necessidade de respeitar e ressignificar as relações com os corpos que não sobrevivem ao binarismo imposto.

A segunda abrigada tem um universo inicial bem distinto da primeira, há uma necessidade de afirmação de sua aceitação e de demonstração de que antes da crise

em seu país, tudo estava bem. A crise que fez com que ocorressem todas a mudanças em sua vida.

> *Eu trabalhava no governo, faz sete ano atrás, eu trabalhava pra governo. Mas desisti por causa de que tudo já tava errado. Nada tava dando certo já. Só isso aí. (Heroína 2)*

O sujeito pontua que estava em um emprego, até então, estável e que não tinha problemas até começarem as mudanças econômicas em seu país. Sua vida foi atravessada e transformada pelo declínio social, político e financeiro que passa o país do petróleo. A ideia de que nada estava dando certo demonstra que no país não havia problemas para a abrigada sobreviver, a migração, no caso dela, foi exclusivamente devido às questões financeiras e de segurança. Quando ela coloca que já estava tudo dando errado, fica delimitado que até o fato de trabalhar para o governo já estava ruim, tanto financeiramente, como com relação à segurança, trabalhar para o governo venezuelano em outro momento poderia fornecer bons rendimentos e prestígio social, mas no momento que a abrigada resolveu migrar, trabalhar para o governo era ruim em vários aspectos.

> *Não, graças a Deus, eu sempre tive o apoio da minha mãe, do meu pai e dos meus parentes. Eu não sofri aquela violência, aquele preconceito com minha família, não. Graças a Deus! (Heroína 2)*
>
> *Eu sempre tive aceitação. (Heroína 2)*

Nesses dois pontos do relato, ela diverge da maioria das outras mulheres travestis e transgêneros refugiadas. Não apenas das abrigadas, mas de boa parte das histórias de vida que sabemos que no Brasil e no mundo de exclusão familiar, abandono, expulsão, violências, não aceitação à dissidência de gênero. Segundo uma pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, da Faculdade de Medicina, 6% das mulheres transgêneros são expulsas de casa com menos de treze anos. Na

pesquisa foi colocada a violência escolar que faz com que 91% das mulheres trans não terminem nem o Ensino Básico.

O uso dos pronomes demonstrativos aquele e aquela pontuam distanciamento em nosso idioma, tanto temporal, quanto espacial, e a relação que a abrigada faz com a violência sofrida e o preconceito preponderante direcionado às mulheres transgêneros e o uso dos pronomes deixam mais assinalado que sua vivência não foi como da maioria.

Percebemos que a abrigada diverge e é uma minoria das mulheres transgêneros que consegue terminar o Ensino Básico, que na época em que residia em seu país era funcionária pública, que tinha uma boa aceitação de sua família e comunidade. Mesmo ela não sofrendo essa violência, fica pontuado em seu relato que sabe o que é a violência contra travestis, principalmente porque a maioria de suas amigas e conhecidas são mulheres trans.

> *É maior, mas aí é só com pessoas que são salientes, porque eu sempre sou desse jeito, e aí eu trabalho com galeroso na Venezuela. Porque no governo de lá a gente trabalha com galeroso, com gente de política e trabalhava com a comunidade. E todo mundo me respeitava lá. Tu vai lá na Venezuela, e tu pergunta por mim e todo mundo me conhece. Eu trabalhei muitos anos, nunca tive preconceito com ninguém. (Heroína 2)*

A heroína coloca de forma bem direta que o respeito que recebe é devido a ter um comportamento adequado às normas, independente de com qual grupo de pessoas estivesse, fosse da comunidade, das áreas mais marginalizadas ou das áreas mais abastadas, nunca sofreu nenhum tipo de preconceito. Diferente da maioria das pessoas transgêneros e travestis que sofre com a violência das ruas, da família, no ambiente escolar, ela foi a minoria aceita. É interessante esse dado porque uma identidade que até pouco tempo tinha um CID específico e um tratamento por ser considerada um transtorno. Segundo o estudo da Universidade Federal de Minas

Gerais, 64% das mulheres transgêneros, incluindo países como os Estados Unidos, já pensaram em cometer suicídio. E essa situação é complexa e multifatorial, já que são excluídas de suas famílias desde a infância e adolescência, precisam trabalhar na prostituição das ruas para sobreviver, não terminam seus estudos. Há uma pressão dentro e fora da comunidade transgênero para fazerem modificações corporais, e para isso muitas migram para a Europa. Para terem uma maior aceitação social, buscam modificações para que seus corpos sejam próximos ao de uma mulher cisgênera, essa situação era mais forte ainda no século passado, mas é uma realidade que precisa ainda ser considerada. A expectativa de vida, de acordo com o IBGE é de trinta e cinco anos no Brasil. Tendo em vista todas essas considerações, na região do planeta (América do Sul) que tem o maior número de assassinatos de pessoas travestis e trans, a colocação do sujeito a diferencia das demais. Ela chega a dizer que se ama e se respeita e por isso que nunca se prostituiu, que também tem uma família.

Em seu texto são interessantes esses pontos como justificativa, pois é a posição que esse sujeito tem com relação à prostituição. Ela declara também a questão da violência ligada à prostituição, principalmente àquela exercida nas ruas. É dito pela mesma que as meninas estão acostumadas e que não procuram outra realidade porque não querem. A questão de colocar quem não se adequa às normas colocadas pela sociedade como saliente, deixa clara a tentativa de ser passável, ou seja, ser aceita em meio a tanto preconceito. A passabilidade é uma das violências que as pessoas LGBTQIAPN+ passam, principalmente as travestis e transgêneros, uma busca em se tornar alguém aceitável em seu meio social, alguém que não chame atenção por sua identidade de gênero. Essa busca se torna uma neurose que priva as pessoas trans de uma vida com mais saudável e plena.

14 Quadro 3 – Deslize encontrado no relato	
15 Texto	16 Deslizes
17 “Eu sempre tive aceitação.”	20 Sou desse jeito – não sou saliente– sou respeitada – tenho aceitação

18 “É maior, mas aí é só com pessoas que são salientes, porque eu sempre sou desse jeito...” 19	21 ⬇ 22 São diferentes de mim – são salientes – não são respeitadas – não são aceitas 23 ⬇ 24 É necessário um comportamento adequado para ser aceito e merecer isso.

Fonte: Próprio autor

Sua primeira morada em nosso país foi em Boa Vista, onde morou por 2 anos. Um ponto importante do relato é que ela diz que é respeitada por não ser saliente, por não fazer programa. A segunda heroína é o que se chama de ponto fora da curva, já que foge da realidade de 90% das mulheres travestis e transgêneros no Brasil. Ela trabalhou em uma carvoaria, que é um ambiente dominado por homens, muitas vezes com pouca escolaridade, e foi questionada sobre como era tratada e a mesma disse que sempre com respeito.

> *Minha vida na Venezuela era diferente daqui. Porque lá tinha casa, eu trabalhava em salão, em motel, é diferente. Foi a situação da Venezuela, foi o que fez eu vim pra cá. Porque eu tenho o que comer, na Venezuela não tinha o que comer. (Heroína 3)*

A abrigada expõe a sua mudança pelas privações que passava em seu país e a falta de oportunidades, há uma certa repetição do texto das abrigadas anteriores, as dificuldades em seu país fizeram com que ela mudasse. Antes da crise, ela coloca que tinha uma vida confortável, com diferentes empregos, ou seja, diferentes oportunidades, tinha uma residência e aqui não tem nada. Porém com a crise, ficou sem comida, e essa necessidade básica ela consegue em nosso país. Mas o conforto que a terceira abrigada consegue em seu país é apenas relacionado às questões financeiras, já que ela relata uma série de situações de violência como mulher travesti. O uso do porque inserindo a explicação para sua vinda ao Brasil e coloca como único ponto o ter o que comer, ela não tinha nem documentos no

momento do relato, mas só o fato de ter algo para se alimentar justificou toda sua mudança para um país que ela ainda estava aprendendo o idioma.

Pode se perceber as relações através do quadro abaixo:

25 Quadro 4 – Deslize encontrados no relato	
26 Texto	27 Deslize
28 “Minha vida na Venezuela era diferente daqui. Porque lá tinha casa, eu trabalhava em salão, em motel, é diferente. Foi a situação da Venezuela, foi o que fez eu vim pra cá. Porque eu tenho o que comer, na Venezuela não tinha o que comer.” 29	30 Situação ruim – já teve casa e trabalho – não tinha nem como sobreviver 31 ⬇ 32 Situação melhor – não tem casa, nem trabalho – tem o quê comer, como sobreviver 33 ⬇ 34 Apesar das dificuldades em nosso país, ainda há meios de sobrevivência

Fonte: próprio autor

> *Muitas coisas. Eu fui violada quando tinha nove anos por um tio meu. Ninguém sabe disso. E tem muitas coisas que eu prefiro não falar. Muitas coisas que eu não gosto muito. (Heroína 3)*

Nesse momento do relato apareceu um dado que não era parte das indagações iniciais, a abrigada resolveu falar sobre, mas não foram feitas mais indagações sobre o tema. Mas como dado de pesquisa não se pode negligenciar as violências sofridas na infância, seja transgênera ou cisgênera. A violência sexual contra a criança e adolescente causa uma série de consequências a curto, médio e longo prazo, e estão nas esferas físicas, comportamentais, emocionais, sociais e sexuais. A vida da abrigada três, uma mulher que respondeu ao voluntário de forma mais reticente, é marcada por esse evento que ela mencionou de forma rápida, como se necessitasse compartilhar essa situação com alguém. Quando a abrigada relata

que também há muitas coisas que prefere não falar, devido ao teor do que foi mencionado antes, percebemos que passou na Venezuela por uma série de situações de violência e seus direitos devem ter sido negligenciados.

> *Eu falarei em castelhano porque assim será melhor. Na Venezuela, era muito bom no princípio, no princípio eu me declarava gay. Antes de me declarar gay as pessoas me respeitavam. Depois que eu me declarei gay, eu comecei a me hormonizar. Lá eu passava por muita discriminação, muito preconceito, as pessoas não nos queriam, era totalmente diferente. Eu comecei a ficar nas ruas a partir dos quinze anos. Agora eu tenho vinte e três. Comecei a trabalhar em salão, comecei a me relacionar com pessoas do ambiente, da rua e tudo isso. Comecei a trabalhar na rua aos dezessete anos. Aos dezessete anos comecei a trabalhar na rua e fui ganhando. Graças a Deus que um dia eu estudei. Fiz até o terceiro semestre de informática, e assim foi. (Heroína 4)*

A discriminação e o preconceito são parte da vida das pessoas transgêneros, raras são as pessoas que não relatam casos de violência por suas identidades desviantes, e essa violência está muito ligada às relações de dominação dos corpos. Para Scott (1995) “O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”, e essas relações sempre tem engrenagens de poder, em que o elemento feminino, seja ele cisgênero ou transgênero, sempre ocupa lugar periférico, ou no caso das trans e travestis, ocupa um lugar marginal. A transgeneridade, ou os trajetos contínuos que as pessoas transgêneros efetuam por meio de sua existência e resistência, é um exemplo de como os binarismos e as normatizações de sexo, gênero e orientação sexual não conseguem abarcar a integralidade das subjetividades humanas. E mesmo se em âmbito social e cultural tais padrões estabeleçam fronteiras e margens para excluir ou inviabilizar o que Butler (2011) nomeia de vidas precárias, elas não são

impermeáveis. Ao contrário, fronteiras e margens demonstram o quanto a homogeneidade do que se encontra no centro é intrinsecamente frágil. É a ideia da masculinidade frágil, que não consegue se manter com as mudanças, precisando negar tudo que é diferente de suas vivências dadas como originais. Mas o sujeito entrelaçado ao discurso cis heteronormativo acredita, muitas vezes, que é a ideia do que é natural, do que vem da divindade. Ele se utiliza, para fundamentar seu discurso, de bases religiosas e cientificas, o discurso bíblico e o discurso da biologia para manutenção do binarismo de gênero e das relações sexuais que creem ser as naturais, que são entre os sexos opostos.

O verbo ser utilizado novamente no pretérito imperfeito do indicativo demonstra que a situação mudou assim que o sujeito se declarou como parte da comunidade LGBTQIAPN+, a aceitação e o bom convívio social foi até aquele momento da declaração e piorou com o início da transição.

> *Sim, quando eu tinha nove anos, minha mãe morreu. Ela morreu quando eu tinha nove anos. E desde então eu tive que aprender como era a vida e vi como a vida na rua era má. Não havia companhia, era eu e somente. Graças a Deus que hoje eu só gosto de um cigarrinho e álcool, não usei outras substâncias e ainda estudei. (Heroína 4)*

Nesse momento a abrigada traz a morte de sua mãe, que perdeu em circunstâncias diferentes da primeira abrigada. Mas devido a esse evento em sua vida, começou a ter contato com a vida nas ruas, mesmo com uma idade não adequada para isso, idade essa que ela repete, como se tentasse expor discursivamente que ninguém deveria perder sua mãe nessa fase de formação e que não há condições de se manter só no mundo. Também, não que exista uma idade para conhecer mundo marginalizado, mas a exposição na infância causa uma série de traumas, e, assim como o Brasil, a Venezuela não consegue resolver a situação das crianças órfãs, principalmente de suas mães, que em uma sociedade machista são colocadas como

as responsáveis pela criação e educação das crianças. De acordo com a UNICEF[61] na Convenção sobre os direitos das crianças:

> Os Estados Partes devem garantir que as instituições, as instalações e os serviços destinados aos cuidados ou à proteção da criança estejam em conformidade com os padrões estabelecidos pelas autoridades competentes, especialmente no que diz respeito à segurança e à saúde da criança, ao número e à adequação das equipes e à existência de supervisão adequada. (Parte I, artigo 2, inciso 3)

O documento que garantiria o direito à infância da abrigada não foi respeitado e ela passou por uma série de obstáculos nas ruas para conseguir estudar. Quando é mencionado por ela sobre não ter usado outras substâncias, é deixado claro que estava a disposição drogas ilícitas. Os estados devem garantir o direito a uma infância digna e que possibilite um desenvolvimento pleno até a fase adulta. Quando a abrigada coloca que era eu e somente eu, fica pontuado o total abandono de qualquer outro ente familiar e do estado.

35 **Quadro 5 – Deslize presente no relato**	
36 Texto	37 Deslizes
38 Eu falarei em castelhano porque assim será melhor. Na Venezuela, era muito bom no princípio, no princípio eu me declarava gay. Antes de me declarar gay as pessoas me respeitavam. Depois que eu me declarei gay, eu comecei a me hormonizar. Lá eu passava por muita discriminação, muito preconceito, as pessoas não nos queriam, era totalmente diferente.	39 Antes de me declarar gay as pessoas me respeitavam – Era muito bom – sem preconceito 40 ⬇ 41 Eu me declarei gay – Fui desrespeitado – começou o preconceito 42 ⬇ 43 Comecei a me hormonizar – muita discriminação – preconceito piorou – as pessoas não nos queriam – totalmente diferente ⬇ 44 45 Refugiada no Brasil – transgênera – totalmente diferente (melhor) – as pessoas a

[61] Fundo das Nações Unidas para Infância.

	querem – menos preconceito – menos discriminação

> *Desde pequena, sempre gostava de brincar com as meninas, gostava de brincar com boneca, nunca gostava de brincar com os meninos assim. E minha vida foi muito dura, porque para qualquer um sempre existe a homofobia, me entendes? E quando tinha catorze anos, comecei minha vida de trans, de trans, a me vestir de mulher e tudo isto. E eu fui para Caracas, fui atrás de estúdios de maquiagem, para ter uma carreira, fiz curso de estilista, tudo ligado à beleza, também tudo que tem a ver com cabelo. Aí eu fui a Cutupita com minha família, e lá segui trabalhando, segui lutando, como todo ser humano. E logo fui a Caracas, novamente. Eu gosto muito de atuar, animar, a questão de modelagem, tudo isso eu gosto. Fiz cursos de tudo isso. Fui outra vez a Cutupita, aí eu resolvi que iria agora para o Brasil. E agora estou aqui. (Heroína 5)*

A quinta Heroína relata que sempre gostou de brincar com meninas, algo que é corriqueiro entre gays e mulheres trans, o primeiro, muitas vezes, devido à aceitação e melhor relacionamento com as meninas, já com as mulheres transgêneros há a questão de identificação com o gênero feminino. Nesse ponto ela salienta as dificuldades com relação à homofobia, muitas mulheres transgêneros antes da transição são caracterizadas como homens gays, a sociedade enxerga o gay como feminino, uma visão estereotipada, pois as vivências gays são diversas, há homossexuais muito ligados aos padrões de masculinidade e virilidade vigentes, são aqueles que colocam em aplicativos de encontros amorosos que não gostam de efeminados e que muitas vezes são bem aceitos pelos grupos dominantes na sociedas. João W. Nery no documentário do projeto colabora afirma que a sociedade machista não aguenta o feminino, e que os gays mais efeminados, mais

desmunhecados, deveriam estar no topo da comunidade, mas são os mais excluídos pela própria sigla LGBTQIAPN+.

Quando ela coloca que precisa lutar como todo ser humano, esse como que estabelece uma comparação que quer dizer que ela também é humana, a sociedade não a vê como mulher transgênero fazendo parte como cidadã, a sociedade a animaliza e sexualiza, mas nesse deslize ela coloca que é como qualquer outra pessoa, que tem suas subjetivações, mas faz parte. Outro ponto que ela quer deixar marcada a sua existência é no final do trecho quando é dito pelo sujeito que agora estou aqui, é um não estou mais lá, preciso ser percebida de outra forma, quero ser aceita aqui, é uma chamada de atenção à sua resistência e necessidade de sobreviver em nosso país.

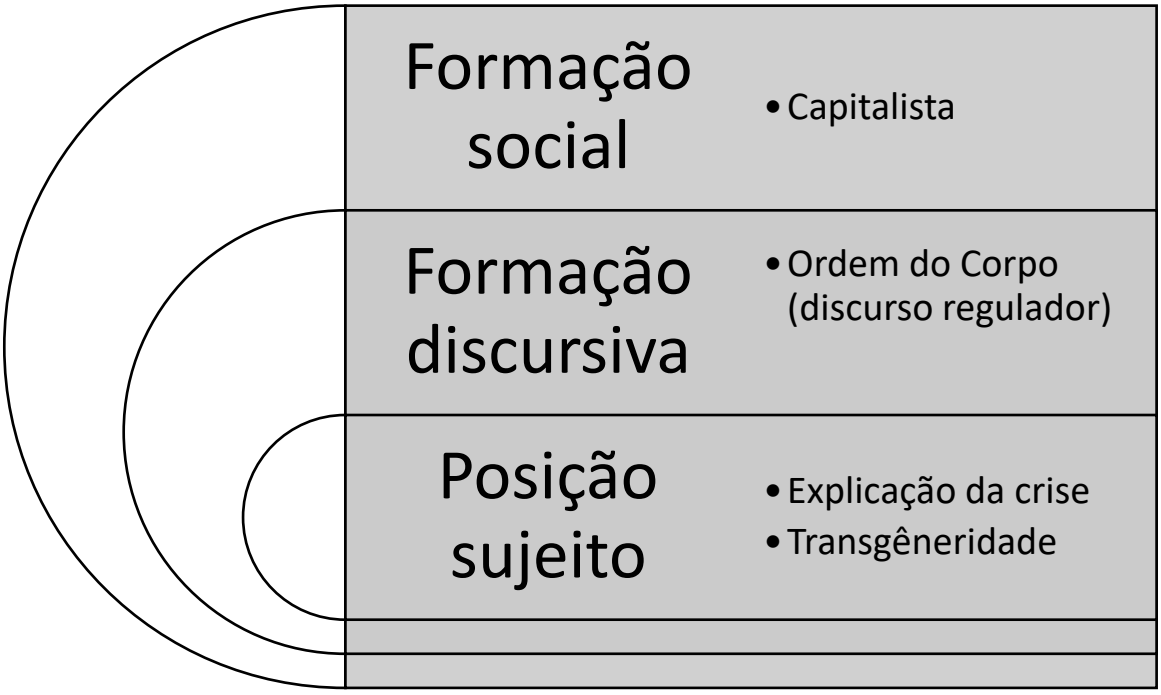
46 **Quadro 6 – Deslize presente no relato**	
47 Texto	48 Deslizes
49 E minha vida foi muito dura, porque para qualquer um sempre existe a homofobia, me entendes? E quando tinha catorze anos, comecei minha vida de trans, de trans, a me vestir de mulher e tudo isto. E eu fui para Caracas, fui atrás de estúdios de maquiagem, para ter uma carreira, fiz curso de estilista, tudo ligado à beleza, também tudo que tem a ver com cabelo. Aí eu fui a Cutupita com minha família, e lá segui trabalhando, segui lutando, como todo ser humano.	50 E minha vida foi muito dura – existe homofobia para qualquer um – Precisei mudar para ter uma carreira – lutando como todo ser humano (eu sou como todos) 51 ⬇ 52 A vida dos outros não foi tão dura – sou como todos? – Nem todos precisam se mudar para ter uma carreira – Eu luto mais do que os demais por não ser aceita 53 54
55	56

4.2.1.1 Pontos em comum da vida inicial

Todos os sujeitos tinham uma vida mais confortável antes da crise venezuelana, principalmente quando se refere às questões financeiras, por sua vez com relação à situação familiar e aceitação de suas identidades de gênero, a segunda abrigada é aceita por todo grupo em que convive. As outras não são tão bem aceitas,

declaram, inclusive, que o preconceito no país vizinho é mais presente e forte que em nosso país. As situações de violência também são mais corriqueiras na Venezuela, que tem menos leis que combatem a discriminação aos LGBTQIAPN+, uma das que existem no país é em relação ao mercado de trabalho. No país vizinho não há direitos para casais do mesmo sexo, as perseguições policiais, principalmente a mulheres travestis e transgêneros são corriqueiras, e até o ano 2000, gays e travestis que se prostituíam eram presos. Mas podemos estabelecer as relações discursivas dos sujeitos pesquisados sobre o primeiro ponto da seguinte forma:

FIGURA 2 – FORMAÇÃO DISCURSIVA E POSIÇÃO



Fonte: Próprio autor

4.2.2 Ato 2 – Conflito – encontram testes, aliados e inimigos.

Aí o mais rápido foi em fazer programa, que para mim como trans e como estrangeira é muito, muito difícil conseguir um trabalho fixo, ainda mais lá em Boa Vista, que

> *ainda são mais preconceituosos que de Manaus, lá tem homens de fazenda, assim, não sei, e tem outros costumes. Aí... é... eu saí para uma bairro que o nome era Ataíde, era onde acontecia tudo isso, né? Eu fui lá, né? Meu primeiro cliente foi horrível, ele batia em mim, eu tinha que deixar porque tão pagando. E meu português, se agora tá ruim, antes era horrível, nem me compreendia muito. Aí tudo que ele falou pra mim, eu falava "tá bom, tá bom...", se ele falava "vou te matar", eu "tá bom". Porque eu não compreendia, né. (Heroína 1)*

A abrigada relata a primeira vez que fez programa em sua vida, que foi quando migrou para nosso país, ela ainda não tinha trabalhado nas ruas, como outra menina relatou em outro relato. Ela começou pela necessidade da migração, já que precisava de uma forma de sustento e como não sabia o idioma, o único lugar que foi possível naquele momento inicial foi a prostituição. Há a menção também de violência em seu primeiro programa, e como ela não compreendia o que o cliente e abusador dizia, só concordava. Duas violências foram sofridas pela heroína em uma única situação, a prostituição necessária à sobrevivência e a violência física, e as duas se deviam muito à falta de conhecimento de nosso idioma, pois dificilmente se consegue inserção no mercado de trabalho sem saber o idioma do país em que se vive.

Quando a abrigada diz em seu texto que em Boa Vista são mais preconceituosos do que em Manaus, ela deixa assinalado que aqui também há preconceito, não fez nenhum relato durante sua fala, talvez por estar diante de um voluntário brasileiro e, possivelmente, manauara, mas no deslize do mais do que em Manaus, é perceptível que ocorreram situações em Manaus, mas que não foram explicitadas, ela silenciou por estar na cidade e precisar de abrigo, pensando que poderia não ser aceita ao falar uma realidade que poderia ser vergonhosa.

Quando ela diz que o mais rápido foi fazer programa, fica o não dito que existe um caminho mais longo e lento, mesmo que discursivamente, se constrói a ideia de que a travesti e transgênera pode conseguir através do esforço um outro meio para sobreviver, é o discurso da meritocracia que faz parte da formação social capitalista.

Dentro da prostituição aparece uma outra ideia perversa do capitalismo, a de que o cliente sempre tem razão, quando ela diz que ele a batia e ela precisava deixar porque estava pagando, além de precisar realmente do dinheiro para sobreviver, em uma lógica perversa, o sujeito se submete à situação para não perder o cliente e o dinheiro.

> *E lá aconteceu muitas coisas comigo, né... tudo para sobreviver, porque na verdade, eu tava só, aquela amiga, ela tava viajando, ela voltou para Venezuela, também para ajudar a mãe dela, levar umas coisas. Era a única pessoa que podia me ajudar, aí eu tinha que fazer programa, pra poder comer, alugar e um dia procurar trabalho, mas é muito difícil pra mim. Aí passou um tempo, eu tirei muitos meses assim, desse jeito e começaram a chegar mais travesti, aí entre nós travesti é uma coisa não muito legal, não muito apoio entre nós. (Heroína 1)*

O sujeito relata a falta de apoio entre as travestis, a necessidade de sobrevivência nas ruas faz com que muitas se tornem violentas e a competição faz com que as meninas que chegam para trabalhar não sejam amigas, mas sim mais uma para dividir o dinheiro que se consegue na prostituição. Afora as relações entre as meninas, se tirarmos partes da construção fica travesti é uma coisa não muito legal, essa ideia ela pode basear nas próprias situações de violências que passou, nas relações que precisou estabelecer para sobreviver, na necessidade de vender seu corpo para ter o que se alimentar e se estabelecer em uma país diferente em que mal sabe o idioma e que conhece poucas pessoas. E também se cortarmos mais ainda a construção e ficar travesti é uma coisa, a coisificação e objetificação do corpo travesti, que para parte da sociedade serve como fetiche e erotização, consumo rápido como uma coisa, um objeto e depois pode ser jogado fora, muitas vezes através das formas mais cruéis de assassinato, assim como o caso da travesti Dandara[62] em Fortaleza, que se tornou símbolo da luta contra a transfobia.

---

[62] O assassinato de Dandara ocorreu em 15 de fevereiro de 2017, no bairro Bom Jardim, mas só tornou-se público 16 dias depois, quando dois vídeos do ocorrido começaram a circular nas redes sociais.

Em Boa Vista, quando eu cheguei lá, tudo foi top, legal, porque eu conheci uma moça lá, e ela deu para mim a chave de um salão e a chave de uma casa. Ela não me conhece, não me conhecia naquele tempo. Aí ela botou a confiança em mim. Trabalhei com ela oito mês, ela disse muitas coisas que eu não sabia. Aí eu tinha conhecimento só da Venezuela, mas o jeito de vocês é diferente. Desistir trabalhar com ela, porque ela quis fazer o que quisesse comigo também. Ela tava querendo pensar que como eu não falava direito, aí ela quis me humilhar também. Aí eu desistir de trabalhar com ela no mês de janeiro. Aí começou a trabalhar num restaurante, trabalhei num restaurante durante três meses. Aí mais difícil ainda, porque a gente não tinha direito, trabalhar a moça e de novo vem. Desistir também e saí. Depois procurou outro serviço numa carvoaria, mexendo com carvão. Aí fiquei um ano e dois meses, trabalhando direto. Mais eu gostei, quando a gente tá procurando, eu gostei, porque preciso ganhar dinheiro. Eu não tive nenhum problema, todo mundo gostou de mim. (Heroína 2)

O segundo sujeito novamente, relata a aceitação, mas dessa vez no Brasil, assim como na Venezuela, consegue respeito no mercado de trabalho, só sai de alguns postos por não receber o que pensava ser justo. Mas não relata nenhuma situação de desrespeito à sua identidade de gênero, apenas de desrespeito com relação ao trabalho e possíveis explorações, algo comum quando a pessoa migra, há empregadores que deixam de pagar os direitos que pagariam para um trabalhador local, principalmente quando há o desconhecimento do idioma.

“Vo – E tu já tiveste um relacionamento no Brasil?

Ab 3 – Não, eu só fico. Só faço o que tem que fazer e nada mais.

Vo – Já tiveste relacionamento amoroso de mais tempo?

Ab 3– Eu acho que sim.

Vo- Há alguma situação que impede?

Ab 3 – Já faz um tempo que eu trabalho na rua, e ninguém sabe disso. Eu faço programa e eu não gosto. " (Heroína 3)

A abrigada é questionada sobre possíveis relacionamentos amorosos no Brasil, a fim de saber sobre como é o cotidiano em nosso país. Ela sinaliza que não é possível por trabalhar na prostituição, uma situação que ela não se sente confortável. O momento em que é dito que por é que só faço o que tenho que fazer e nada mais, está claramente ligado às necessidades amorosas rápidas do sujeito, as relações líquidas de Bauman (1998), até mesmo devido a sua necessidade de trabalho nas ruas e possíveis exposições a situações de violência com clientes, fica mais complicado se relacionar de forma romântica e estável.

Quando ela é indagada se já teve um relacionamento amoroso e ela responde que acha que sim, fica aberto a algumas possibilidades: ela pode ter vivido uma relação amorosa que não faz parte dos padrões instituídos pela sociedade e por isso a dúvida se realmente viveu um relacionamento, ela não viveu uma relação amorosa saudável e fica reticente com relação ao que viveu e tem traumas, ela pode ter vivido algo que não foi tão significativo e tão líquido que nem sabe se pode classificar como um namoro.

É que preciso pensar, se passaram tantas coisas... Já me apontaram uma pistola na cabeça, garrafas de vidro, facas, inclusive eu tenho marcas em meu corpo. Eu tenho marcas de coisas que eu passei nas ruas, coisas horríveis, coisas feias trabalhando. (Heroína 4)

Nesse trecho aparecem as violências nas ruas brasileiras com relação às prostitutas, principalmente quando se trata de transgêneros e travestis. Há uma violência sistemática da sociedade que exclui, dos clientes que praticam violências físicas, das outras meninas que trabalham nas ruas devido à competição e à necessidade de se impor sobre as demais, violência de agentes públicos que as ignoram e não as protegem, pois são tratadas como inexistentes, como se não fossem cidadãs. Quando ela diz que precisa pensar, podem surgir várias possibilidades de interpretação, ela pode estar organizando e selecionando quais os eventos pode e deve relatar para o voluntário, ela pode organizar também quais eventos não pode e não deve contar, alguns eventos ela pode ter esquecido, seja pela falta de relevância, seja pelo trauma que podem ter causado.

> *Aqui, no Brasil, se passou somente uma vez. Já na Venezuela, muitas coisas piores, muitas coisas piores. Aqui no Brasil foi por causa de uma amiga que está muito enferma, eu não sei o que vinha se passando, ela vinha caminhando e vinha um homem, ela ia trabalhar com um homem. Não sei o que foi se passando, ela se foi atrás dele cobrando seu dinheiro, e eu e mais umas pessoas que estavam ali a bateram, e eu fui defendê-la, e acabaram batendo em mim também. Foi a experiência que eu tive, que foi na Praça da Saudade. (Heroína 4)*

A abrigada deixa bem caracterizado os marcadores de localização para falar sobre as violências que já sofreu, e nessa distinção, relata que no Brasil foi um único evento e situações terríveis na Venezuela. Contudo, o evento que ela resolve relatar é no Brasil, talvez seja a necessidade de esquecer dos inúmeros abusos de que foi vítima em seu país, talvez as situações na Venezuela não tenham sido tão terríveis para serem lembradas. Talvez ela queira marcar, mesmo que em um evento violento, suas vivências no país que recebeu abrigo. Outro ponto que pode tê-la feito relatar sobre a experiência no Brasil é a necessidade dos marcadores de lugar e demonstrar

para o sujeito que a interpelou a praça em que aconteceu, a Praça da Saudade à noite é um ponto de prostituição utilizado pelas travestis e transgêneros venezuelanas.

> *Não, tenho muito mais o que falar, foi muita violência. Há homens que são terríveis por serem safados, e toda experiência. Uma última amiga minha saiu com um homem para trabalhar, e ele a cortou, a amarrou, a queimou com cigarro, com tudo isso, tudo isso por apenas cinquenta reais. E se você morre, se te matam, do que vale esses cinquenta reais? Não presta, não é? (Heroína 4)*

Ela coloca o valor do programa nesse ponto do relato, esse valor para quem não teria outras possibilidades é bastante, ainda mais para pessoas que migraram de uma país com uma crise econômica séria, mas ainda sim, quando se imagina o que pode acontecer para tentar conseguir esse valor, como a própria abrigada disse, pode-se morrer por causa desse cinquenta reais, ainda mais no país que mais mata travestis e transgêneros no mundo.

Ela deixa assinalado que tem muitas situações de violência para relatar na prostituição, a objetificação da mulher transgênero e travesti fica clara nesse trecho, que por esse valor o homem que consome o serviço sexual trata a profissional do sexo como uma coisa que pode ser queimada, cortada e amarrada.

> *Há muito, nem todo mundo é igual, há muita diferença entre algumas. Há umas que são tranquilas e outras que são más. Há muita diferença, há muita maldade entre as trans, há também muito preconceito. Se falam muitas coisas ruins de todas, mas há vários tipos de meninas. Umas que são boas e outras que são terríveis, terríveis, terríveis. Vou te dar um exemplo, entre os héteros, bissexuais, os gays e as travestis, nem todos são iguais, entre as travestis é assim, cada uma é uma, cada*

> *uma tem suas características, entende? São muito diferentes, porque nem todas somos iguais. (Heroína 5)*

A abrigada salienta um ponto, que é a existência de várias identidades transgêneros, e não apenas uma, como uma parcela da sociedade brasileira imagina, há várias características distintas em diferentes pessoas travestis e transgêneros, que não devem ser reduzidas a um perfil único e muitas vezes preconceituoso desse grupo de pessoas. O reducionismo e a falta de conhecimento sobre as pessoas travestis e transgêneros leva a ideias errôneas e generalizações que marginalizam e desumanizam essas mulheres. A sociedade, geralmente, procura rotular as pessoas, conforme questões religiosas, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual, sociais, econômicas, culturais, mas há uma hierarquia dentro dessas classificações que não é o cerne do trabalho. Mas sabemos que uma mulher transgênero branca, estadunidense e rica, como Caitlyn Jenner[63] vai sofrer menos preconceito que uma transgênero refugiada venezuelana, ou seja, há outras questões que atravessam os sujeitos que não só a transgeneridade. Quando Caitlyn começou se revelou uma mulher transgênero apareceu na capa de julho de 2016 da revista Vanity Fair e foi fotografado por Annie Leibovitz, com o título "Me chamem de Caitlyn". Se pensarmos na maioria das histórias de pessoas transgêneros de classes mais baixar no Brasil a realidade é de total exclusão e marginalização. Preciado (2022) coloca que:

> O corpo trans é a colônia. Todos os dias, em qualquer rua de Tijuana ou Los Angeles, em São Petersburgo ou Goa, em Atenas ou Sevilha, um corpo trans é morto com a mesma impunidade com que se levanta uma nova ocupação em ambos os lados do rio Jordão. A psicologia clínica e a medicina estão empenhadas em uma guerra pela imposição e normatização dos órgãos do corpo trans. (p. 297)

4.2.1.2 Pontos em comum no conflito

O conflito presente em todos os relatos é a dificuldade de se estabelecer no Brasil, percebemos isso na necessidade da maioria das abrigadas precisarem recorrer à prostituição para sobreviver, afora essa questão, que é, infelizmente, corriqueira para a comunidade travesti e transgênera, todas estavam sem lugar para morar, há a

[63] Caitlyn Marie Jenner é uma atriz, modelo, socialite e ex-atleta, e conhecida mulher transgênero norte-americana.

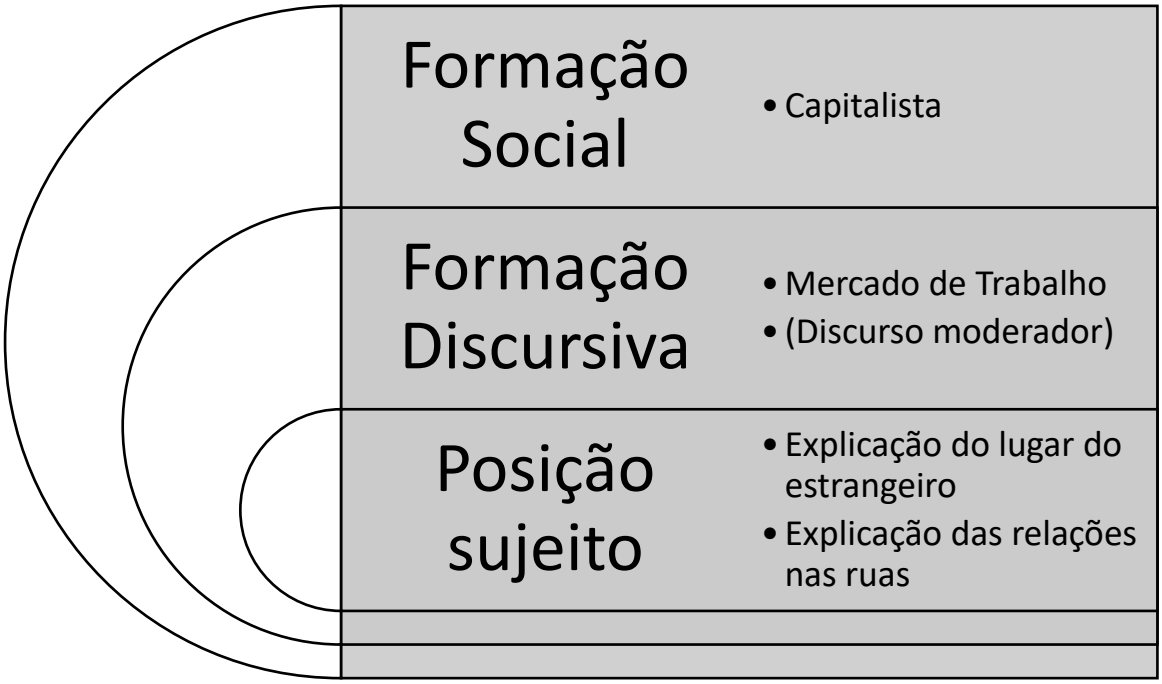
falta de moradia para essas mulheres. No momento dos relatos, apenas uma delas estava se qualificando para buscar vagas no mercado de trabalho. A maioria estava apenas procurando sobreviver, o que na situação de exclusão, marginalização e refúgio já é um feito grandioso. Resistir a todos os eventos que essas mulheres passaram, para chegar até aqui, só sendo um herói ou uma heroína.

Aparece também as violências que acontecem contra a população transgênero, tanto nas ruas, como em relacionamentos familiares. Os corpos transgêneros são coisificados e tratados como um objeto descartável e desvalorizado. Mas como uma das abrigadas disse, há vários tipos de travestis e transgêneros, o sofrimento está muito ligado às questões sociais também, de acordo com a defensora dos direitos transgêneros e travestis Anyk Lima [64] dizia que no período da ditadura militar no Brasil foi presa dezenas de vezes e só não apanhava mais porque era branca. Os policiais a tiravam da cela para terem relações sexuais, enquanto as travestis negras apenas apanhavam e demoravam mais a serem soltas. Para Preciado (2022):

> O migrante perdeu o Estado-nação. O refugiado perdeu sua casa. A pessoa trans perde o seu corpo. Todos eles cruzam a fronteira. A fronteira os constitui e os atravessa. Ela os destrói e os derruba. O corpo trans é para a epistemologia da diferença sexual o que o continente americano foi para o Império Espanhol: um lugar de imensa riqueza e cultura que superou a imaginação do Império. Um lugar de extração e aniquilação da vida. Nossos órgãos trans são, para o sistema heteropatriarcal, as minas de Potosí que alimentam o inconsciente patriarcal-colonial. O dinheiro é separado da terra e o mineiro é enterrado em um poço. Nossos órgãos são a borracha da Amazônia e o ouro das montanhas. Nossos órgãos são o óleo que a máquina sexual normativa precisa para funcionar. Em todos os lugares, o corpo trans é odiado, assim como fantasiado, desejado e consumido. (p. 298)

FIGURA 3 – FORMAÇÃO DISCURSIVA E POSIÇÃO SUJEITO

[64] Anyky Lima além de ter sobrevivido a ditadura, a epidemia do HIV nos anos 80/90, a ausência e omissão do estado, a violência e o transfeminicídio, era uma grande defensora dos direitos das pessoas LGBTI+ e lutadora pela cidadania da população de Travestis e demais pessoas trans. Sobreviveu as estatísticas e se tornou idosa em um País onde a expectativa de vida de uma travesti ou transexual é de 35 anos. Foi expulsa de casa aos 12 anos.



Fonte: próprio autor

4.2.3 Ato 3 – Conflito – Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência.

> *Aí, ele falou que sim. Eu fiquei muito emocionada, nesse tempo eu tava com dezoito ano, que eu tava namorando com um homem. Ele começou a chorar e eu também, porque a família dele nunca vai permitir isso, né? Namorar com uma trans. Aí, ele foi lá, se despediu de mim, e tal. Mas a gente seguia falando por telefone. A gente durou separado dois meses. Aí ele tinha um trabalho, tinha sua vida lá. O irmão dele tinha uma empresa de, não sei como é o nome, colocava câmeras de segurança. Eu tinha pouco tempo no Brasil, ele tava há seis anos, sete anos morando no Brasil. (Heroína 1)*

A primeira abrigada relata a dificuldade das pessoas transgêneros serem amadas, a família do rapaz que estava com ela no período do abrigo, não aceitava a

relação dele com uma mulher transgênero. As pessoas dissidentes de gênero, dificilmente, conseguem relações com aceitação dos familiares e da sociedade. A escritora transgênero Russo (2017) em seu romance Apenas uma garota, trata da situação de uma adolescente transgênero e a dificuldade de confiar seu passado ao rapaz que estava apaixonada, os dissidentes não conseguem amar como as pessoas que estão dentro do guarda-chuva do binarismo e da ideia de identidade de gênero ligada ao sexo do nascimento.

Os deslocamentos nas convenções sociais que pautam os relacionamentos e os sujeitos transgêneros que os integram também devem ser pensados como desdobramentos da lógica da montagem e desmontagem estratégica (DUQUE, 2011). A Necessidade de se montar e de se desmontar é necessária para convivência em uma sociedade que não aceita sua transgressão de gênero, aí o sujeito se desmonta para ser aceito pela família, pela escola, pelo namorado e pelo mercado de trabalho. Nesse sentido visão de Duque (2011, p.77) que entende a construção e a desconstrução da feminilidade a partir de uma relação estreita com a vergonha e o estigma, pensando esses processos como estratégias acionadas para lidar tanto com os parceiros, quanto com a exposição à violência das ruas, sejam elas físicas ou verbais.

Mesmo com as dificuldades relatadas pelas pessoas transgêneros em terem um relacionamento estável e a aceitação social do mesmo, a felicidade marcada no início desse trecho do relato pela abrigada demonstra a idealização de uma relação com um homem, muitas mulheres transgêneros e travestis buscam uma relação nos molder cisgêneros e heteronormativos conservadores, em que há a ideia da mulher ser protegida e cuidada pelo homem macho. Isso é percebido muitas vezes através dos discursos e na busca de homens mais viris e que não tenham traços mais ligados ao universo feminino, o que faz com que algumas travestis e transgêneros, de uma outras forma, reproduzam o discurso das relações heterossexuais conservadoras, até mesmo o discurso da violência.

> *Eu decidi trocar de minha personalidade, porque não me sentia bem como eu era. Mas me caiu muito bem, porque agora sou muito linda, né? (risos) Eu não, também, sempre existiu isso, que eu não me identificava como homem, até catorze ano, eu vivi como uma mentira. E*

> *aparenta uma pessoa que eu não era, né? Que eu tenho dois irmão homem, mais velho que eu. Aí ele como que, por respeito a ele, né? Porque na verdade não tive pai, meu irmão mais velho que é a minha figura paterna, aí por respeito a ele, eu sempre respeitei, fora dele, eu era outra pessoa. Quando eu não tava com ele, quando tava só também, dava uma liberada, quando eu tava na frente dele, eu me vestia como menino. Até que decidi fugir de casa, outro estado, aí quando voltei, eu voltei, menininha. (Heroína 1)*

A violência pela qual as pessoas transgressoras passam começa com a necessidade de se manterem no armário, esconderem sua identidade na própria família, a falta de aceitação faz com que elas necessitem se colocar no mundo como se fossem outras pessoas, negligenciando a vontade de serem quem realmente são, se vestirem como gostam, viverem de forma mais próxima com seus desejos. Novamente é utilizado o verbo trocar, que dá a ideia de ocupar um lugar que não era o seu. A abrigada utilizou o mesmo verbo de outro momento do relato, que pode indicar como entende essa posição sujeito, como uma necessidade de esquecer do período em que não estava com o corpo de acordo com sua identidade de gênero, assim como também não vivia como uma mulher, tinha que fingir uma vida cisgênera que não fazia parte de seu desejo.

Em Florentino (1998) há o seguinte relato:

> A primeira vez que me vesti de mulher, sem ter corpo feminino, foi muito legal. Acho que isso me motivou a alterar o meu corpo. Eu achava que só maquiagem, roupas, não era suficiente. Eu achava que teria que ser total. Não faz muito tempo, eu vou fazer trinta e dois anos, então, deixa eu fazer as contas aqui (...), eu tinha vinte e cinco para vinte e seis anos, né. Então, eu achava que seria melhor, ficaria mais completa a coisa. [relato de uma travesti cujo nome não está identificado]. (p. 82)

Há no trecho uma necessidade de afirmação social, já que diz para o voluntário que caiu muito bem a transição, diz que está linda e quer a opinião do voluntário, é uma constante entre as mulheres transgêneros e travestis que buscam o padrão cisgênero, a ideia de passabilidade, como se não pudesse ser uma mulher transgênero e travesti feia, ou mesmo mais masculina. Até porque cabe questionar o belo e o padrão masculino, há travestis e transgêneros que não se colocam mais

nesses lugares em que a sociedade capitalista encaixa as pessoas, porque adentrar no padrão estético é uma forma de assujeitamento ao discurso de padrão de beleza instituído.

> *Sempre fui respeitada, por isso eu saio aqui e todo mundo me acha diferente. Porque o dia a dia é para a gente trabalhar num lugar na sua vida, todo mundo pensa que não vai olhar veado de manhã, veado de tarde. Olha o quê tá fazendo por aqui, né? Todo mundo fica assanhado, porque os veados daqui saem só de noite, de noite eles saem pra rua pra fazer programa, né? Aí eu ando só de dia e de manhã. É diferente, né? Todo mundo fica com a cara espantada, pensando que eu vou fazer programa, mas não é assim, todo mundo pensa errado também. (Heroína 2)*

A segunda abrigada dos relatos afirma, como em vários momentos do texto, que sempre foi respeitada e que é vista pela sociedade como diferente das demais meninas travestis e transgêneros, por ter uma vida mais próxima a das pessoas cisgêneras, ela não aceita o lugar que colocaram essas mulheres, o lugar das ruas, e nem mesmo o período noturno a que elas são encontradas. A noite combina bem com a forma como essas mulheres são subjetivadas, o esconderijo da noite e a profissão do desejo.

Mas ao mesmo tempo que ela relata sua aceitação social, a abrigada percebe as feições de espanto, esse rosto espantado significa muito, não eram rostos de admiração, é rosto de susto, algo que causa medo, ou seja, mesmo ela afirmando toda aceitação, ela sabe que causa medo pelo que ela representa como mudança nos padrões sociais. O espanto por estar no não-lugar, o medo pelo corpo não-natural e o assombro em relação a resistência de pessoas que são convidadas o tempo todo a não-existência, delegadas à morte, seja pela vivência nas ruas, seja pelo suicídio devido à exclusão social e exclusão familiar.

> *Não, nunca na minha vida porque eu amo a mim mesma e tenho que me respeita, porque eu tenho uma filha e tenho uma mãe e um pai e meu irmão, né? Aí como eu*

> *vou sair na rua e trabalhar com prostituição? Eu não tem problema com quem faz, né? Mais aí, eu procuro trabalhar de outra coisa, porque é ruim trabalhar na rua. Porque eu já conheço muitas meninas que trabalham e eu sei que é difícil, eu sei que é difícil. (Heroína 2)*

A negação com relação ao trabalho nas ruas é feita de forma veemente pela segunda abrigada, e a ideia de que se respeita, ou seja, as meninas trans que fazem programa não se respeitam e não se amam, de acordo com o relato da abrigada. Ela coloca que não tem problema com relação às meninas que trabalham na rua, porém há uma carga de preconceito no texto dela com relação às mesmas.

> *É verdade, as meninas fica sozinha e fica com pensamento atormentado, porque tá sozinha e eu sempre penso na minha mãe, na minha filha e na minha família, sempre penso. Que eu tenho que melhorar, que eu tenho que melhorar, porque sabe onde quero chegar, porque piorar a situação, porque se fosse assim tinha ficado na Venezuela, eu penso assim, desse jeito. E eu falo pra todo mundo que é assim que tem que pensar, que tinha que ir pra outro país, acabar com sua vida e terminar de estragar, entendeu? É assim. (Heroína 2)*

Nesse ponto do relato ela diz que o que mantem seus objetivos de forma clara é o pensamento em seus familiares. Relacionando com a introdução, quando fiz menção a duas alunas que tive, uma com forte apoio familiar e outra com problemas sérios com a família, inclusive de abandono materno, a que teve apoio familiar terminou o ensino básico e está terminando o curso superior, já a que não teve, infelizmente, entrou na prostituição e cometeu suicídio. Aqui se estabelece uma relação parecida, as meninas que não tem esse acompanhamento familiar, esses vínculos fraternos e amorosos, vivem com essa falta, são atormentadas pelo vazio, e a abrigada do relato fica com pensamento nas pessoas que são importantes emocionalmente para ela. Na Série La Veneno, já citada na dissertação, a personagem principal, baseada na conhecida travesti espanhola Cristina Ortiz, cria

uma família com as meninas que convive na prostituição, e esses laços para ela e para tantas meninas que são expulsas de casa com menos de treze anos, os laços criados nas ruas são tão fortes quanto os laços familiares.

> *"Vo– E tu trabalharias em qualquer outra coisa para sair das ruas?*
>
> *Ab 3 – Sim, eu preciso. Não quero mais as ruas." (Heroína 3)*

O lugar comum a que as mulheres transgêneros são designadas na sociedade, o espaço das ruas, assim como o trabalho que lhes é oferecido, melhor colocando, muitas vezes o único, é o espaço da exclusão e da morte social. Quando a abrigada diz que precisa na sua resposta ao questionamento, fica pontuada a necessidade do sujeito de transformar sua realidade, mas não consegue, até esse momento, devido a inúmeros obstáculos, o pouco conhecimento da língua portuguesa é um empecilho para sua colocação no mercado de trabalho em Manaus. Outro impedimento é a xenofobia com relação aos migrantes venezuelanos. Somado a essas questões está a falta de documentação, que torna a situação mais complexa. E não nos esqueçamos que o currículo dos imigrantes nem sempre condiz com a realidade de nosso país, não há a mesma valorização com relação à formação obtida pelos refugiados em seu país de origem.

> *Eu estou esperando uma oportunidade, há pessoas me esperando em Curitiba. Há uma amiga, que é da Venezuela, vivia muito perto da minha casa, sua família. E ela está lá em Curitiba. Ela está lá há seis meses, está muito bem, não trabalha na rua, está estudando. Graças a Deus que ela está indo muito bem e inclusive, não sei porque, ela me enviou uma foto, ela era trans, agora cortou seu cabelo e fica assim de homem. Não entendo o porquê ela mudou. (Heroína 4)*

A quarta abrigada em sua fala relata sobre um amigo que tinha feito uma série de transformações e se identificava como uma mulher transgênero, nesse trecho não

é dito o porquê, mas pode ser relacionado a Duque (2011) e a noção de se montar e se desmontar para ser aceito pela sociedade. Devido a toda exclusão social que uma pessoa travesti passa, muitas vezes, torna-se mais fácil fazer o movimento de retorno a identidade que o sujeito não se identificava e ser aceito socialmente. A necessidade de emprego e melhores condições de vida se torna mais importante para algumas pessoas. Essas situações são relatadas em várias idades, e segundo Nery (2019) em Velhice Transviada, as poucas pessoas transgêneros que chegam a terceira idade, não nos esqueçamos que segundo o IBGE a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, muitas fazem o movimento de retorno ao gênero de nascimento, porque não são aceitas como deveriam nos asilos. Pensamos que se a aceitação na sociedade de maneira geral é difícil, imaginemos com relação a pessoas mais velhas que tiveram ainda menos contato com essa realidade. Além disso, se a transgeneridade é um tabu para muitas discussões, imaginemos a transgeneridade na terceira idade.

> *Sim, é muito interessante essa pergunta, por isso eu quero me embrenhar por esse mundo, da modelagem, da beleza, do estilismo. Eu tenho muitos cursos, muitos cursos, o que se passa é que não consigo focar bem em buscar o que quero. Na verdade, aqui em Manaus, eu não sei onde ficam as coisas, não sei onde ficam os canais de televisão e é uma meta que eu também tenho, trabalhar em um canal de televisão. Porque eu gosto do mundo artístico, o mundo da atuação, o mundo da imaginação, todas essas coisas. Quando me chamarem, e eu conseguir, eu passo, pois seu meu talento, eu confio em mim. Eu preciso de mais comunicação, contatos, para poder me embrenhar por este mundo. Mas tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Com a benção de Deus, eu irei para o Rio Grande do Sul. E lá vou ver o que me espera. (Heroína 5)*

As vidas dessas mulheres transgêneros são marginalizadas de duas maneiras em comum, uma delas é pela própria identidade de gênero, a conhecida transfobia, que não corresponde a aceita pela maioria da sociedade, que busca encaixar todos em um binarismo que exclui esses corpos dissidentes, que busca, inclusive, apagar a

existência desses corpos. Em nosso país as pessoas travestis e transgêneros não existem de inúmeras formas, geralmente, são inexistentes para o mercado de trabalho formal, não existem na escola, seus nomes são apagados pelos de nascimento, não existem para o Estado, através de políticas públicas mais efetivas e afirmativas, não existem para suas famílias, são expulsas de casa muito cedo, não existem para suas necessidades básicas, já que não podem muitas vezes utilizar o banheiro de acordo com seu gênero identitário. E por fim, a sociedade as mata aos trinta e cinco anos, seja por omissão, seja por piadas que normalizam a violência contra seus corpos, seja pela própria morte física, seja pela morte da memória de sua identidade de gênero, uma vez que muitas ao morrerem são enterradas com seu nome de batismo.

Segundo Lanz (2017), a ideia de transfobia é a mais nefasta violência sofrida por pessoas trans e coloca assim:

> A transfobia é a mais grave manifestação da capacidade de ódio e violência desse estigma. Apresenta-se na forma de discriminação, segregação, intolerância, exclusão e violência – real ou simbólica – de pessoas transgêneras, em casa e na rua, tanto nas suas relações interpessoais e grupais (hostilidade em locais públicos, incompreensão doméstica, isolamento e marginalização no trabalho, etc.), quanto na legitimação e garantia de seus direitos à cidadania (tratamento amplamente desigual entre as instituições; negação do direito de escolha quanto ao nome e ao gênero que deve constar em documentos oficiais; interdição e dificultação sistemáticas ao pleno exercício da liberdade de expressão assegurada pela constituição, etc.). (p. 303)

A primeira heroína conheceu essa violência em vários momentos, mas podemos pontuar quando chegou ao Brasil e necessitou se prostituir para sobreviver. Nesse momento, a única saída dada a uma mulher transgênera e estrangeira é o trabalho da prostituição mais perigosa, que é a das ruas. Ela acaba sofrendo violência física do primeiro cliente, já não bastasse a violência de ter que fazer algo que nunca fizera para sobreviver, ainda teve a violência física por não compreender o que o cliente estava dizendo, já que não entendia nosso idioma ainda. Se travestis brasileiras são violadas de todas as maneiras e são invisíveis, quando se tem um corpo estrangeiro, a situação se torna mais legitimada. Esses corpos são lançados à prostituição pelo desejo e à violência por ser considerado um corpo inadequado à existência.

A Segunda Heroína relata nunca ter passado por situações diretas de preconceito, que sempre se fez respeitar. Mas ficamos com o questionamento: o quê seria se fazer respeitar? Quais as violências ela passou para conseguir esse respeito?

Quais os apagamentos foram necessários para se enquadrar? Se alguém se esmera para conseguir se encaixar e obter respeito, é como se o sujeito Trans não tivesse direito ao respeito por existir, mas necessitasse buscar e provar o direito ao mesmo. Como o próprio sujeito diz, nunca foi “saliente”, mas se pensarmos em nossa sociedade homens cisgêneros brancos heterossexuais não precisam deixar de serrem salientes para terem respeito, temos como prova o ocupante do cargo máximo de nossa pátria. Por sua vez, mulheres, LGBTQIAPN+, pretos, povos indígenas, estrangeiros (dependendo da origem) precisam ter regras de conduta para serem respeitados. Mulheres devem se comportar como damas e mocinhas, LGBTQIAPN+ devem se manter no armário e respeitarem a família tradicional brasileira, pretos devem aceitar que não existe dívida histórica e utilizar o mito da “meritocracia” (sem “vitimismo”), povos indígenas devem aceitar a aculturação e entregar suas terras, estrangeiros devem “voltar para seus países”. Talvez dentro de não ser saliente em nosso país estaria tudo isso. Butler (2006) coloca, a legibilidade de nossa existência sempre se efetua por meio de determinadas normas. O gênero corresponde a uma delas.

A terceira heroína passou por inúmeras violências desde sua infância, foi violada aos nove anos por um parente próximo, como acontece com inúmeras crianças em nosso país e no mundo, sabe-se que a maioria dos casos de pedofilia acontecem no próprio seio familiar. Ela também relatou, de maneira generalizada, que na Venezuela as violências contra pessoas travestis são piores, já que é naturalizado os roubos e os estupros contra essas mulheres. É um não-direito de existir, são corpos usados para o prazer e descartados; assim como não é existe o direito a ter, o ser travesti é roubado naturalmente. O ser transgressor, que não se adequa às normas físicas de gênero e de orientação sexual, não é um cidadão com plenos direitos e deveres. É como se ocupasse o lugar da inexistência, ocupasse o lugar do não-corpo, do impossível do corpo. De acordo com Borrilo (2010), podemos observar que a transfobia pode operar então em duas vias: uma que atinge a integridade do corpo, podendo em casos mais graves incorrer no homicídio da vítima; ou uma violência simbólica, composta por xingamentos, tratamentos diferenciados ou impedindo o acesso da vítima a determinados lugares ou direitos.

Ela relata também a necessidade de lidar, no Brasil, com outras meninas trans que não aceitam as venezuelanas, e também com o mundo do tráfico de drogas, já

que são oferecidas substâncias ilícitas as meninas que trabalham nas ruas à noite e muitas vezes há a obrigação de comprar para um bom convívio nesse ambiente. Ela acaba compartilhando ter sido infectada por sífilis, na própria abrigada fala sobre as marcas em seu corpo, seguramente de um estágio mais avançado dessa infecção sexualmente transmissível grave e que pode levar à morte. Como a mesma não estava com sua documentação, já que fora roubada no período em que morava na rodoviária de Manaus, não era possível atendimento médico no Brasil, mesmo o Sistema Único de Saúde disponibilizando o tratamento gratuito.

A quarta heroína fala sobre a não aceitação na Venezuela, as pessoas não quererem o que não conhecem, eles não queriam mais àquele corpo estranho entre eles, é uma aversão ao diferente, uma fobia travestida de proteção. Ela perdeu a mãe aos nove anos, fato que acaba gerando uma série de faltas. Ao dezessete anos começa a trabalhar na prostituição e percebe que nas ruas é cada um em busca de sua sobrevivência. Assim como a primeira abrigada e a terceira, ela coloca que o preconceito na Venezuela é muito forte, inclusive não pretende voltar ao seu país. Ela coloca algo importante com relação às vidas travestis e trangêneras, assim como muitas, ela prefere viver nas ruas à não ter liberdade, a não poder existir. É melhor uma vida de privações do que não viver de acordo com suas identidades, uma vida lutando para existir e resistir é mais válida que uma não-vida.

Letícia Lanz (2017) coloca essa não-existência como a metáfora do armário para os LGBTQIAPN+:

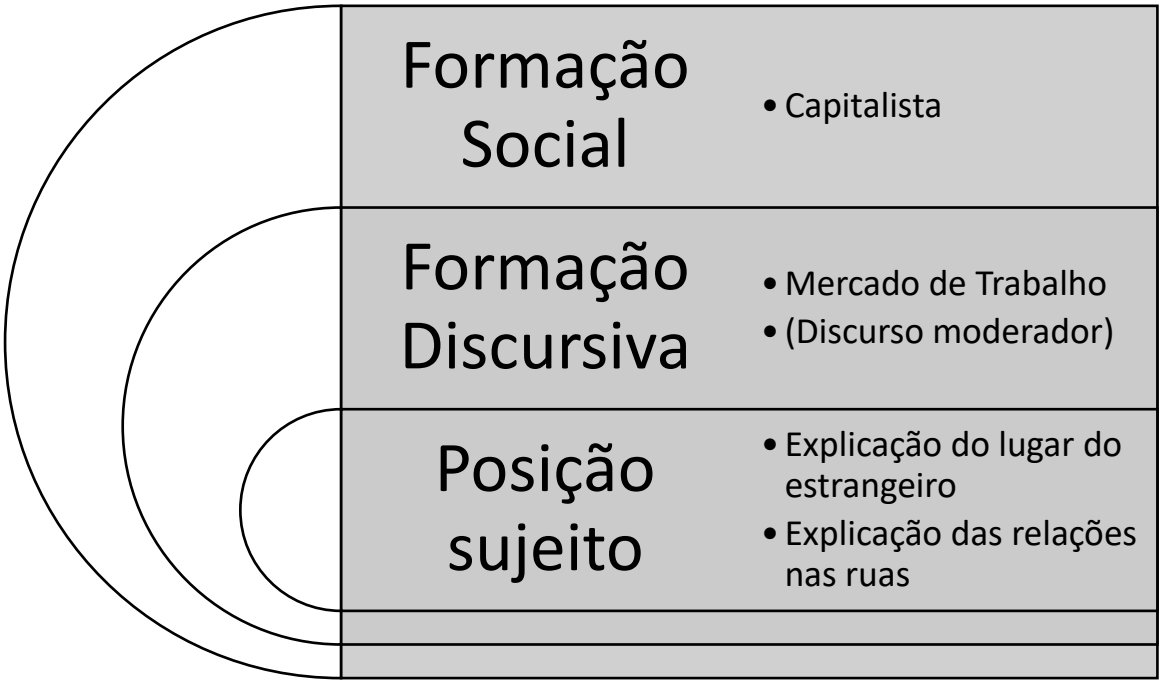
> É o medo do gigantesco aparelho coercitivo de gênero montado pela sociedade que estimula a maioria das pessoas transgêneras a buscarem a segurança e a invisibilidade social pelo armário. Ao se refugiar nele, um contingente enorme de homens e mulheres desidentificados com a categoria de gênero em que foram classificadas ao nascer buscam legitimamente se defender da rejeição familiar, escolar, profissional e religiosa, resultante do imenso estigma que paira sobre as pessoas transgêneras na nossa sociedade. Ingressando livremente em suas próprias prisões, acabam contribuindo para a manutenção dos valores (como a assimetria entre as duas categorias oficiais de gênero, homem e mulher) e das instituições (como o casamento e a família tradicionais) estabelecidos pela ordem cisgênero-heteronormativa. (p. 257)

4.2.1.3 Pontos em comum na resolução

A resolução, nomeada por Joseph Campbell, não é algo permanente, pois não existe algo resolvido, a ideia de finitude é ligada a algo completo, e a incompletude é fundamental na subjetivação. Essas mulheres estão em seus processos

incompreendidos de transição, uma trajetória física, psicológica e social que demanda movimentos de resistência. Há algumas distinções, mas as necessidades físicas de aproximação ao corpo feminino cisgênero são comuns, o desejo de se manterem longe das ruas e do trabalho da prostituição é de todas, o sonho de se tornarem pessoas respeitadas pela sociedade e mais aceitas é de toda a letra T. A necessidade de colocação profissional é o desejo mais recorrente dessas abrigadas, pois através disso que será possível um pouco mais de dignidade e alcançar uma vida mais próxima dos seus sonhos.

FIGURA 3 – FORMAÇÃO DISCURSIVA E POSIÇÃO SUJEITO



Fonte: próprio autor

5 - Considerações Finais

Eu sempre vou bater na tecla que sou travesti, vou morrer travesti e nasci uma travesti. E nunca vou ter vergonha disso, porque eu sou feliz assim.

Mulher Pepita

O objetivo desta dissertação foi compreender o universo de mulheres transgêneros vivendo em situação de migração no Brasil e chego a este ponto do texto com mais dúvidas do que com respostas, com mais situações que me deixaram uma série de conflitos, inquietações e preocupações do que resoluções. Entrar no universo das mulheres transgêneros me colocou diante de minhas próprias experiências e vivencias. Eu nunca passei tanta exclusão social e me situo como uma parte da sociedade que acaba as marginalizando, para tentar mudar um pouco dessa realidade que me motivei a entrar na trajetória das heroínas. De modo geral, pude perceber que há muito por detrás da vida dessas mulheres, mas que ainda é pouco nosso entendimento sobre suas necessidades, considerando principalmente que há pouco tempo sua identidade saiu do *hall* de doenças psiquiátricas. Um ponto pertinente é a questão de apagamento dessa minoria, que nos deu pistas sobre um processo estrutural que minorias sexuais e de gênero vivenciam em seu desenvolvimento, abrangendo a discriminação e a exclusão por conta da sua identidade dissidente em uma sociedade que disciplina os corpos a binaridade de gênero. Dessa forma a transfobia, além de também poder ser pensada como uma forma de disciplina, tem impacto em todas as áreas da vida das mulheres e homens trans, além de que a percepção de que a transfobia pode motivar da permanência no armário. A transfobia remete a situações que são comuns a muitos LGBTQIAPN+, que é a violência intrafamiliar. Salientamos que qualquer pessoa, de qualquer orientação sexual ou identidade de gênero que viveu violência doméstica na sua família de origem pode estar vulnerável a reproduzir essa violência nos seus relacionamentos quando adulto, isso acontece muito nos momentos que as meninas relatam suas vivências nas ruas. Mas o caso de minorias sexuais é específico: Além de terem que lidar com situações comuns de violência doméstica, ainda há o atravessamento da violência transfóbica vivenciada dentro de casa. Esse tema nos ajuda a pensar as vulnerabilidades que são históricas e que vem de seus núcleos familiares.

É importante considerar que o Estado brasileiro não garante direitos a minorias de gênero e sexuais, dentre eles, o acolhimento digno às mulheres transgêneros, e quando se trata de refugiadas os direitos são mais vilipendiados ainda. Elas não têm muitas saídas para sua existência que não sejam as ruas e a prostituição. Diante dessa falta de políticas públicas para mulheres dissidentes da binaridade de gêneros, essas, quando envoltos em uma situação de privação tendem a buscar apoios informais, como amigos e órgãos de apoio não governamentais, que se mostraram como a principal fonte de ajuda para o grupo que participou da pesquisa, mas ainda assim, essas fontes de ajuda são percebidas de maneira ambígua, onde ora pedem auxiliar, e ora podem não ter como manter a ajuda.

A experiência do armário não é apenas uma experiência de ocultação da identidade de gênero, mas muitas vezes pode ser uma experiência produtora de subjetividade. Além disso, o armário pode ser a única forma de sobrevivência daquele corpo transgressor, que ainda está em processos de mudança. O encontro entre o conservadorismo da cidade e a exposição dos corpos estranhos e dissidentes, podem ser motivadores para a tentativa de cisnormatividade. Isso pode culminar no típico discurso do “transgênero que se dá o respeito”, “que não é saliente”, que inclusive consta no texto de uma das residentes. Dessa maneira, práticas que rompam com a performatividade de gênero, podem ser fatores de tensão social, podendo contribuir para o abismo entre esse grupo marginalizado e os outros atores sociais.

A inclusão desses corpos divergentes em todos os âmbitos da sociedade se faz urgente, é necessário mais conhecimento sobre as pessoas travestis e transgêneros, para que a sociedade brasileira diminua o abismo existente entre pessoas cisgêneras e transgêneros, a desigualdade com relação a expectativa de vida é imensa, as oportunidades ínfimas dadas as pessoas trans não são suficientes para fornecer mecanismos que promovam equidade social. É necessário escutar essas vozes e aceitar suas diferenças.

Precisamos entender que mesmo com a marginalização, a exclusão, o silenciamento e com o genocídio[65] dos corpos transgêneros e travestis, sejam eles

---

[65] Extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso. Por genocídio entende-se quaisquer dos atos abaixo relacionados, cometidos com a intenção de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial, ou religioso, tais como: assassinato de membros do grupo; causar danos à integridade física ou mental de membros do grupo; impor deliberadamente ao grupo condições de vida que possam causar sua destruição física total ou parcial.

estrangeiros ou brasileiros, eles continuarão existindo, pois sua resistência e sua existência se sobrepõe a imposições padrões sociais.

SUGESTÕES PARA POSSÍVEIS ATUAÇÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Antes de finalizar a dissertação, nesse momento, gostaria de colocar algumas possibilidades de reflexão para a atuação em políticas públicas voltadas a mulheres travestis e transgêneros no Brasil:

1º) Romper com os mitos sobre binaridade de gênero: As categorias de gênero, auxiliando nos processos de subjetivação, geram a ideia de que pessoas transgêneros não são naturais. É preciso então entender que as masculinidades e feminilidades são plurais e estão em relação contextual com a realidade e mesmo reconhecendo a relações sociais sejam estruturais e tenham como base as dinâmicas de gênero, mulheres travestis e transgêneros não devem sofrer sistematicamente agressões e violências, antes, precisamos entender quais fatores que fazem com que esse pensamento se sustente. A violência contra os divergentes é uma construção social, incentivada através da performatividade de gênero. A binaridade de gênero sendo contextual e histórica e traz aspectos que vão para além da situação violência física e psicológica, transgêneros e travestis são mortas de formas brutais pela sua identidade, ou seja, é preciso ter um olhar amplo, considerando as complexidades que envolvem a utilização da violência contra esse grupo. Isso não significa abandonar a possível responsabilização judicial de um agressor, antes, significa entender que engendramentos que permitem e incentiva o uso de violências contra essas mulheres.

2º) Romper com as barreiras que impedem que mulheres transgêneros e travestis vítimas violência consigam atendimento de políticas públicas e essas barreiras podem ser:

- Não há políticas específicas para atender mulheres transgêneros e travestis de forma adequada em delegacias. Isto implica em romper com a orientação política neoliberal

e discriminatória brasileira que não organiza um sistema de acolhimento a mulheres dissidentes.

- Não ocorre preparo na educação para pessoas transgêneros, essas pessoas ficam à margem do processo educativo e são, muitas vezes, excluídas e discriminadas nas escolas, suas demandas não são atendidas e ficam invisíveis dentro das instituições. Meninos e meninas são tratados como Josette[66], personagem da série *Vestidas de azul*[67], que é baseada no livro homônimo e no documentário que se passou no período da ditadura franquista na Espanha. Josette precisou voltar a ser José para ser aceita em seu povoado e sua família, assim como os alunos precisam aceitar seus nomes do gênero do nascimento e cumprirem performatizações de gênero que não são parte deles.

- Metodológicas: Envolve entender que, por mais mulheres transgêneros tenham semelhanças com as vivências de pessoas cisgêneras, há também inúmeras diferenças que são estruturais e possui componentes que, de nenhuma forma, existem na vivência cisgêneras, como a exclusão e discriminação sistemáticas, por exemplo. As barreiras metodológicas implicam na noção de que muitos profissionais podem não saber o que fazer ao se depararem com uma situação de violência contra pessoas transgêneros. Uma das possíveis soluções para essa questão envolve fomento à produção de pesquisas que evidenciem mais as vivências dessas mulheres e consequentemente, deem embasamento para a elaboração de planos estratégicos de inclusão social e políticas equitativas.

- Atitudinais: Envolve o contato e atendimento direto dessas mulheres em mais políticas públicas, que não sejam apenas relacionadas ao processo transexualizador e prevenção a IST's. O preconceito e discriminação, culmina em políticas que reduzem as mulheres transgêneros e travestis às mudanças corporais e prevenção de infecções sexuais. Nas escolas, por exemplo, além do respeito ao nome social, algo recente, não há políticas inclusivas e que diminuam a evasão escolar desse grupo. Qualquer atividade que seja direcionada por pessoas transgêneros e travestis

---

[66] Personagem da série, baseada em um documentário e em um livro que retrata a vida de mulheres trans na Espanha Franquista. Josette, após o filme, casou-se e conseguiu estabilidade financeira, mas após um tempo seu marido se suicidou. Depois dessa tragédia, ficou em depressão e resolveu voltar à sua família e ao seu povoado, precisou deixar de ser Josette e voltou a ser José. Atualmente faz shows como Josette, escondida de sua família, para ser aceita.

[67] Relata a vida de seis mulheres trans que viveram durante da ditadura de Franco na Espanha.

recebe um olhar rigoroso e de censura, sempre com o texto de que os pais mais conservadores poderiam não aceitar determinada música, determinada dança.

3º) Usar a interseccionalidade como ferramenta de análise da vida das mulheres travestis e transgêneros. A interseccionalidade é útil na análise da complexidade da das vivências dissidentes. Podendo nos auxiliar a entender as relações de poder, as situações de tensão e como as categorias identitárias são construídas. Por exemplo, consideremos que uma mulher transgêneros, que não atende as expectativas de gênero tradicionais, mas é de uma classe mais abastada, quais suas dificuldades na convivência em sociedade. Esse atravessamento social que a coloca em superioridade financeira a exclui das violências sofridas pelas outras transgêneros e travestis?

4º) Investir em formação profissional nas redes de acolhimento e atendimento para pessoas transgêneros e travestis, fazendo o acolhimento da diversidade: Esse ponto envolve considerar que o atendimento a pessoas transgêneros é interdisciplinar. Muitos são as áreas do conhecimento que atuam para garantir os direitos de pessoas que se em processos de transição, coloco processos com a ideia de Laerte, de que um corpo nunca está totalmente formado. Assim, é necessário que esses profissionais estejam minimamente preparados para lidar com mulheres transgêneros e travestis, a necessidade, por exemplo, de fazerem exames que seriam de homens cisgêneros. Isso implica em conhecer as nuances que envolvem os processos de subjetivação de pessoas não-cisgêneras, pois não basta apenas romper com barreiras atitudinais voltadas ao preconceito, antes, é necessário um conhecimento das vivências transgêneros em uma sociedade predominantemente cis. Isso acaba sendo possível através de programas de formação continuada na rede de acolhimento travestis e transgêneros, pois essa formação tem potencial para evitar atitudes discriminatórias nas redes de acolhimento.

REFERÊNCIAS

ABRIGADA, Heroína 1. Relato para Casa Miga. Manaus, novembro, 2019. 1 arquivo MP3 (45 minutos) O Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ABRIGADA, Heroína 2. Relato para Casa Miga. Manaus, novembro, 2019. 1 arquivo MP3 (30 minutos) O Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ABRIGADA, Heroína 3. Relato para Casa Miga. Manaus, novembro, 2019. 1 arquivo MP3 (20 minutos) O Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ABRIGADA, Heroína 4. Relato para Casa Miga. Manaus, novembro, 2019. 1 arquivo MP3 (20 minutos) O Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ABRIGADA, Heroína 5. Relato para Casa Miga. Manaus, novembro, 2019. 1 arquivo MP3 (20 minutos) O Relato na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AGIER, Michel. Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação. Michel Agier: tradução Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameiras, Yann Hamonic. - 1º ed. - São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso**.** Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

BRAGA, Maria Lucia Santaella. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. São Paulo, 1999.

BRASIL. (2013). Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde.

BREAKWELL, G. M. et al. (2010). Métodos de pesquisa em psicologia. Porto Alegre: Artmed.

BRITO, F. L. C. B. & ROSA, J. de M. (2018) “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. Revista Observatório, 4(1), 751-778.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea, n. 1, jan.-jun. 2011, p. 13-33.

_____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPBELL, Joseph. A jornada do herói. São Paulo: Editora Agora, 1999.

CASSANA, Mônica Ferreira. Corpos impossíveis: a (des)ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual. Porto Alegre, 2016.– UFRGS.

CHUEKE, G. V., & LIMA, M. C. (2011). Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. Revista Espaço Acadêmico, 11(128), 63-69.

COURTINE, J. J. Análise do discurso político: a propósito do discurso comunista dirigido aos cristãos. São Carlos: EduFSCar, 2014.

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FERREIRA, Ariadna. Travestis na década de 80 – aplicação de silicone industrial nos seios. Década de 80 - Reportagem feita por Goulart de Andrade. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=98GLU1DbDSs&t=1013s – acesso em 20/11/2021.

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher: etnografia sobre travestis em Porto Alegre. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GUIMARÃES, Acelino Pedro. Tudo sobre verbo: comentário detalhado, conjugação, questionário, respostas. São Paulo: Ícone,1990.

https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf acesso: às 15h em 20/11/2021.

HOVART, Aleksandra. Gender Transgression, In: LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa Transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Movimento Transgente, 2º edição, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2a ed. Brasília: 2012.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo gênero e cultura no Brasil. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LA VENENO. Direção: Javier Ambrossi. Producão Ignacio Corrales. Espanha: Suma Latina, 2020. HBO.

LA VENENO 2 – VESTIDAS DE AZUL. Direção: Mikel Rueda. Produção Javier Ambrossi. Atres Media TV, 2023. MAX.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa Transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero: uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Movimento Transgente, 2º edição, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____ Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas. 9(2), 541-553.

MARCONI M.A. & LAKATOS, E.M. (2002). Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas.

MAZIÈRE, Francine. Análise do discurso: História e práticas. Tradução Marcos Marcionillo – São Paulo: Parábola editorial, 2007.

MEIER, Pierre Alain. Dores de amor. São Paulo, 1987. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=I7eO00w5g9o

MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.) Identity. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MIGUEL, Luiz Henrique. O beijo das travestis: amor e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo.

MINAYO, M. C. S. & DESLANDES, S. F. (2007). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25 ed. Pedtrópolis: Vozes.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: Colling, Leandro. Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: EDUFBA, 2011.

MOREIRA,Júlia. Política em relação aos refugiados no Brasil(1947-2010). Campinas. 2012. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280962/1/Moreira_JuliaBertino_D.pdf. Acesso em 20 de maio de 2020.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: BENTES, A. C; MUSSALIM, F. (Org.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol.2; 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NERY, João W. Velhice Transviada: Memórias e Reflexões. 1 ed. São Paulo: Objetiva, 2019.

OLIVEIRA, João Manuel de (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In Nogueira, C. & Oliveira, J. M. de. (Orgs.). Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género. Lisboa: CIG. 19-44.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

_____. Discurso e Texto. Campinas: Pontes, 2008.

_____. Eu, Tu, Ele - Discurso e Real da história. Campinas, SP: Pontes editores, 2º edição, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso; textos escolhidos por Eni P. Orlandi – 4º edição, Campinas, SP, Pontes editores, 2015.

_____O discurso: estrutura ou acontecimento; tradução Eni P. Orlandi – 6º edição, Campinas, SP, Pontes editores, 2012.

_____Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Silvério. BRtrans. 2 edição – Rio de Janeiro, Cobodó, 2017.

PINHEIRO, Dácio. Meu amigo Cláudia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DKTTu-ORBy4&t=329s

PONTES, Júlia Clara, Silva; Cristiane Gonçalvez. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. Periodicus. 2017.

PRECIADO, Paul. Eu sou o monstro que vos falo: Relatório para uma academia de psicanalistas. In 88248-362282-1-PB.pdf.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REVELAÇÃO. Direção: Sam Feder. Producão Amy Scholder. Estados Unidos: Field of Vision, 2020. Plataforma Netflix.

RODRIGUES, Diana da Silva. WHAT'S THE T?: Investigando a literatura Trans. Niterói, 2019. (Dissertação orientada pela Prof.ª Drª Carla de Figueiredo Portilho) – UFF.

SANTOS, Boaventura de Souza. A Crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência. Editora Cortez, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Aguinaldo. "Rogéria super star". Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 03, n. 32, jan. 1981.

SILVA, Hélio. Travesti: A invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-dumar, 1993.

SILVEIRA, Edérson L. Édipo não é rei: Foucault, Butler e o Sexo em Discurso. In https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167787/340628.pdf?sequence=1&isAllowed=y

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. Análise de Discurso: Procedimentos metodológicos. Instituto Census. Edição do Kindle, 2014.

_____Conhecendo Análise do Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia. Manaus: Editora Valer, 2006.

STILES-Shields, C., & CARROL, R. A. (2014). Same-Sex Domestic Violence: Prevalence, Unique Aspects, and Clinical Implications. Journal of Sex & Marital Therapy, 41(6), 636–648.

SÜSSMUTCH, R. A nova maternidade e os projetos de vida da mulher. In: SOLIZ, N. (org). A mulher do século XXI. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1998. P15-28.

Szwarcwald, C. L.; Bastos, F. I.; Esteves, M. A. P. & Andrade, C. L. T. de. (2000). A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996: uma análise espacial. Cadernos de Saúde Pública, 16(Suppl. 1), S07-S19.

VALÉRIO, Simone Toschi. Deus não fez só macho e fêmea: o poder do dispositivo de linguagem na constituição de saberes e de verdades sobre as sexualidades. Niterói, 2018. (Tese orientada pela Profª Drª Luciana Maria Almeida de Freitas) – UFF.

WINOGRAD, M. (2003). A problemática corpo-alma na obra de Freud. *Cadernos de Psicanálise da SPCRJ, 19* (22), 2-15.

WONDER, Cláudia. Olhares de Cláudia Wonder. Edições GLS, primeira edição, São Paulo, 2008.

ZANELLA, Alexandre da Silva. Espaços atravessados: sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade. Niterói, 2017. (Tese orientada pela Prof.ª Dr.ª Vanise Gomes Medeiros) – UFF

ZARAGOZA, Valeria Cristina Vegas. Digo! Ni puta, ni santa – Las memorias de La Veneno. Valência – Espanha, 2016.

_____. Vestidas de Azul: Análisis social y cinematográfico de la mujer transexual em los años de la Transición española. 1º edição, Espanha, Dos Bigotes, 2019.

Documentário Meu amigo Claudia: https://www.youtube.com/watch?v=DKTTu-ORBy

https://www.medicina.ufmg.br/enquanto-existir-transfobia-saude-das-mulheres-trans-estara-comprometida/ acesso: às 16h em 20/11/2020.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm acesso: às 17h em 10/11/2020.

https://projetocolabora.com.br/especial/lgbt60-corpos-que-resistem/ acesso: às 20h em 15/10/2021.

APÊNDICE A – QUADROS DAS ABRIGADAS

Quadros de acordo com a Jornada do Herói

Quadro 1 – primeira abrigada

57 Heroína 1 58		
59 Primeiro Ato- 60 Apresentação	61 Os heróis são apresentados no Mundo Comum, onde	62 “Minha mãe era diabética, né. Aí eu ajudava ela, como ela tava em má situação lá, foi por isso que eu decidi ir embora de lá, porque quem me ajudava era minha mãe, aí ela já não tava já. Porque ela era comerciante, aí não tinha mais, não tava em boa situação em seu trabalho, né. Aí ela decidiu não mudar de uma cidade pequena, San Diego, não é San Diego de Califórnia, tá (risos).” 63 “O nome era San Diego, era um povo muito pequeno, era mais petroleiro, antes de mudar para a cidade de origem dela. Aí ela vendeu sua casa e se mudou para lá. Aí como eu decidi trocar de minha vida, precisava procurar, precisava de maquiagem, roupa, né? Aí o que minha mãe, a situação que a gente tava, não tava bem, por isso que eu decidi ir embora e ela me ajudou com passagem para garimpo. Lá eu fiquei um tempo, ia para garimpo, trabalhava e ajudava minha mãe.” 64 65
	66 recebem O Chamado À Aventura.	67 “Aí quando ela me deu esse dinheiro, eu conheci uma amiga que era venezuelana de nascimento, mas não de sangue, a mãe dela é guianesa e o pai dela é brasileiro. Aí ela mora em Boa Vista. Ela tá com namorado em Boa Vista, ela já é casada. Aí, eu conheci ela lá, e ela me convidou, amiga bora para Boa Vista?” 68 69
	70 Primeiro, ficam relutantes ou Recusa o Chamado, mas	71 “Eu disse: amiga, eu não tenho onde chegar lá. Eu não tava com dinheiro suficiente, pra sair do país. Aí ela falou para mim: não, eu te ajudo, e tal, tu é muito boa pessoa, gostei de ti, e tal, aí tu vai comigo. E eu, tá bom. Aí, eu tava assim sem identidade, né? De lá. Porque

		lá, tipo assim, eu gosto de andar documentada, com cuidado, com a polícia, não pegar a gente. Mas eu acho que é importante mais eu tava precisando para sair do país, para eu poder sair documentada. Aí esse semana que decidi ir embora, né?” 72 73
	74 num Encontro com o Mentor são encorajados a fazer a	75 “O negócio de identidade, eu aproveitei, e tirei, e saí com ela, e assim foi. Ela pagou minha passagem e tal, eu fiquei em Boa Vista com ela e com a sogra dela trabalhando. Aí eu ajudava minha mãe, né?” 76 77
	78 Travessia do Primeiro Limiar e entrar no Mundo Especial, onde	79 “Aí eu ajudava minha mãe, né? Com medicamento dela, que é muito, muito, muito caro. Que ela tomava insulina, aí insulina, não tava, não tava entrando no país. E meu irmão tinha que ir pra Colômbia, na verdade a fronteira, que ele comprava o medicamento para ela. Aí ele precisava do dinheiro da passagem, para comprar o medicamento, aí todo mundo ajudava. Aí depois de três meses, ela decidiu ir embora para o Rio de Janeiro, porque o marido dela morava lá, era dono de um ônibus escolar, não sei, uma empresa, tinha como oito anos que ele morava lá. Aí ele falou para levar sua mulher para lá, seu filho, e tal. Aí ela decidiu alugar a casa deles, ela falou comigo e tal. Aí eu tinha um dinheiro arrumado e decidi que tinha que ir embora, né.” 80 81 82
83 Segundo Ato - Conflito	84 encontram Testes, aliados e inimigos.	85 “Aí o mais rápido foi em fazer programa, que para mim como trans e como estrangeira é muito, muito difícil conseguir um trabalho fixo, ainda mais lá em Boa Vista, que ainda são mais preconceituosos que de Manaus, lá tem homens de fazenda, assim, não sei, e tem outros costumes. Aí... é... eu saí para uma bairro que o nome era Ataíde, era onde acontecia tudo isso, né? Eu fui lá, né? Meu primeiro cliente foi horrível, ele batia em mim, eu tinha que deixar porque tão pagando. E meu português, se agora tá ruim, antes era horrível, nem me compreendia muito. Aí tudo que ele falou pra mim, eu falava “tá bom, tá bom...”, se ele falava “vou te matar”, eu “tá bom”. Porque eu não compreendia, né.” 86 “E lá aconteceu muitas coisas comigo, né... tudo para sobreviver, porque na

			verdade, eu tava só, aquela amiga, ela tava viajando, ela voltou para Venezuela, também para ajudar a mãe dela, levar umas coisas. Era a única pessoa que podia me ajudar, aí eu tinha que fazer programa, pra poder comer, alugar e um dia procurar trabalho, mas é muito difícil pra mim. Aí passou um tempo, eu tirei muitos meses assim, desse jeito e começaram a chegar mais travesti, aí entre nós travesti é uma coisa não muito legal, não muito apoio entre nós.”
		87 88	
	89	Na Aproximação da Caverna Oculta, cruzam um Segundo Limiar,	90 “Mas tem umas que eu acho que não. Aí elas começaram a roubar os homens de lá, essas coisas, tudo mal. Aí as pessoas que não faziam isso, né, os clientes começaram a ter medo de nós, tavam com medo e tal. Aí nós não tinha muito trabalho.”
			91 92
	93	onde enfrentam a Provação.	94 “Aí tinha momento que eu dormi na rua, que não tinha dinheiro para aluga, se eu comia uma vez ao dia era muito. Tinha vezes que eu não comia todo o dia. Aí eu dormia numa praça de lá, que é muito conhecida, praça das água, né, acho que eu dormi duas semanas. Aí encontra outro cara em condições de rua, aí começou a pegar meu cartão?”
			95 “Meu papelão e jogar no chão e eu dormia. Aí de manhã, eu ia para casa de uma conhecida, uma senhora brasileira, ela me dava roupa, se ela tava com comida, ela me dava. Porque o marido dela era muito homofóbico, mas a senhora era legal. Ela falava que se o marido dela não fosse assim, ela me tivesse em sua casa, né? Ela dava sua casa pra mim, mas não podia. Aí eu comecei a viver essas coisas, sozinha. Depois minha mãe começou a piorar com a doença dela, né? Aí eu tava sem dinheiro pra mandar, eu não tinha para comer, e alugar, né. Aí não podia mandar dinheiro para lá.”
			96 97
	98	Ganham sua Recompensa e	99 “Aí eu escutei sobre uma , um abrigo de ACNUR, aí eu tinha um amigo que era gay, aí ele me falaram disso e tal. Que não era grande coisa, mas dava pra gente dormir, comer e seguridade, né? Que eu não tinha seguridade na rua. Aí eu durei como uma semana procurando abrigo, aí falaram que tava lotado. Aí tinha um amigo que falava que tinha uma mulher, que o nome dela era Catalina, ela

		ajudava muito as pessoas LGBT, né? Aí eu fui lá na Universidade Federal de Boa Vista, que eles tinha uma, uma, eles se concentravam lá. Eu fui lá, procurando ela, aí ela não tava, tava viajando, não sei, ela tava fora do país. Aí comecei a chorar, porque era a única esperança que tinha, né? Aí tinha uma mulher, que era a mão direita dela, aí ela, o nome dela era Raquel, ela começou a falar comigo e tal. Aí eu comecei a chorar desesperada. Aí, porque eu tava necessitada, eu tava precisando, né? Ela me ajudou, ela falou que amanhã tu pode, que podia ir lá mesmo, às 10h da manhã, que ela ia me encaminhar pra um abrigo. Aí foi assim, foi bom, a última noite que dormi na rua, né? Assim foi, eu me levantei de manhã e tal, fui com a senhora, àquela, tomei banho, procurei minhas coisa, peguei minhas coisa e fui lá, pra universidade federal." 100 101 102
103 Terceiro ato - Resolução	104 são perseguidos no Caminho de Volta ao Mundo Comum.	105 "Aí, antes disso, eu tava, ante de eu conseguir um abrigo, eu tava, não sei, não tava namorando, porque na verdade pra mim não existia, eu achava impossível o amor. Tava falando com um cara, que é meu marido agora, aí ele era como a única pessoa com quem eu falava, que me compreendia e tal, mas não tava assim com, não tinha esse, tipo, confiança com ele pra falar "ai, tô passando fome, eu não tenho onde dormir, eu tô dormindo na rua, né?". Eu não tinha isso com ele, que depois, se eu tivesse falado, ele podia me ajudar. Mas eu não tinha confiança em dormir com ele. Aí, eu fui lá, né? Eles só falaram comigo e tal, aí depois que eu fui para o abrigo, encaminhada e tal, eu cheguei lá, ele seguiu lá, falando comigo, ele foi me visitar lá e tal. Aí quando ele me viu num abrigo que ele perguntou porque eu tava ali, foi aí que eu falei que eu tava mal e tal, que tava sozinha aqui em Brasil, né? Aí ele se ofereceu como um amigo e tal. A gente começou a se apaixonar, ele me ajudava com a comida. Aí essas coisa , aí passou o tempo e a gente começou a namorar e tal. Aí eu decidi ir embora de Manaus, de Boa Vista." 106 "Aí a ACNUR, eles fizeram um negócio de interiorização de imigrantes. Aí eu me cadastrei e em uma semana eu tinha que viajar. Aí o dia que, eu tava, que eu chegava aqui de viagem, que eu falei pra ele que eu ia embora. Aí, justamente, um

		dia antes de ir embora que ele me falou “fica aqui em Boa Vista”, eu não tenho como ficar, tô a fim de uma vida melhor em Manaus, uma vida estável e decente. Aí ele falou “tu vai morar comigo, eu quero morar contigo, não sei o que”. Ele tava indeciso, se ia embora, se ia ficar, mas tinha muito problema, tinha muita briga lá com travesti, eu não queria ficar por isso também. Eu queria fazer uma nova etapa na minha vida, porque queria apagar o passado, né? E foi assim, ele falou de verdade, "tu me querer mesmo? Aí, tu vai lá, não sei, a gente pode combinar, tu vai pra Manaus, como vai ser tua vida longe, né?” Também porque ele nunca havia namorado com uma travesti, ele se considerava hétero, ele se considera hétero ainda.” 107 108 109
	110 Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência.	111 “Aí, ele falou que sim. Eu fiquei muito emocionada, nesse tempo eu tava com dezoito ano, que eu tava namorando com um homem. Ele começou a chorar e eu também, porque a família dele nunca vai permitir isso, né? Namorar com uma trans. Aí, ele foi lá, se despediu de mim, e tal. Mas a gente seguia falando por telefone. A gente durou separado dois meses. Aí ele tinha um trabalho, tinha sua vida lá. O irmão dele tinha uma empresa de, não sei como é o nome, colocava câmeras de segurança. Eu tinha pouco tempo no Brasil, ele tava há seis anos, sete anos morando no Brasil.” 112 “Eu decidi trocar de minha personalidade, porque não me sentia bem como eu era. Mas me caiu muito bem, porque agora sou muito linda, né? (risos) Eu não, também, sempre existiu isso, que eu não me identificava como homem, até catorze ano, eu vivi como uma mentira. E aparenta uma pessoa que eu não era, né? Que eu tenho dois irmão homem, mais velho que eu. Aí ele como que, por respeito a ele, né? Porque na verdade não tive pai, meu irmão mais velho que é a minha figura paterna, aí por respeito a ele, eu sempre respeitei, fora dele, eu era outra pessoa. Quando eu não tava com ele, quando tava só também, dava uma liberada, quando eu tava na frente dele, eu me vestia como menino. Até que decidi fugir de casa, outro estado, aí quando voltei, eu voltei, menininha.” 113 114 115

	116 Chega então o momento do Retorno com o Elixir, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.	117 "Mas eu acho que, algum dia, eu, meu país vai voltar, a gente vai voltar pro nosso país. Que o que eu acho que a Venezuela tem tudo para ser um bom país, só que tá mal administrado. Porque um país com mais petróleo no mundo, né? Riquezas de minerais, o campo de lá dá muito ouro e outras coisas. Só que tá mal administrado, acho que um dia se arruma e volta pra meu país. Acho que pra mim não vai ser a mesma coisa, porque o lugar que eu tinha lá, já não está. A casa onde eu cresci, já não tá. A pessoa que eu queria ver pra eu voltar, já não tá. Eu sei que até lá, um dia a gente vai se junta. A vida só é um passo. É isso." 118

Quadro 2 – Segunda abrigada

119 Heroína 2 120		
121 Primeiro Ato- 122 Apresentação	123 Os heróis são apresentados no Mundo Comum, onde	124 "Eu trabalhava no governo, faz sete ano atrás, eu trabalhava pra governo. Mas desisti por causa de que tudo já tava errado. Nada tava dando certo já. Só isso aí." 125 "Não, graças a Deus, eu sempre tive o apoio da minha mãe, do meu pai e dos meus parentes. Eu não sofri aquela violência, aquele preconceito com minha família, não. Graças a Deus!" 126 "Eu sempre tive aceitação." 127 "É maior, mas aí é só com pessoas que são salientes, porque eu sempre sou desse jeito, e aí eu trabalho com galeroso na Venezuela. Porque no governo de lá a gente trabalha com galeroso, com gente de política e trabalhava com a comunidade. E todo mundo me respeitava lá. Tu vai lá na Venezuela, e tu pergunta por mim e todo mundo me conhece. Eu trabalhei muitos anos, nunca tive preconceito com ninguém." 128 129
	130 recebem O Chamado À Aventura.	131 "Foi, na verdade eu tive que sair de lá, fugindo. Porque trabalhar para o governo de lá da Venezuela é difícil, porque quem desistir, sabendo de muitas coisas morre, ou vai pra cadeia, ou tem que fugir procurando melhoria de vida, mas tem que sair. Porque é difícil, é difícil a gente ficar lá com preocupação de que vai

		morrer, ou vai para a cadeia. Aí agora, eu tô com uma nova vida no Brasil. “ 132
	133 Primeiro, ficam relutantes ou Recusa o Chamado, mas 134 135 136	137 Não relutou ao chamado por ser perseguida pelo estado.
	138 num Encontro com o Mentor são encorajados a fazer a	139 “Em Boa Vista, quando eu cheguei lá, tudo foi top, legal, porque eu conheci uma moça lá, e ela deu para mim a chave de um salão e a chave de uma casa. Ela não me conhece, não me conhecia naquele tempo. Aí ela botou a confiança em mim. Trabalhei com ela oito mês, ela disse muitas coisas que eu não sabia.”
	140 Travessia do Primeiro Limiar e entrar no Mundo Especial, onde 141 142 143	144
145 Segundo Ato - Conflito	146 encontram Testes, aliados e inimigos.	147 “Em Boa Vista, quando eu cheguei lá, tudo foi top, legal, porque eu conheci uma moça lá, e ela deu para mim a chave de um salão e a chave de uma casa. Ela não me conhece, não me conhecia naquele tempo. Aí ela botou a confiança em mim. Trabalhei com ela oito mês, ela disse muitas coisas que eu não sabia. Aí eu tinha conhecimento só da Venezuela, mas o jeito de vocês é diferente. Desistir trabalhar com ela, porque ela quis fazer o que quisesse comigo também. Ela tava querendo pensar que como eu não falava direito, aí ela quis me humilhar também. Aí eu desistir de trabalhar com ela no mês de janeiro. Aí começou a trabalhar num restaurante, trabalhei num restaurante durante três meses. Aí mais difícil ainda, porque a gente não tinha direito, trabalhar a moça e de novo vem. Desistir também e saí. Depois procurou outro serviço numa carvoaria, mexendo com carvão. Aí fiquei um ano e dois meses, trabalhando direto. Mais eu gostei, quando a gente tá procurando, eu gostei, porque preciso ganhar dinheiro. Eu não tive nenhum problema, todo mundo gostou de mim. “
	148 Na Aproximação da Caverna Oculta, cruzam um Segundo Limiar,	149 “Aí eles também pediram para eu voltar de novo, que a situação aqui em Manaus tava ruim, que tem carvoeiro que conhece meu trabalho, eu falei que não adianta procurar carvoeiro aqui em Manaus, porque eu sei que o pagamento daqui de Manaus é fraco. Lá em Boa vista é diferente, porque eles exportam carvão pra todo canto, entendeu? Pois

		sim, eu gostei muito de morar em Boa Vista. Agora tô vivendo mais na frente em Manaus, pra ver como é que vai acontecer, né?” 150 151 152
	153 onde enfrentam a Provação.	154 “Meu nome é A.A., eu tô muito agradecida com o governo do Brasil, por eles me receberem aqui, como imigrante. Aí minha trajetória, pra todo mundo não é fácil, aí difícil pra quem vai procurando as coisa. Porque têm muitas pessoas também que desistem por causa de que tem preconceito, né? Mas eu tô saindo em frente das coisa também.” 155 156 157
	158 Ganham sua Recompensa e	159 “Não, porque ela tinha, a maioria eram homens de lá da Venezuela, mas eu já conhecia e como eu não sou saliente, eu não faço programa, eu sou uma pessoa normal. Todo mundo pensava que eu era mulher também, eles me ajudava, eu trabalhava direito com eles. Ainda assim eu achava forma, fazia coisa de homem como eles, aí eu, eles não tinham nenhum problema comigo. Nunca aconteceu um preconceito assim, porque tinha mulheres donas de forno, de lá, tinha também, e todo mundo respeitava porque sabe que aqui no Brasil, é sei. Aí eu não tive nenhum problema.”
160 Terceiro ato - Resolução	161 são perseguidos no Caminho de Volta ao Mundo Comum. 162 163 164	165
	166 Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência.	167 “Sempre fui respeitada, por isso eu saio aqui e todo mundo me acha diferente. Porque o dia a dia é para a gente trabalhar num lugar na sua vida, todo mundo pensa que não vai olhar veado de manhã, veado de tarde. Olha o quê tá fazendo por aqui, né? Todo mundo fica assanhado, porque os veados daqui saem só de noite, de noite eles saem pra rua pra fazer programa, né? Aí eu ando só de dia e de manhã. É diferente, né? Todo mundo fica com a cara espantada, pensando que eu vou fazer programa, mas não é assim, todo mundo pensa errado também.” 168 “Não, nunca na minha vida porque eu amo a mim mesma e tenho que me respeita, porque eu tenho uma filha e tenho uma mãe e um pai e meu irmão,

		né? Aí como eu vou sair na rua e trabalhar com prostituição? Eu não tem problema com quem faz, né? Mais aí, eu procuro trabalhar de outra coisa, porque é ruim trabalhar na rua. Porque eu já conheço muitas meninas que trabalham e eu sei que é difícil, eu sei que é difícil." 169 "É verdade, as meninas fica sozinha e fica com pensamento atormentado, porque tá sozinha e eu sempre penso na minha mãe, na minha filha e na minha família, sempre penso. Que eu tenho que melhorar, que eu tenho que melhorar, porque sabe onde quero chegar, porque piorar a situação, porque se fosse assim tinha ficado na Venezuela, eu penso assim, desse jeito. E eu falo pra todo mundo que é assim que tem que pensar, que tinha que ir pra outro país, acabar com sua vida e terminar de estragar, entendeu? É assim. " 170 171 172
	173 Chega então o momento do Retorno com o Elixir, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.	174 "Quando eu saio ficam assim, tu tem estudo, tu tá fazendo curso de administração, fala português bem, teu sotaque não muda. Eu me dou por conhecer de todo mundo. E todo mundo vai mudando vai mudando seu pensamento, nem todo mundo que sai a rua é pra fazer programa, é assim." 175

Quadro 3 – terceira abrigada

176 Heroína 3		
177 Primeiro Ato- 178 Apresentação	179 Os heróis são apresentados no Mundo Comum, onde	180 "Minha vida na Venezuela era diferente daqui. Porque lá tinha casa, eu trabalhava em salão, em motel, é diferente. Foi a situação da Venezuela, foi o que fez eu vim pra cá. Porque eu tenho o que comer, na Venezuela não tinha o que comer." 181 "Muitas coisas. Eu fui violada quando tinha nove anos por um tio meu. Ninguém sabe disso. E tem muitas coisas que eu prefiro não falar. Muitas coisas que eu não gosto muito." 182

		183 184
	185 recebem O Chamado À Aventura.	186 “Ab 3 – Foi problemas com meu pai, que aconteceu há muito tempo com meu irmão. E eu não sabia nada, porque eu não sabia nada e eram coisas que eram más para tudo. 187 Vo – Como foi essa mudança da Venezuela para o Brasil? 188 Ab 3 – Eu falei para minha mãe que vinha para casa de uma amiga. E vim pra cá de noite. Eu não queria que ninguém soubesse da mudança.” 189 “Vo – Como tu percebes a questão da transfobia, homofobia na Venezuela e no Brasil? 190 Ab 3 – Na Venezuela é pior. 191 Vo – Podes relatar alguns exemplos? 192 Ab 3 – Na Venezuela te estupram, te levam coisas. Na Venezuela é pior que aqui. É muitas coisas. “ 193 “Teve muita dificuldade, até Boa Vista de Pacaraima é uns 300 km.” 194 195 196
	197 Primeiro, ficam relutantes ou Recusa o Chamado, mas	198 “Vo – Tu pretendes voltar para Venezuela um dia? 199 Ab 3 – Quero porque lá está minha mãe. Mas o restante já morreu, eu não quero saber.” 200
	201 num Encontro com o Mentor são encorajados a fazer a 202 203 204	205
	206 Travessia do Primeiro Limiar e entrar no Mundo Especial, onde	207 “Eu tenho muitos planos. Eu quero conhecer o Brasil. Eu sou estilista e quero ser alguém reconhecido. Uma transexual reconhecida.” 208 209 210
211 Segundo Ato - Conflito	212 encontram Testes, aliados e inimigos.	213 “Vo – E tu já tiveste um relacionamento no Brasil? 214 Ab 3 – Não, eu só fico. Só faço o que tem que fazer e nada mais. 215 Vo – Já tiveste relacionamento amoroso de mais tempo? 216 Ab 3 – Eu acho que sim. 217 Vo - Há alguma situação que impede? 218 Ab 3 – Já faz um tempo que eu trabalho na rua, e ninguém sabe disso. Eu faço programa e eu não gosto. “ 219 220 221 222

	223 Na Aproximação da Caverna Oculta, cruzam um Segundo Limiar,	224 “Vo- E como são essas relações de trabalho na rua? 225 Ab 3 – Na rua é diferente de tudo, muito, violência. 226 Vo – E as relações entre as meninas que trabalham? 227 Ab 3- São bem más. 228 Vo - Há violência, às vezes? 229 Ab 3 – Muitas vezes. 230 Vo - Tanto dos clientes, quanto das próprias meninas? 231 Ab 3 – Sempre. 232 Vo – Tu já sofreste uma violência mais grave? 233 Ab 3 – Aqui no Brasil, aqui em Manaus. Foram várias pessoas.” 234 235 236 237
	238 onde enfrentam a Provação.	239 “Vo – Como tu te proteges na rua? 240 Ab 3 – Tem que andar sempre com alguma arma. 241 Vo- Já tiveste que te proteger de alguma agressão? 242 Ab 3 – Sim. É que no Brasil a aceitação de venezuelanas é difícil. E outros venezuelanos são maus com trans e travestis. Se está na rua, tem que pagar a eles, tem que comprar droga deles. Eu não curto isso, eu quero trabalhar, quero...” 243 “Vo- E tens perspectivas de fazer algum curso? 244 Ab 3- Eu quero, só não tenho nada em vista, mas quero estudar para sair da rua, não quero trabalhar na rua. Tem muita coisa difícil, somente quero sair da rua. Eu tenho sífilis, por olhar as marcas. 245 Vo – Tu já estás fazendo tratamento? Estás sendo encaminhada para fazer? 246 Ab 3- Eu vou lá para fazer meu tratamento, eu vou falar com G. para fazer meu tratamento. Falta minha documentação. 247 Vo – É que não tens documentos ainda, não é? 248 Ab 3 – Roubaram na rodoviária.” 249 250 251
	252 Ganham sua Recompensa e	253 “Vo – Tu estás te sentindo bem na casa? 254 Ab 3 – Sim, tenho proteção, comida, ajuda, não tenho do que reclamar. Só nós somos diferentes dos brasileiros. Não somos daqui, entre venezuelanos a convivência é diferente. 255 Vo – Tu te sentes acolhida?

		256 Ab 3 – Sim, me sinto.” 257 258 259
260 Terceiro ato - Resolução	261 são perseguidos no Caminho de Volta ao Mundo Comum.	262 “Eu quero minha documentação, trabalhar, quero ter algo bom. Algo que não vá me fazer mal. Quero algo para mim. Ficar na rua é ruim, e eu não quero mais passar por isso. Trabalhar como cabeleireira é algo que gosto muito também. “ 263 264 265
	266 Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma Ressurreição e são transformados pela experiência.	267 “Vo – E tu trabalharias em qualquer outra coisa para sair das ruas? 268 Ab 3 – Sim, eu preciso. Não quero mais as ruas.” 269 270 271
	272 Chega então o momento do Retorno com o Elixir, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.	273 “Eu tenho muitos planos. Eu quero conhecer o Brasil. Eu sou estilista e quero ser alguém reconhecido. Uma transexual reconhecida.”

Quadro 4 – quarta abrigada

274 Heroína 4 275		
276 Primeiro Ato- 277 Apresentação	278 Os heróis são apresentados no **Mundo Comum**, onde	279 “Eu falarei em castelhano porque assim será melhor. Na Venezuela, era muito bom no princípio, no princípio eu me declarava gay. Antes de me declarar gay as pessoas me respeitavam. Depois que eu me declarei gay, eu comecei a me hormonizar. Lá eu passava por muita discriminação, muito preconceito, as pessoas não nos queriam, era totalmente diferente. Eu comecei a ficar nas ruas a partir dos quinze anos. Agora eu tenho vinte e três. Comecei a trabalhar em salão, comecei a me relacionar com pessoas do ambiente, da rua e tudo isso. Comecei a trabalhar na rua aos dezessete anos. Aos dezessete anos comecei a trabalhar na rua e fui ganhando. Graças a Deus que um dia eu estudei. Fiz até o terceiro semestre de informática, e assim foi.” 280 281 “Sim, quando eu tinha nove anos, minha mãe morreu. Ela morreu quando eu tinha nove anos. E desde então eu tive que aprender como era a vida e vi como a vida na rua era má. Não havia companhia, era eu e somente. Graças a

		Deus que hoje eu só gosto de um cigarrinho e álcool, não usei outras substâncias e ainda estudei. “ 282 283 284
	285 recebem **O Chamado À Aventura**.	286 “Ah, bom. Eu estava trabalhando em um salão e vim para cá com uma amiga, que e já faz um ano e oito meses, já passou algum tempo. Vamos Boa Vista me disseram R.V. , vamos sair para Boa Vista, e eu estava trabalhando em um salão. Eu te dou passagem, aí decidi vir para cá com uma amiga, decidi vir para cá com uma amiga. Aí passou o tempo, e ela se casou em Boa Vista. Vive com seu marido em Boa Vista. E eu conheci outra pessoa também, mas não funcionou. Agora tenho conhecido mais pessoas, acabei me abrindo. “ 287 “Horrível, e independente como somos, travestis e trans, o preconceito é muito forte, tanto para conseguir trabalho, como para convivência, o preconceito na Venezuela é muito forte. Agora não gosto de nada na Venezuela.” 288 289 290
	291 Primeiro, ficam relutantes ou **Recusa o Chamado**, mas	292 “Sim, tenho contato. Minha família na Venezuela são duas irmãs mais velhas, um irmão e um sobrinho. Sempre perguntam como eu estou, se estou bem. Eles sempre me pedem que eu deixe de trabalhar nas ruas, claro que sabem que eu trabalho nas ruas, me entende? Sempre pedem que eu largue, que preferem que eu volte para a Venezuela, que eu deixe de trabalhar na rua, mas é difícil, sabe? Quando não se tem independência. E eu prefiro viver na rua, mas independente, não é verdade? Não me sinto, eu me sinto bem vivendo independente, entende? Não gosto de viver para nada, eu sei o valor que tenho para eles.” 293 294 295
	296 num **Encontro com o Mentor** são encorajados a fazer a	297 “Sim, eu tive uma relação amorosa de um ano e dois meses, lá em Boa Vista. E foi forte, sabe? Muito forte, e eu continuo namorando essa pessoa, continuo namorando essa pessoa. 298 Vo - Ele é venezuelano ou brasileiro? 299 En4 – Venezuelano, eu o conheci em Boa Vista. 300 Vo - Ele ainda está lá? 301 En4 – Ele está lá, Ele me espera, mas do que ser eu ir, se ele não mudar. Ele

		começou a fumar pedra, entende? Depois dessa situação forte, eu preferi vir embora para cá. Ter um recomeço, me entende?” 302 303 304
	305 **Travessia do Primeiro Limiar** e entrar no Mundo Especial, onde	306 “Horrível, e independente como somos, travestis e trans, o preconceito é muito forte, tanto para conseguir trabalho, como para convivência, o preconceito na Venezuela é muito forte. Agora não gosto de nada na Venezuela.” 307 “Muito diferente, muito diferente. Apesar de que aqui estou recém chegada, mas aqui tem uma mentalidade muito diferente. Não sei por que. Lá haviam muito mais venezuelanos do que aqui. Mas a convivência é diferente, tudo é diferente. Lá já estava um pouco ruim, um pouco ruim. Aqui é muito diferente, muito mais grande. Há muito mais o que conhecer aqui, me entende? Há muito mais formas de pensar.” 308 309 310 311
312 Segundo Ato - Conflito	313 encontram **Testes, aliados e inimigos**.	314 “É que preciso pensar, se passaram tantas coisas... Já me apontaram uma pistola na cabeça, garrafas de vidro, facas, inclusive eu tenho marcas em meu corpo. Eu tenho marcas de coisas que eu passei nas ruas, coisas horríveis, coisas feias trabalhando.” 315 316 “Aqui, no Brasil, se passou somente uma vez. Já na Venezuela, muitas coisas piores, muitas coisas piores. Aqui no Brasil foi por causa de uma amiga que está muito enferma, eu não sei o que vinha se passando, ela vinha caminhando e vinha um homem, ela ia trabalhar com um homem. Não sei o que foi se passando, ela se foi atrás dele cobrando seu dinheiro, e eu e mais umas pessoas que estavam ali a bateram, e eu fui defendê-la, e acabaram batendo em mim também. Foi a experiência que eu tive, que foi na Praça da Saudade. “ 317 318 “Não, tenho muito mais o que falar, foi muita violência. Há homens que são terríveis por serem safados, e toda experiência. Uma última amiga minha saiu com um homem para trabalhar, e ele a cortou, a amarrou, a queimou com cigarro, com tudo isso, tudo isso por apenas cinquenta reais. E se você morre,

		se te matam, do que vale esses cinquenta reais? Não presta, não é?” 319
	320 Na **Aproximação da Caverna Oculta**, cruzam um Segundo Limiar,	321 “Há muito, nem todo mundo é igual, há muita diferença entre algumas. Há umas que são tranquilas e outras que são más. Há muita diferença, há muita maldade entre as trans, há também muito preconceito. Se falam muitas coisas ruins de todas, mas há vários tipos de meninas. Umas que são boas e outras que são terríveis, terríveis, terríveis. Vou te dar um exemplo, entre os héteros, bissexuais, os gays e as travestis, nem todos são iguais, entre as travestis é assim, cada uma é uma, cada uma tem suas características, entende? São muito diferentes, porque nem todas somos iguais.” 322 323 324
	325 onde enfrentam a **Provação**.	326 “As drogas na rua estão em todas as noite, todas as noites se vê isso, é só não querer. As que se levam, se perdem... as que se levam, se perdem. Isso pode acontecer em qualquer momento, tanto com clientes. Há clientes que vêm e que, por exemplo, temos muitos clientes, e a maioria dos clientes gostam de consumir, tanto como pasta, pós, maconha, tudo isso. E eles te dizem, te dou trezentos, bora fumar pedra, bora cheirar pó, vou dar trezentos para que você fume comigo, para que cheire comigo, e há muitas que vão, claro. Inclusive eu perco muito porque não faço isso, entende? Eu não gosto, porque há alguns clientes que se envolveram e ficam loucos, querem bater com força, atirar nosso corpo com força, por isso prefiro não me envolver com um drogado.” 327 328
	329 Ganham sua **Recompensa** e	330 “Se fosse por mim, eu já sairia da rua agora. Eu estou recebendo ajuda aqui na Casa Miga, eu quero trabalhar. Graças a Deus que vou conseguir trabalho. Já cheguei a Manaus há quase quatro meses. Há tempos que estou aqui sem dormir tranquilamente, entende? Não conseguia dormir, descansar, aqui na casa temos outro trato, outra convivência, me entende? Eu quero deixar de trabalhar na rua, quero outro trabalho, apesar de tudo, eu sou uma pessoa preparada, eu estudei. Sei fazer muitas coisas, sou cabeleireira, eu sei maquiar, faço sobrancelhas, tudo isso.

		Aqui em Manaus eu não consigo praticar isso, porque preciso trabalhar para ter dinheiro rápido, me entende? Dinheiro rápido, mas isso não é vida, é muito perigoso e não é vida.” 331 332
333 Terceiro ato - Resolução	334 são perseguidos no **Caminho de Volta** ao Mundo Comum.	335 “Eu quero é trabalhar, qualquer coisa, que seja vendendo picolé. Eu prefiro trabalhar nessas coisas, eu não quero trabalhar mais na rua. Eu e algumas amigas queremos trabalhar em qualquer coisa, entende? Eu quero tirar minha documentação, quero ter todas as minhas coisas e não quero mais trabalhar na rua. Quero trabalhar em qualquer coisa. Em limpeza que seja.” 336 337 338
	339 Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma **Ressurreição** e são transformados pela experiência.	340 “Eu estou esperando uma oportunidade, há pessoas me esperando em Curitiba. Há uma amiga, que é da Venezuela, vivia muito perto da minha casa, sua família. E ela está lá em Curitiba. Ela está lá há seis meses, está muito bem, não trabalha na rua, está estudando. Graças a Deus que ela está indo muito bem e inclusive, não sei porque, ela me enviou uma foto, ela era trans, agora cortou seu cabelo e fica assim de homem. Não entendo o porquê ela mudou.” 341 342 343
	344 Chega então o momento do **Retorno com o Elixir**, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.	345 “Tenho muitas coisas em mente, eu quero trabalhar e ajudar meus sobrinhos, tenho sobrinhos na Venezuela que são excelentes estudantes, mas por causa da situação na Venezuela, eles trabalham para ajudar sua mãe. Mas eu não quero isso, eu não quero isso. Já passou o tempo e estou há quase dois anos aqui, quero ajudar mais, mas preciso de uma estabilidade. Já estou cansada de trabalhar na rua, porque na rua não é nada estável, sabe? É dinheiro fácil e mal ganho, entende. Fácil vem e fácil se vai.” 346 347 ” É uma experiência diferente, uma vida muito diferente. Já vivi quase independentemente com amigas da rua, com pessoas que conheci na rua, agora vivo com pessoas que não trabalham na rua, e que simplesmente são abrigados da casa, entende? E eu gosto, é muito diferente, eu sinto um tratamento diferente, agora eu me sinto uma pessoa diferente. Me sinto uma pessoa muito mais especial, muito mais especial. “

		348 349 “E falam outras coisas, não apenas da rua, da rua. Entende? Falamos outras coisas, conhecemos outras coisas. Escutamos música, vemos coisas pelo facebook, todos juntos. Não há divisões, rimos juntos, compartilhamos, cozinhamos juntos, é outro tratamento, outra convivência. É muito enriquecedor, muito.” 350 351 ” Há algo que eu também tenho pensado, não posso te responder isso porque, não tenho pensado só nisso, o que penso que poderia mudar toda minha vida seria algo do destino, algo de Deus. Seria Deus que movimentaria toda a minha realidade. Me entende? “ 352

Quadro 5 – quinta abrigada

353 Heroína 5 354		
355 Primeiro Ato- 356 Apresentação	357 Os heróis são apresentados no **Mundo Comum**, onde	358 Desde pequena, sempre gostava de brincar com as meninas, gostava de brincar com boneca, nunca gostava de brincar com os meninos assim. E minha vida foi muito dura, porque para qualquer um sempre existe a homofobia, me entendes? E quando tinha catorze anos, comecei minha vida de trans, de trans, a me vestir de mulher e tudo isto. E eu fui para Caracas, fui atrás de estúdios de maquiagem, para ter uma carreira, fiz curso de estilista, tudo ligado à beleza, também tudo que tem a ver com cabelo. Aí eu fui a Cutupita com minha família, e lá segui trabalhando, segui lutando, como todo ser humano. E logo fui a Caracas, novamente. Eu gosto muito de atuar, animar, a questão de modelagem, tudo isso eu gosto. Fiz cursos de tudo isso. Fui outra vez a Cutupita, aí eu resolvi que iria agora para o Brasil. E agora estou aqui.” 359 360 361

	362 recebem **O Chamado À Aventura**.	363 “Ah, bom. Eu estava trabalhando em um salão e vim para cá com uma amiga, que e já faz um ano e oito meses, já passou algum tempo. Vamos Boa Vista me disseram R.V. , vamos sair para Boa Vista, e eu estava trabalhando em um salão. Eu te dou passagem, aí decidi vir para cá com uma amiga, decidi vir para cá com uma amiga. Aí passou o tempo, e ela se casou em Boa Vista. Vive com seu marido em Boa Vista. E eu conheci outra pessoa também, mas não funcionou. Agora tenho conhecido mais pessoas, acabei me abrindo. “ 364 “Horrível, e independente como somos, travestis e trans, o preconceito é muito forte, tanto para conseguir trabalho, como para convivência, o preconceito na Venezuela é muito forte. Agora não gosto de nada na Venezuela.” 365 366 367
	368 Primeiro, ficam relutantes ou **Recusa o Chamado**, mas	369 “Sim, tenho contato. Minha família na Venezuela são duas irmãs mais velhas, um irmão e um sobrinho. Sempre perguntam como eu estou, se estou bem. Eles sempre me pedem que eu deixe de trabalhar nas ruas, claro que sabem que eu trabalho nas ruas, me entende? Sempre pedem que eu largue, que preferem que eu volte para a Venezuela, que eu deixe de trabalhar na rua, mas é difícil, sabe? Quando não se tem independência. E eu prefiro viver na rua, mas independente, não é verdade? Não me sinto, eu me sinto bem vivendo independente, entende? Não gosto de viver para nada, eu sei o valor que tenho para eles.” 370 371 372
	373 num **Encontro com o Mentor** são encorajados a fazer a	374 “Sim, eu tive uma relação amorosa de um ano e dois meses, lá em Boa Vista. E foi forte, sabe? Muito forte, e eu continuo namorando essa pessoa, continuo namorando essa pessoa. 375 Vo - Ele é venezuelano ou brasileiro? 376 En4 – Venezuelano, eu o conheci em Boa Vista. 377 Vo - Ele ainda está lá? 378 En4 – Ele está lá, Ele me espera, mas do que ser eu ir, se ele não mudar. Ele começou a fumar pedra, entende? Depois dessa situação forte, eu preferi vir embora para cá. Ter um recomeço, me entende?” 379 380

		381
	382 **Travessia do Primeiro Limiar** e entrar no Mundo Especial, onde	383 “Horrível, e independente como somos, travestis e trans, o preconceito é muito forte, tanto para conseguir trabalho, como para convivência, o preconceito na Venezuela é muito forte. Agora não gosto de nada na Venezuela.” 384 “Muito diferente, muito diferente. Apesar de que aqui estou recém chegada, mas aqui tem uma mentalidade muito diferente. Não sei por que. Lá haviam muito mais venezuelanos do que aqui. Mas a convivência é diferente, tudo é diferente. Lá já estava um pouco ruim, um pouco ruim. Aqui é muito diferente, muito mais grande. Há muito mais o que conhecer aqui, me entende? Há muito mais formas de pensar.” 385 386 387 388
389 Segundo Ato - Conflito	390 encontram **Testes, aliados e inimigos**. 391 392	393 “Há muito, nem todo mundo é igual, há muita diferença entre algumas. Há umas que são tranquilas e outras que são más. Há muita diferença, há muita maldade entre as trans, há também muito preconceito. Se falam muitas coisas ruins de todas, mas há vários tipos de meninas. Umas que são boas e outras que são terríveis, terríveis, terríveis. Vou te dar um exemplo, entre os héteros, bissexuais, os gays e as travestis, nem todos são iguais, entre as travestis é assim, cada uma é uma, cada uma tem suas características, entende? São muito diferentes, porque nem todas somos iguais.” 394 395 396
	397 Na **Aproximação da Caverna Oculta**, cruzam um Segundo Limiar,	398
	399 onde enfrentam a **Provação**.	400 “As drogas na rua estão em todas as noite, todas as noites se vê isso, é só não querer. As que se levam, se perdem... as que se levam, se perdem. Isso pode acontecer em qualquer momento, tanto com clientes. Há clientes que vêm e que, por exemplo, temos muitos clientes, e a maioria dos clientes gostam de consumir, tanto como pasta, pós, maconha, tudo isso. E eles te dizem, te dou trezentos, bora fumar pedra, bora cheirar pó, vou dar trezentos para que você fume comigo, para que cheire comigo, e há muitas que vão, claro. Inclusive eu perco muito porque não faço isso, entende? Eu não gosto, porque há alguns clientes que se envolveram e ficam loucos, querem bater

		com força, atirar nosso corpo com força, por isso prefiro não me envolver com um drogado.”
	401 Ganham sua **Recompensa** e	402 “Se fosse por mim, eu já sairia da rua agora. Eu estou recebendo ajuda aqui na Casa Miga, eu quero trabalhar. Graças a Deus que vou conseguir trabalho. Já cheguei a Manaus há quase quatro meses. Há tempos que estou aqui sem dormir tranquilamente, entende? Não conseguia dormir, descansar, aqui na casa temos outro trato, outra convivência, me entende? Eu quero deixar de trabalhar na rua, quero outro trabalho, apesar de tudo, eu sou uma pessoa preparada, eu estudei. Sei fazer muitas coisas, sou cabeleireira, eu sei maquiar, faço sobrancelhas, tudo isso. Aqui em Manaus eu não consigo praticar isso, porque preciso trabalhar para ter dinheiro rápido, me entende? Dinheiro rápido, mas isso não é vida, é muito perigoso e não é vida.” 403 404
405 Terceiro ato - Resolução	406 são perseguidos no **Caminho de Volta** ao Mundo Comum. 407 **408** 409	410
	411 Cruzam então o Terceiro Limiar, experimentam uma **Ressurreição** e são transformados pela experiência.	412 “Sim, é muito interessante essa pergunta, por isso eu quero me embrenhar por esse mundo, da modelagem, da beleza, do estilismo. Eu tenho muitos cursos, muitos cursos, o que se passa é que não consigo focar bem em buscar o que quero. Na verdade, aqui em Manaus, eu não sei onde ficam as coisas, não sei onde ficam os canais de televisão e é uma meta que eu também tenho, trabalhar em um canal de televisão. Porque eu gosto do mundo artístico, o mundo da atuação, o mundo da imaginação, todas essas coisas. Quando me chamarem, e eu conseguir, eu passo, pois seu meu talento, eu confio em mim. Eu preciso de mais comunicação, contatos, para poder me embrenhar por este mundo. Mas tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Com a benção de Deus, eu irei para o Rio Grande do Sul. E lá vou ver o que me espera.” 413
	414 Chega então o momento do **Retorno com o Elixir**, a bênção ou o tesouro que beneficia o Mundo Comum.	415 “Tenho muitas coisas em mente, eu quero trabalhar e ajudar meus sobrinhos, tenho sobrinhos na Venezuela que são excelentes estudantes, mas por causa da situação na Venezuela, eles trabalham para ajudar sua mãe. Mas eu não quero

		isso, eu não quero isso. Já passou o tempo e estou há quase dois anos aqui, quero ajudar mais, mas preciso de uma estabilidade. Já estou cansada de trabalhar na rua, porque na rua não é nada estável, sabe? É dinheiro fácil e mal ganho, entende. Fácil vem e fácil se vai.” 416 417 ” É uma experiência diferente, uma vida muito diferente. Já vivi quase independentemente com amigas da rua, com pessoas que conheci na rua, agora vivo com pessoas que não trabalham na rua, e que simplesmente são abrigados da casa, entende? E eu gosto, é muito diferente, eu sinto um tratamento diferente, agora eu me sinto uma pessoa diferente. Me sinto uma pessoa muito mais especial, muito mais especial. “ 418 419 “E falam outras coisas, não apenas da rua, da rua. Entende? Falamos outras coisas, conhecemos outras coisas. Escutamos música, vemos coisas pelo facebook, todos juntos. Não há divisões, rimos juntos, compartilhamos, cozinhamos juntos, é outro tratamento, outra convivência. É muito enriquecedor, muito.” 420 421 ” Há algo que eu também tenho pensado, não posso te responder isso porque, não tenho pensado só nisso, o que penso que poderia mudar toda minha vida seria algo do destino, algo de Deus. Seria Deus que movimentaria toda a minha realidade. Me entende? “ 422

APÊNDICE B – RELATOS DAS ABRIGADAS DA CASA

Relato 1

Vo - Voluntário

Ab 1 – Abrigada 1

Nome: S.M. Idade: 19 anos.

Vo – Boa noite Em, o que nós faremos neste momento é são alguns questionamentos para uma melhor vivência no abrigo, caso não queria responder a algum pergunta, ou queira falar algo mais, ou até mesmo parar, fique a vontade. Nesse momento gostaria de saber um pouco sobre a tua vida.

Ab 1 – Eu concordo com isso, meu nome é S.M., e eu sou venezuelana e eu tô já com um ano e cinco meses morando aqui no Brasil. Aí eu morava em Boa vista, eu morei em Boa Vista um tempo e foi a primeira cidade onde eu cheguei aqui a Brasil. E foi um aventura que eu fiz lá. Onde eu tô mais estável é aqui em Manaus. Lá eu morava com uma amiga, quando eu cheguei de Venezuela, eu trabalhei com a sogra dela como uma menina, tipo...

Vo - Babá.

Ab 1 - Babá, eu ajudava ela, ficava com a menina, ela trabalhava, aí eu acho que, eu morei com ela três meses. Tudo que eu fazia lá era para minha mãe. Minha mãe era diabética, né. Aí eu ajudava ela, como ela tava em má situação lá, foi por isso que eu decidi ir embora de lá, porque quem me ajudava era minha mãe, aí ela já não tava já. Porque ela era comerciante, aí não tinha mais, não tava em boa situação em seu trabalho, né. Aí ela decidiu não mudar de uma cidade pequena, San Diego, não é San Diego de Califórnia, tá (risos).

Vo – Tá.

Ab 1 – O nome era San Diego, era um povo muito pequeno, era mais petroleiro, antes de mudar para a cidade de origem dela. Aí ela vendeu sua casa e se mudou para lá. Aí como eu decidi trocar de minha vida, precisava procurar, precisava de maquiagem, roupa, né? Aí o que minha mãe, a situação que a gente tava, não tava bem, por isso que eu decidi ir embora e ela me ajudou com passagem para garimpo. Lá eu fiquei

um tempo, ia para garimpo, trabalhava e ajudava minha mãe. Aí quando ela me deu esse dinheiro, eu conheci uma amiga que era venezuelana de nascimento, mas não de sangue, a mãe dela é guianesa e o pai dela é brasileiro. Aí ela mora em Boa Vista. Ela tá com namorado em Boa Vista, ela já é casada. Aí, eu conheci ela lá, e ela me convidou, amiga bora para Boa Vista? Eu disse: amiga, eu não tenho onde chegar lá. Eu não tava com dinheiro suficiente, pra sair do país. Aí ela falou para mim: não, eu te ajudo, e tal, tu é muito boa pessoa, gostei de ti, e tal, aí tu vai comigo. E eu, tá bom. Aí, eu tava assim sem identidade, né? De lá. Porque lá, tipo assim, eu gosto de andar documentada, com cuidado, com a polícia, não pegar a gente. Mas eu acho que é importante mais eu tava precisando para sair do país, para eu poder sair documentada. Aí esse semana que decidi ir embora, né? O negócio de identidade, eu aproveitei, e tirei, e saí com ela, e assim foi. Ela pagou minha passagem e tal, eu fiquei em Boa Vista com ela e com a sogra dela trabalhando. Aí eu ajudava minha mãe, né? Com medicamento dela, que é muito, muito, muito caro. Que ela tomava insulina, aí insulina, não tava, não tava entrando no país. E meu irmão tinha que ir pra Colômbia, na verdade a fronteira, que ele comprava o medicamento para ela. Aí ele precisava do dinheiro da passagem, para comprar o medicamento, aí todo mundo ajudava. Aí depois de três meses, ela decidiu ir embora para o Rio de Janeiro, porque o marido dela morava lá, era dono de um ônibus escolar, não sei, uma empresa, tinha como oito anos que ele morava lá. Aí ele falou para levar sua mulher para lá, seu filho, e tal. Aí ela decidiu alugar a casa deles, ela falou comigo e tal. Aí eu tinha um dinheiro arrumado e decidi que tinha que ir embora, né. Aí o mais rápido foi em fazer programa, que para mim como trans e como estrangeira é muito, muito difícil conseguir um trabalho fixo, ainda mais lá em Boa Vista, que ainda são mais preconceituosos que de Manaus, lá tem homens de fazenda, assim, não sei, e tem outros costumes. Aí... é... eu saí para uma bairro que o nome era Ataíde, era onde acontecia tudo isso, né? Eu fui lá, né? Meu primeiro cliente foi horrível, ele batia em mim, eu tinha que deixar porque tão pagando. E meu português, se agora tá ruim, antes era horrível, nem me compreendia muito. Aí tudo que ele falou pra mim, eu falava “tá bom, tá bom...”, se ele falava “vou te matar”, eu “tá bom”. Porque eu não compreendia, né. E lá aconteceu muitas coisas comigo, né... tudo para sobreviver, porque na verdade, eu tava só, aquela amiga, ela tava viajando, ela voltou para Venezuela, também para ajudar a mãe dela, levar umas coisas. Era a única pessoa que podia me ajudar, aí eu tinha que fazer programa, pra poder comer, alugar e um dia procurar trabalho, mas é muito difícil

pra mim. Aí passou um tempo, eu tirei muitos meses assim, desse jeito e começaram a chegar mais travesti, aí entre nós travesti é uma coisa não muito legal, não muito apoio entre nós. Eu acho que eu não sou assim, eu me sinto bem como eu sou e suficiente, né? Mas tem umas que eu acho que não. Aí elas começaram a roubar os homens de lá, essas coisas, tudo mal. Aí as pessoas que não faziam isso, né, os clientes começaram a ter medo de nós, tavam com medo e tal. Aí nós não tinha muito trabalho. Aí tinha momento que eu dormi na rua, que não tinha dinheiro para aluga, se eu comia uma vez ao dia era muito. Tinha vezes que eu não comia todo o dia. Aí eu dormia numa praça de lá, que é muito conhecida, praça das água, né, acho que eu dormi duas semanas. Aí encontra outro cara em condições de rua, aí começou a pegar meu cartão?

Vo - Papelão?

Ab 1 - Meu papelão e jogar no chão e eu dormia. Aí de manhã, eu ia para casa de uma conhecida, uma senhora brasileira, ela me dava roupa, se ela tava com comida, ela me dava. Porque o marido dela era muito homofóbico, mas a senhora era legal. Ela falava que se o marido dela não fosse assim, ela me tivesse em sua casa, né? Ela dava sua casa pra mim, mas não podia. Aí eu comecei a viver essas coisas, sozinha. Depois minha mãe começou a piorar com a doença dela, né? Aí eu tava sem dinheiro pra mandar, eu não tinha para comer, e alugar, né. Aí não podia mandar dinheiro para lá. Aí eu escutei sobre uma , um abrigo de ACNUR, aí eu tinha um amigo que era gay, aí ele me falaram disso e tal. Que não era grande coisa, mas dava pra gente dormir, comer e seguridade, né? Que eu não tinha seguridade na rua. Aí eu durei como uma semana procurando abrigo, aí falaram que tava lotado. Aí tinha um amigo que falava que tinha uma mulher, que o nome dela era Catalina, ela ajudava muito as pessoas LGBT, né? Aí eu fui lá na Universidade Federal de Boa Vista, que eles tinha uma, uma, eles se concentravam lá. Eu fui lá, procurando ela, aí ela não tava, tava viajando, não sei, ela tava fora do país. Aí comecei a chorar, porque era a única esperança que tinha, né? Aí tinha uma mulher, que era a mão direita dela, aí ela, o nome dela era Raquel, ela começou a falar comigo e tal. Aí eu comecei a chorar desesperada. Aí, porque eu tava necessitada, eu tava precisando, né? Ela me ajudou, ela falou que amanhã tu pode, que podia ir lá mesmo, às 10h da manhã, que ela ia me encaminhar pra um abrigo. Aí foi assim, foi bom, a última noite que dormi na rua, né? Assim foi, eu me levantei de manhã e tal, fui com a senhora, àquela, tomei banho, procurei

minhas coisa, peguei minhas coisa e fui lá, pra universidade federal. Aí, antes disso, eu tava, ante de eu conseguir um abrigo, eu tava, não sei, não tava namorando, porque na verdade pra mim não existia, eu achava impossível o amor. Tava falando com um cara, que é meu marido agora, aí ele era como a única pessoa com quem eu falava, que me compreendia e tal, mas não tava assim com, não tinha esse, tipo, confiança com ele pra falar “ai, tô passando fome, eu não tenho onde dormir, eu tô dormindo na rua, né?”. Eu não tinha isso com ele, que depois, se eu tivesse falado, ele podia me ajudar. Mas eu não tinha confiança em dormir com ele. Aí, eu fui lá, né? Eles só falaram comigo e tal, aí depois que eu fui para o abrigo, encaminhada e tal, eu cheguei lá, ele seguiu lá, falando comigo, ele foi me visitar lá e tal. Aí quando ele me viu num abrigo que ele perguntou porque eu tava ali, foi aí que eu falei que eu tava mal e tal, que tava sozinha aqui em Brasil, né? Aí ele se ofereceu como um amigo e tal. A gente começou a se apaixonar, ele me ajudava com a comida. Aí essas coisa , aí passou o tempo e a gente começou a namorar e tal. Aí eu decidi ir embora de Manaus, de Boa Vista. Aí a ACNUR, eles fizeram um negócio de interiorização de imigrantes. Aí eu me cadastrei e em uma semana eu tinha que viajar. Aí o dia que, eu tava, que eu chegava aqui de viagem, que eu falei pra ele que eu ia embora. Aí, justamente, um dia antes de ir embora que ele me falou “fica aqui em Boa Vista”, eu não tenho como ficar, tô a fim de uma vida melhor em Manaus, uma vida estável e decente. Aí ele falou “tu vai morar comigo, eu quero morar contigo, não sei o que”. Ele tava indeciso, se ia embora, se ia ficar, mas tinha muito problema, tinha muita briga lá com travesti, eu não queria ficar por isso também. Eu queria fazer uma nova etapa na minha vida, porque queria apagar o passado, né? E foi assim, ele falou de verdade, "tu me querer mesmo? Aí, tu vai lá, não sei, a gente pode combinar, tu vai pra Manaus, como vai ser tua vida longe, né?” Também porque ele nunca havia namorado com uma travesti, ele se considerava hétero, ele se considera hétero ainda.

Vo – Mas tu te consideras trans?

Ab 1 – Eu me considero mulher trans.

Vo – Então ele é hétero.

Ab 1 – Porque eu me visto de menina vinte e quatro horas por dia, como mulher.

Vo – Então tu és mulher e ele é hétero.

Ab 1 – Aí, ele falou que sim. Eu fiquei muito emocionada, nesse tempo eu tava com dezoito ano, que eu tava namorando com um homem. Ele começou a chorar e eu também, porque a família dele nunca vai permitir isso, né? Namorar com uma trans. Aí, ele foi lá, se despediu de mim, e tal. Mas a gente seguia falando por telefone. A gente durou separado dois meses. Aí ele tinha um trabalho, tinha sua vida lá. O irmão dele tinha uma empresa de, não sei como é o nome, colocava câmeras de segurança. Eu tinha pouco tempo no Brasil, ele tava há seis anos, sete anos morando no Brasil.

Vo - Sério?

Ab 1 – É muito tempo, o português dele é melhor que o meu.

Vo – Sim, é porque ele já tem mais tempo.

Ab 1 – É, aí... aí... depois de dois meses, né? Ele falou pra mim, a gente seguiu falando por telefone e tal, whatsapp. Aí ele dizia que deixava seu trabalho, a empresa de segurança, de colocar câmera, ele tinha um trabalho fixo, com carteira assinada. Aí, ele decidiu deixar tudo por mim, seu trabalho, sua família e decidiu vim. Aí ele veio aqui, ele tava recebendo uma ajuda pela Cáritas de cento e oitenta e seis reais por mês, que era ajuda para o aluguel. E o aluguel tava de quatrocentos reais, mas o dinheiro que ficava era pra comida. Aí eu procurei trabalho aqui em Manaus, eu fiz currículo, né? Consegui foi num salão, mas eu não tenho muita experiência como cabeleireira, na verdade ainda não sei assim, como o nome das tintas, produtos e é muito difícil para mim. Eu perdi o trabalho (risos) por isso né, mais porque precisava de uma pessoa com experiência. Mas elas me colocavam pra passar chapinha chapinha, o cabelo, eu fazia, mas uma pessoa com mais maestra, e ficou difícil pra mim. Aí ele chegou depois, eu durei um mês no trabalho, eu saí a procurar emprego, não consegui, né? Aí, ele conseguiu, a gente falou com um amigo que tava numa padaria e tal. Aí a gente foi para a padaria, e esse amigo saiu dessa padaria e meu namorado ficou. Aí ele ligou pra mulher mandar o dinheiro pra pagar o aluguel. Eles ajudam três meses. Aí ele ligou pro irmão dele, que mandou dinheiro e tal. A gente se mudou desse bairro, que era o bairro Santo Antônio, a gente se mudou pro bairro Compensa Três (risos), que era longe demais, aí né, pelo trabalho dele. A gente se mudou perto da padaria, onde ele trabalhava e tal. Aí ficava difícil ir ao mercado e tal, a gente contava com dinheiro de seu trabalho. Aí quando chegava o dia de pagar, o patrão dele ficava sempre enrolando ele, que ele não tava com suficiente dinheiro pra

pagar ele, ficava dando cinquenta reais, ou dava direito de tirar um pão. Ou dava cinquenta, vinte reais, como a gente precisava, pegava, né? Aí chegava no fim do mês, não pagava nada. Aí chegou um mês né, na metade do mês ele falou pra trabalhar só pra passagem, porque a gente queria voltar pra Boa Vista, a gente viu que aqui tava difícil, né? Aí ele falou pra mim, que ele vai recuperar o trabalho dele lá e tal. O irmão dele tinha o dinheiro dele, pra guardar pra ele quando a gente chegar lá. Aí seguisse nossa vida lá em Boa Vista. Aí a gente, ele cumpriu um mês trabalhando, o patrão dele falou a mesma coisa, que tava sem dinheiro. Aí a gente ficou triste, porque a gente tinha que pagar aluguel e como a gente ia ficar aqui, o quê a gente ia fazer? Aí ele falou pra gente se mudar com ele, pra casa dele, o patrão. Aí nói decidiu ir com ele, eu ajudava na casa dele, limpava, tudo isso né? Sem me pagar, também. Ele trabalhava só pra dar comida e tá na casa dele. Ele tava devendo dinheiro, aí eu vi muitas coisas maus de parte dele, da casa. Como ficava em casa, eu ficava só em quarto. Aí ele desligava a energia, tirava toda energia da casa, não sei porque, né? Aí eu vi muitas coisas mau, quando cheguei daqui, eu escutei falar sobre a mulher da ACNUR, ela falou pra mim sobre um acolhimento LGBT, uma casa abrigo. Aí eu decidi sair da casa, conseguir um abrigo, né? Aí eu contactei com ela e tal, ela me encaminhou e tal. E falou com coordenador da casa, a gente foi daí onde tava. Aí a gente falou, ele falou pro seu patrão que ele vai embora e ele falou que tá bom. Ele falou a mesma coisa “semana que vem te dou dinheiro”, que era trezentos reais. Trabalhou todo mês só por trezentos reais. Aí ele, a gente se foi embora, né? A gente chegou lá naquele abrigo, que é muito legal, eu tô muito, muito agradecida com a Casa Miga, com os coordenadores, agradeço agora onde eu tô, né? Com aluguel, meu marido com trabalho, porque graças a ele, a gente tá bem. Aí, a gente chegou a ir né, aquele cara ficou pagando dinheiro por partes, esqueceu, por sinal dava o quê? Cem reais, cinquenta, e assim foi. Tá bom, a gente brigou pra comprar coisa de nói. Aí na casa abrigo a gente recebeu muitos benefício, roupa, comida, que acho muito importante essa organização que é a Casa Miga, porque há muitas pessoas em minha condição. E lá que é uma casa abrigo, eles salvam vidas. A situação em que se cruza. Apesar de tudo isso, eu tô muito agradecida com Brasil, agora passei por tudo isso, mas eu me sinto muito bem aqui, porque tem muita pessoa, muito brasileiro que tem aquele preconceito. Eu entendo, porque não é fácil conviver com estrangeiro, não sei, acho que não tavam acostumado a isso. E como eu falei, tem pessoas boas e pessoas más. Aí, é, até agora não consegui um emprego, né? Por isso, acho que por minha

condição, mas eu estou confiando em Deus que alguém dia eu vou conseguir. Aí, eu saí do abrigo, eu já tô morando bem e tenho uma vida já melhor, fora da vida da prostituição. E isso, já tenho algo com meu namorado, acho que deu, porque eu não me considero uma pessoa má, eu faço bem na vida para receber o bem. Acho que foi uma prova, né? Aí, eu tô muito agradecida ao que fizeram com uma pessoa que está comigo.

Minha mãe morreu, depois de uma semana que eu cheguei aqui a Manaus. Faleceu por causa do mau atendimento, de medicação, e essas coisas. E da minha família, eu era a única pessoa que tava fora, era eu. Não tinha condições do que fazer. Agora não estou em tão boa condição, mas dá para viver, e também quero trazer uma irmã, que tava falando pra mim que tava precisando sair de lá, né? Ela queria conseguir um trabalho, uma nova oportunidade, que ela tem dois filhos e tal. Os filho dela tão pequeno, aí tão se vendo, aquele coisa que todo menino quer, parque, praça, e ela não consegue, com a situação do país. E ela fica muito triste por isso, porque ela quer dar uma vida melhor pros seus filhos. Eu acho que eu posso ajudar ela, onde chegar comigo e tal, né? Creio que pra ela vai ser mais fácil conseguir trabalho aqui, porque ela também é preparada. E eu peço muito a Deus que me ajude pra eu conseguir um emprego, pra ajudar minha família nessas coisas, na situação do país.

Vo – Com relação à questão da transexualidade, quais as diferenças que tu percebes no tratamento na Venezuela e no Brasil? Tu poderias diferenciar? E Boa Vista em relação a Manaus, é diferente?

Ab 1 - É muito (risos). Bom, na Venezuela, eu nunca recebi tratamento hormonal, eu nem sabia que existia (risos). Não, aqui foi o primeiro lugar que eu soube, né? E eu comecei tudo mal, comecei a me auto, automedicar, tomava hormônio, que comprava na farmácia. Agora que comecei a tomar hormonioterapia e é de graça, e eu ainda tô conseguindo pra fazer homonioterapia. Aí, eu tava me automedicando, mas eu parei, tomando hormônio. Aí eu parei, porque eu queria tomar hormônio com a ajuda do médico, que é o correto. Aí, a diferença de Manaus e Boa Vista é muita, acho que as pessoas de Manaus são muito, apesar de tudo, são muito, tipo, muito essa coisa, que estão lutando pelo nosso direito, da pessoa LGBT e tal. E que, não sei, é...

Vo – Tu sentes mais apoio aqui?

Ab 1 – Em Manaus, aqui mesmo.

Vo - Desde criança, tu sentias que estavas em um corpo que não era como querias?

Ab 1 – Sim.

Vo – Tu te identificaste sempre como mulher?

Ab 1 – Eu decidi trocar de minha personalidade, porque não me sentia bem como eu era. Mas me caiu muito bem, porque agora sou muito linda, né? (risos) Eu não, também, sempre existiu isso, que eu não me identificava como homem, até catorze ano, eu vivi como uma mentira. E aparenta uma pessoa que eu não era, né? Que eu tenho dois irmão homem, mais velho que eu. Aí ele como que, por respeito a ele, né? Porque na verdade não tive pai, meu irmão mais velho que é a minha figura paterna, aí por respeito a ele, eu sempre respeitei, fora dele, eu era outra pessoa. Quando eu não tava com ele, quando tava só também, dava uma liberada, quando eu tava na frente dele, eu me vestia como menino. Até que decidi fugir de casa, outro estado, aí quando voltei, eu voltei, menininha.

Vo – Que idade tu tens?

Ab 1 – Eu tô com dezenove agora.

Vo – O quê pretendes fazer no futuro? Pretendes continuar em Manaus? Vocês têm outros planos?

Ab1 – Bom, até agora a gente tá querendo morar aqui em Manaus, pelo trabalho dele, meu namorado. A gente no futuro quer formar família, queremos casar. A gente tava falando ajuda de mais dinheiro, a gente tá querendo montar um lanche, comidas típicas da Venezuela, e combinar isso, Venezuela com Brasil, né? Que eu acho que é uma coisa pra gente pensar de tudo, formando uma família, uma casa aqui, não sei que não vai ser de um dia pra outro, mas com esforço, a gente pode conseguir.

Vo – E como foi teu tempo na Casa Miga? Como eram as pessoas? Como se estabeleceram as relações?

Ab1 – A convivência foi bem, mas como eram pessoas desconhecidas, tinham pessoas que eram cubanas, tinha brasileiro, mais três venezuelanos. Aí teve um certo conflito com uma menina, elas eram um casal, lésbicas, mas o ponto de vista delas era, assim contra a travesti, elas não tavam agradando com esse ponto de vista delas, assim como ela era mulher também, mas fora isso, a convivência foi bem, né? Eu fiz

amizades aqui, eu consegui evitar problema e levar tudo em paz. A gente tá aqui pra sorrir, pra sorrir, já estou com muitos problema pra conseguir outro. Eu acho que a convivência foi tudo bem.

Vo- Há mais alguma coisa que tu queiras falar sobre?

Ab1 – A casa? Não, não.

Vo- A sua família ainda está na Venezuela?

Ab 1 – Tá.

Vo – E você pretende trazê-los?

Ab 1 – Pelo menos, agora, a minha irmã. Quero muito ajudar ela, ela está precisando, né?

Vo - E a família do teu esposo está em Boa Vista?

Ab 1– Tá em Boa vista, toda sua família está em Boa Vista, a família dele tá bem.

Vo- Já se estabilizaram lá. É que vieram antes, não é?

Ab 1 – Tem muito tempo aqui.

Vo – E a questão de xenofobia?

Ab 1 – Quando ele tava lá em Boa Vista, ele foi trabalhar numa fazenda, e não tinha esse número de venezuelanos no Brasil, aí que tinha um cara lá que chamava de gringo, porque não entendiam o que ele falava. Mas eu acho que, algum dia, eu, meu país vai voltar, a gente vai voltar pro nosso país. Que o que eu acho que a Venezuela tem tudo para ser um bom país, só que tá mal administrado. Porque um país com mais petróleo no mundo, né? Riquezas de minerais, o campo de lá dá muito ouro e outras coisas. Só que tá mal administrado, acho que um dia se arruma e volta pra meu país. Acho que pra mim não vai ser a mesma coisa, porque o lugar que eu tinha lá, já não está. A casa onde eu cresci, já não tá. A pessoa que eu queria ver pra eu voltar, já não tá. Eu sei que até lá, um dia a gente vai se junta. A vida só é um passo. É isso.

Vo – Obrigado pelo seu relato, utilizaremos para uma melhor experiência no abrigo.

Relato 2

Vo – Voluntário

Ab 2 – Abrigada 2

Nome: A. A. Idade: 27 anos

Vo – Boa noite, esse momento é para você falar sobre o que quiser, claro que guiaremos a alguns temas necessários para a melhor convivência no abrigo e eu gostaria de saber alguns detalhes a respeito da tua trajetória de vida. Fique a vontade para não responder ou falar sobre, esse momento é para traçar um perfil dos abrigados.

Ab 2 – Meu nome é A.A., eu tô muito agradecida com o governo do Brasil, por eles me receberem aqui, como imigrante. Aí minha trajetória, pra todo mundo não é fácil, aí difícil pra quem vai procurando as coisa. Porque têm muitas pessoas também que desistem por causa de que tem preconceito, né? Mas eu tô saindo em frente das coisa também.

Vo – Como era tua vida antes na Venezuela?

Ab 2 – Eu trabalhava no governo, faz sete ano atrás, eu trabalhava pra governo. Mas desisti por causa de que tudo já tava errado. Nada tava dando certo já. Só isso aí.

Vo- E como foi essa vinda para o Brasil? Há quanto tempo tu estás no Brasil?

Ab 2- Eu tô já com dois anos e quatro meses já, morando aqui no Brasil. Mas eu morei dois anos em Manaus, em Boa Vista, perdão. E agora eu tô com quatro meses aqui em Manaus.

Vo - E como foi a vinda para o Brasil?

Ab 2 – Foi, na verdade eu tive que sair de lá, fugindo. Porque trabalhar para o governo de lá da Venezuela é difícil, porque quem desistir, sabendo de muitas coisas morre, ou vai pra cadeia, ou tem que fugir procurando melhoria de vida, mas tem que sair. Porque é difícil, é difícil a gente ficar lá com preocupação de que vai morrer, ou vai para a cadeia. Aí agora, eu tô com uma nova vida no Brasil.

Vo – E como era em Boa Vista?

Ab 2 – Em Boa Vista, quando eu cheguei lá, tudo foi top, legal, porque eu conheci uma moça lá, e ela deu para mim a chave de um salão e a chave de uma casa. Ela não me conhece, não me conhecia naquele tempo. Aí ela botou a confiança em mim. Trabalhei com ela oito mês, ela disse muitas coisas que eu não sabia. Aí eu tinha conhecimento só da Venezuela, mas o jeito de vocês é diferente. Desistir trabalhar com ela, porque ela quis fazer o que quisesse comigo também. Ela tava querendo pensar que como eu não falava direito, aí ela quis me humilhar também. Aí eu desistir de trabalhar com ela no mês de janeiro. Aí começou a trabalhar num restaurante, trabalhei num restaurante durante três meses. Aí mais difícil ainda, porque a gente não tinha direito, trabalhar a moça e de novo vem. Desistir também e saí. Depois procurou outro serviço numa carvoaria, mexendo com carvão. Aí fiquei um ano e dois meses, trabalhando direto. Mais eu gostei, quando a gente tá procurando, eu gostei, porque preciso ganhar dinheiro. Eu não tive nenhum problema, todo mundo gostou de mim. Aí eles também pediram para eu voltar de novo, que a situação aqui em Manaus tava ruim, que tem carvoeiro que conhece meu trabalho, eu falei que não adianta procurar carvoeiro aqui em Manaus, porque eu sei que o pagamento daqui de Manaus é fraco. Lá em Boa vista é diferente, porque eles exportam carvão pra todo canto, entendeu? Pois sim, eu gostei muito de morar em Boa Vista. Agora tô vivendo mais na frente em Manaus, pra ver como é que vai acontecer, né?

Vo – Até é interessante, porque lá na carvoaria nunca teve preconceito, não é?

Ab 2 – Não, porque ela tinha, a maioria eram homens de lá da Venezuela, mas eu já conhecia e como eu não sou saliente, eu não faço programa, eu sou uma pessoa normal. Todo mundo pensava que eu era mulher também, eles me ajudava, eu trabalhava direito com eles. Ainda assim eu achava forma, fazia coisa de homem como eles, aí eu, eles não tinham nenhum problema comigo. Nunca aconteceu um preconceito assim, porque tinha mulheres donas de forno, de lá, tinha também, e todo mundo respeitava porque sabe que aqui no Brasil, é sei. Aí eu não tive nenhum problema.

Vo – Tu nunca te envolveste com a prostituição?

Ab 2– Não, nunca na minha vida porque eu amo a mim mesma e tenho que me respeita, porque eu tenho uma filha e tenho uma mãe e um pai e meu irmão, né? Aí como eu vou sair na rua e trabalhar com prostituição? Eu não tem problema com quem

faz, né? Mais aí, eu procuro trabalhar de outra coisa, porque é ruim trabalhar na rua. Porque eu já conheço muitas meninas que trabalham e eu sei que é difícil, eu sei que é difícil.

Vo– E tu tens amigas que trabalham na prostituição?

Ab 2- Tenho muitas amigas que trabalham.

Vo – Elas já sofreram muita violência?

Ab 2 – Já sofreram muita violência, já sofreu muita violência. Eu escuto, mas aí elas já tá acostumada, mas elas não procuram um serviço, mas aí elas que se virem, né? É assim, eu fico só pensando nessa aí.

Vo – Tu estás fazendo um curso, não é?

Ab 2 – Eu faço o curso de administração pela CETAM.

Vo – E o que tu almejas aqui em Manaus?

Ab 2 – Eu adorei, porque eu já tinha encaminhamento por Boa Vista, por la Cárita, aí por muitas coisas vieram a ser aqui em Manaus porque eu vou me operar, eu tô em tratamento hormonal e vou fazer algo pela Universidade do Amazonas, eu vou entrar agora pela universidade em Manaus. E outras coisas aqui que, ou a gente que em Boa Vista não haviam acontecido. Eu adorei, essas são as coisas que eu vou fazer acontecer em minha vida, entendeu?

Vo – E Tu pretendes continuar em Manaus ou pensas em interiorizar? Em ir para outros lugares do Brasil?

Ab 2 – O meu interesse é a interiorização, porque eu já me interioza lá em Boa Vista. Eu já tenho minha interiorização num abrigo que eu entrei. Aí eu morei no Salomão, não deu certo eu morar lá. Tem muito pilantra que eu conhece. Eu sei como funciona, se dá de eu me interiorizar aqui em Manaus, eu vou querer, porque eu tô com pensamento de viajar pra Santa Catarina. Aí tô procurando melhoria, mas aí tem que esperar o mês de setembro, minha mãe chegar, porque ela vai pra Salvador, na Bahia. Porque minha irmã, ela tá morando lá.

Vo – A tua família, uma parte já está aqui?

Ab 2 – Já.

Vo - E você pretende ajudar a comunidade LGBT depois que te interiorizar? Percebe-se um grande envolvimento seu com a comunidade.

Ab 2 – Eu quero ajudar com a carreira de direito, de advogada, porque tem muitas aqui, da comunidade LGBT que sofre muito, sofre muito, muito. E se dá pra eu ajudar, eu ajuda. Eu já tenho conhecimento, como comunicadora social na Venezuela. Eu não sei se aqui ou lá, como comunicadora social. Se der de eu fazer o curso, eu faço também pra melhorar, né? Porque as leis de vocês é diferente da Venezuela. Eu quero aquilo, como é o nome disso, aluguel social. Eu tava recebendo dinheiro, daí disseram pra mim que tinha abrigo, que tinha professor, que se tivesse que tirar documento, podia vim pra cá. Pro abrigo me trouxe, aí a gente resolve tudo. Eu já tinha conhecimento lá em Boa Vista.

Vo – Eu já percebi que tu tens uma projeção e com isso tu podes ajudar as meninas?

Ab 2 – É verdade.

Vo- E tu já perdeste alguma amiga devido à violência?

Ab 2- Já perdi muitas, muitas, muitas, muitas, muitas, é forte, mas a gente tem que só lembrar.

Vo – Foi relacionado à violência?

Ab 2 – Sim, a violência.

Vo – Uso de drogas?]

Ab 2 – Tudo, porque no mundo da prostituição, quando a gente tá na rua, tem de tudo, né? Prostituição, droga, é roubo, de tudo, batem. Em Boa Vista já tive conhecimento de tudo. Só que a gente corre mais risco que todo mundo. Eu falo pra elas não faze programa, que tinha comida. Tem muitas coisas lá em Boa Vista, que me respeitam porque eu só ia pra escola, ou só andando procurando alguma coisa pra ser uma pessoa amanhã. Porque se a pessoa não se respeitar, ninguém se dá respeito, é assim.

Vo - Há mais algum detalhe que tu queiras colocar com relação a tua vida? Algo marcante na infância, adolescência?

Ab 2- Não, graças a Deus, eu sempre tive o apoio da minha mãe, do meu pai e dos meus parentes. Eu não sofri aquela violência, aquele preconceito com minha família, não. Graças a Deus!

Vo – Tu sempre tiveste aceitação?

Ab 2- Eu sempre tive aceitação.

Vo - E o preconceito na Venezuela é maior do que no Brasil?

Ab 2- É maior, mas aí é só com pessoas que são salientes, porque eu sempre sou desse jeito, e aí eu trabalho com galeroso na Venezuela. Porque no governo de lá a gente trabalha com galeroso, com gente de política e trabalhava com a comunidade. E todo mundo me respeitava lá. Tu vai lá na Venezuela, e tu pergunta por mim e todo mundo me conhece. Eu trabalhei muitos anos, nunca tive preconceito com ninguém.

Vo- Sempre foi respeitada.

Ab 2- Sempre fui respeitada, por isso eu saio aqui e todo mundo me acha diferente. Porque o dia a dia é para a gente trabalhar num lugar na sua vida, todo mundo pensa que não vai olhar veado de manhã, veado de tarde. Olha o quê tá fazendo por aqui, né? Todo mundo fica assanhado, porque os veados daqui saem só de noite, de noite eles saem pra rua pra fazer programa, né? Aí eu ando só de dia e de manhã. É diferente, né? Todo mundo fica com a cara espantada, pensando que eu vou fazer programa, mas não é assim, todo mundo pensa errado também.

Vo - Sim, as pessoas tem preconceito.

Ab 2 – Quando eu saio ficam assim, tu tem estudo, tu tá fazendo curso de administração, fala português bem, teu sotaque não muda. Eu me dou por conhecer de todo mundo. E todo mundo vai mudando vai mudando seu pensamento, nem todo mundo que sai a rua é pra fazer programa, é assim.

Vo – Talvez porque o apoio da família é muito importante, não é?

Ab 2 – É verdade, as meninas fica sozinha e fica com pensamento atormentado, porque tá sozinha e eu sempre penso na minha mãe, na minha filha e na minha família, sempre penso. Que eu tenho que melhorar, que eu tenho que melhorar, porque sabe onde quero chegar, porque piorar a situação, porque se fosse assim tinha ficado na Venezuela, eu penso assim, desse jeito. E eu falo pra todo mundo que é

assim que tem que pensar, que tinha que ir pra outro país, acabar com sua vida e terminar de estragar, entendeu? É assim.

Vo - Eu agradeço muito o teu relato, será de grande importância para o abrigo.

Ab 2 – Obrigado a você.

Relato 3

Vo - Voluntário

Ab 3 - Abrigada

Nome: P.A. Idade: 22 anos

Vo – Boa noite, para uma melhor convivência no abrigo, precisamos conversar sobre alguns temas, se você não se sentir a vontade a responder algum questionamento ou querer parar, não há problema. Faça uma apresentação inicial.

Ab 3 – Meu nome é M. P., tenho vinte e dois anos. Ah, eu não sei...

Vo – Eu gostaria que você falasse sobre como era sua vida na Venezuela?

Ab 3 – Minha vida na Venezuela era diferente daqui. Porque lá tinha casa, eu trabalhava em salão, em motel, é diferente. Foi a situação da Venezuela, foi o que fez eu vim pra cá. Porque eu tenho o que comer, na Venezuela não tinha o que comer.

Vo- A tua vida mudou muito depois da crise, então?

Ab 3 – Sim.

Vo – Algumas situações que te marcaram?

Ab 3 – Foi problemas com meu pai, que aconteceu há muito tempo com meu irmão. E eu não sabia nada, porque eu não sabia nada e eram coisas que eram más para tudo.

Vo - Como foi essa mudança da Venezuela para o Brasil?

Ab 3 – Eu falei para minha mãe que vinha para casa de uma amiga. E vim pra cá de noite. Eu não queria que ninguém soubesse da mudança.

Vo – Tu vieste direto para Manaus?

Ab 3 – Não, eu cheguei primeiro em Boa Vista. De Boa Vista, eu vim pra cá.

Vo – Como tu percebes a questão da transfobia, homofobia na Venezuela e no Brasil?

Ab 3 – Na Venezuela é pior.

Vo – Podes relatar alguns exemplos?

Ab 3 – Na Venezuela te estupram, te levam coisas. Na Venezuela é pior que aqui. É muitas coisas.

Vo – E de Manaus em relação a Boa Vista, tu percebeste a diferença?

Ab 3- É diferente.

Vo – Em que pontos?

Ab 3 – Há coisas que fazem que eu não gosto.

Vo- Tens alguma lembrança importante da tua infância?

Ab 3 – Muitas coisas. Eu fui violada quando tinha nove anos por um tio meu. Ninguém sabe disso. E tem muitas coisas que eu prefiro não falar. Muitas coisas que eu não gosto muito.

Vo – Quais os teus planos no Brasil?

Ab 3 – Eu tenho muitos planos. Eu quero conhecer o Brasil. Eu sou estilista e quero ser alguém reconhecido. Uma transexual reconhecida.

Vo – Tu pretendes voltar para Venezuela um dia?

Ab 3 – Quero porque lá está minha mãe. Mas o restante já morreu, eu não quero saber.

Vo - Tu pretendes trazer a tua mãe para cá?

Ab 3 – Eu quero, eu só preciso conhecer mais.

Vo – E tu já tiveste um relacionamento no Brasil?

Ab 3 – Não, eu só fico. Só faço o que tem que fazer e nada mais.

Vo – Já tiveste relacionamento amoroso de mais tempo?

Ab 3 – Eu acho que sim.

Vo- Há alguma situação que impede?

Ab 3 – Já faz um tempo que eu trabalho na rua, e ninguém sabe disso. Eu faço programa e eu não gosto.

Vo- E como são essas relações de trabalho na rua?

Ab 3 – Na rua é diferente de tudo, muito, violência.

Vo – E as relações entre as meninas que trabalham?

Ab 3- São bem más.

Vo - Há violência, às vezes?

Ab 3 – Muitas vezes.

Vo- Tanto dos clientes, quanto das próprias meninas?

Ab 3 – Sempre.

Vo – Tu já sofreste uma violência mais grave?

Ab 3 – Aqui no Brasil, aqui em Manaus. Foram várias pessoas.

Vo – E tu pretendes deixar de trabalhar na rua?

Ab 3 – Não quero mais trabalhar na rua. Eu não quero mais.

Vo – O que pretendes fazer?

Ab 3- Outra coisa. Muitas coisas.

Vo – Uma questão delicada, há mais facilidade de acesso às drogas?

Ab 3 – Sim, muitas meninas se drogam. Para conseguir aguentar essa vida. Eu não gosto, nem que me paguem a mais para eu usar.

Vo – O cliente quer que entre no clima dele? Já tiveste clientes desse tipo?

Ab 3 – Sim.

Vo – Como tu te proteges na rua?

Ab 3 – Tem que andar sempre com alguma arma.

Vo- Já tiveste que te proteger de alguma agressão?

Ab 3 – Sim. É que no Brasil a aceitação de venezuelanas é difícil. E outros venezuelanos são maus com trans e travestis. Se está na rua, tem que pagar a eles, tem que comprar droga deles. Eu não curto isso, eu quero trabalhar, quero...

Vo- E tens perspectivas de fazer algum curso?

Ab 3- Eu quero, só não tenho nada em vista, mas quero estudar para sair da rua, não quero trabalhar na rua. Tem muita coisa difícil, somente quero sair da rua. Eu tenho sífilis, por olhar as marcas.

Vo – Tu já estás fazendo tratamento? Estás sendo encaminhada para fazer?

Ab 3- Eu vou lá para fazer meu tratamento, eu vou falar com G. para fazer meu tratamento. Falta minha documentação.

Vo – É que não tens documentos ainda, não é?

Ab 3 – Roubaram na rodoviária.

Vo – E os clientes, eles tentam forçar a fazer sexo sem preservativo?

Ab 3 – Sim.

Vo- E tu andas sempre com camisinha?

Ab 3 – Sim, sempre...

Vo – Há uma previsão de quando estarás com a documentação?

Ab3- Não.

Vo – Tu estás te sentindo bem na casa?

Ab 3 – Sim, tenho proteção, comida, ajuda, não tenho do que reclamar. Só nós somos diferentes dos brasileiros. Não somos daqui, entre venezuelanos a convivência é diferente.

Vo – Tu te sentes acolhida?

Ab 3 – Sim, me sinto.

Vo- Há mais informações que tu te sentes a vontade de compartilhar?

Ab 3 – Eu quero minha documentação, trabalhar, quero ter algo bom. Algo que não vá me fazer mal. Quero algo para mim. Ficar na rua é ruim, e eu não quero mais passar por isso. Trabalhar como cabeleireira é algo que gosto muito também.

Vo – E quando você veio para o Brasil, foi como?

Ab 3 – Teve muita dificuldade, até Boa Vista de Pacaraima é uns 300 km.

Vo – E tu trabalharias em qualquer outra coisa para sair das ruas?

Ab 3 – Sim, eu preciso. Não quero mais as ruas.

Vo – Eu só imagino o quanto é difícil. Eu gostaria de agradecer teu relato, espero melhorar teu período no abrigo.

Ab 3 – Obrigada por tudo.

Relato 4

Vo – voluntário

Ab 4 – abrigada 4

Nome: R.V.

Vo- Hoje, preciso de um relato sobre a tua vida, para que melhore tua estadia no abrigo, caso não se sinta a vontade com alguma pergunta, não precisa responder, mas fale de forma mais livre e relate um pouco sobre você.

Ab 4 – Meu Nome R. V.

Vo- Como era tua vida na Venezuela?

Ab 4 – Eu falarei em castelhano porque assim será melhor. Na Venezuela, era muito bom no princípio, no princípio eu me declarava gay. Antes de me declarar gay as pessoas me respeitavam. Depois que eu me declarei gay, eu comecei a me hormonizar. Lá eu passava por muita discriminação, muito preconceito, as pessoas não nos queriam, era totalmente diferente. Eu comecei a ficar nas ruas a partir dos quinze anos. Agora eu tenho vinte e três. Comecei a trabalhar em salão, comecei a

me relacionar com pessoas do ambiente, da rua e tudo isso. Comecei a trabalhar na rua aos dezessete anos. Aos dezessete anos comecei a trabalhar na rua e fui ganhando. Graças a Deus que um dia eu estudei. Fiz até o terceiro semestre de informática, e assim foi.

Vo- Como foi sair da Venezuela e migrar para o Brasil?

Ab 4 – Ah, bom. Eu estava trabalhando em um salão e vim para cá com uma amiga, que e já faz um ano e oito meses, já passou algum tempo. Vamos Boa Vista me disseram R.V. , vamos sair para Boa Vista, e eu estava trabalhando em um salão. Eu te dou passagem, aí decidi vir para cá com uma amiga, decidi vir para cá com uma amiga. Aí passou o tempo, e ela se casou em Boa Vista. Vive com seu marido em Boa Vista. E eu conheci outra pessoa também, mas não funcionou. Agora tenho conhecido mais pessoas, acabei me abrindo.

Vo – Como tu percebes a situação da Venezuela?

Ab 4 – Horrível, e independente como somos, travestis e trans, o preconceito é muito forte, tanto para conseguir trabalho, como para convivência, o preconceito na Venezuela é muito forte. Agora não gosto de nada na Venezuela.

Vo- Então, aqui no Brasil tu sentiste menos preconceito?

Ab 4 – Claro, com certeza. Eu percebo mentes mais abertas, mais frescas, apesar de não serem todos os brasileiros, mas eu me sinto muito bem, apesar de tudo. Só preciso de mais ajuda, há um preconceito grande por eu não ser brasileira aqui.

Vo- Quanto tempo ficaste em Boa Vista?

Ab 4- Eu fiquei um ano e três meses, quatro meses, e vim para cá.

Vo- Tu percebes muitas diferenças entre Boa Vista e Manaus?

Ab 4- Muito diferente, muito diferente. Apesar de que aqui estou recém chegada, mas aqui tem uma mentalidade muito diferente. Não sei por que. Lá haviam muito mais venezuelanos do que aqui. Mas a convivência é diferente, tudo é diferente. Lá já estava um pouco ruim, um pouco ruim. Aqui é muito diferente, muito mais grande. Há muito mais o que conhecer aqui, me entende? Há muito mais formas de pensar.

Vo – Tu tens alguma memória marcante da infância e da adolescência?

Ab 4 – Sim, quando eu tinha nove anos, minha mãe morreu. Ela morreu quando eu tinha nove anos. E desde então eu tive que aprender como era a vida e vi como a vida na rua era má. Não havia companhia, era eu e somente. Graças a Deus que hoje eu só gosto de um cigarrinho e álcool, não usei outras substâncias e ainda estudei.

Vo- Como se estabelecem as relações nas ruas?

Ab 4 – É que preciso pensar, se passaram tantas coisas... Já me apontaram uma pistola na cabeça, garrafas de vidro, facas, inclusive eu tenho marcas em meu corpo. Eu tenho marcas de coisas que eu passei nas ruas, coisas horríveis, coisas feias trabalhando.

Vo- Aqui no Brasil também?

Ab 4- Aqui, no Brasil, se passou somente uma vez. Já na Venezuela, muitas coisas piores, muitas coisas piores. Aqui no Brasil foi por causa de uma amiga que está muito enferma, eu não sei o que vinha se passando, ela vinha caminhando e vinha um homem, ela ia trabalhar com um homem. Não sei o que foi se passando, ela se foi atrás dele cobrando seu dinheiro, e eu e mais umas pessoas que estavam ali a bateram, e eu fui defendê-la, e acabaram batendo em mim também. Foi a experiência que eu tive, que foi na Praça da Saudade.

Vo- E como se estabelecem as relações entre as próprias meninas, na rua?

Ab 4 – Há muito, nem todo mundo é igual, há muita diferença entre algumas. Há umas que são tranquilas e outras que são más. Há muita diferença, há muita maldade entre as trans, há também muito preconceito. Se falam muitas coisas ruins de todas, mas há vários tipos de meninas. Umas que são boas e outras que são terríveis, terríveis, terríveis. Vou te dar um exemplo, entre os héteros, bissexuais, os gays e as travestis, nem todos são iguais, entre as travestis é assim, cada uma é uma, cada uma tem suas características, entende? São muito diferentes, porque nem todas somos iguais.

Vo – Aí a convivência, às vezes, na rua fica difícil?

Ab 4 – Depende, quando eu trabalhava em Barranquilla, eu morava com Baiana, que trabalhava na rua. Mas era uma brasileira, acabava sendo diferente.

Vo - E o acesso às drogas na rua, é fácil?

Ab 4 – As drogas na rua estão em todas as noite, todas as noites se vê isso, é só não querer. As que se levam, se perdem... as que se levam, se perdem. Isso pode acontecer em qualquer momento, tanto com clientes. Há clientes que vêm e que, por exemplo, temos muitos clientes, e a maioria dos clientes gostam de consumir, tanto como pasta, pós, maconha, tudo isso. E eles te dizem, te dou trezentos, bora fumar pedra, bora cheirar pó, vou dar trezentos para que você fume comigo, para que cheire comigo, e há muitas que vão, claro. Inclusive eu perco muito porque não faço isso, entende? Eu não gosto, porque há alguns clientes que se envolveram e ficam loucos, querem bater com força, atirar nosso corpo com força, por isso prefiro não me envolver com um drogado.

Vo– O que pretendes fazer no futuro? Pretendes sair da rua?

Ab 4- Se fosse por mim, eu já sairia da rua agora. Eu estou recebendo ajuda aqui na Casa Miga, eu quero trabalhar. Graças a Deus que vou conseguir trabalho. Já cheguei a Manaus há quase quatro meses. Há tempos que estou aqui sem dormir tranquilamente, entende? Não conseguia dormir, descansar, aqui na casa temos outro trato, outra convivência, me entende? Eu quero deixar de trabalhar na rua, quero outro trabalho, apesar de tudo, eu sou uma pessoa preparada, eu estudei. Sei fazer muitas coisas, sou cabeleireira, eu sei maquiar, faço sobrancelhas, tudo isso. Aqui em Manaus eu não consigo praticar isso, porque preciso trabalhar para ter dinheiro rápido, me entende? Dinheiro rápido, mas isso não é vida, é muito perigoso e não é vida.

Vo- Vocês ficam totalmente à mercê da violência.

Ab 4- É horrível, é horrível, e eu tenho muitas experiências ruins.

Vo – Há alguma que foi marcante?

Ab 4 – Não, tenho muito mais o que falar, foi muita violência. Há homens que são terríveis por serem safados, e toda experiência. Uma última amiga minha saiu com um homem para trabalhar, e ele a cortou, a amarrou, a queimou com cigarro, com tudo isso, tudo isso por apenas cinquenta reais. E se você morre, se te matam, do que vale esses cinquenta reais? Não presta, não é?

Vo – Então teu objetivo principal é sair da rua, e tu tens algum curso em mente?

Ab 4- Eu quero é trabalhar, qualquer coisa, que seja vendendo picolé. Eu prefiro trabalhar nessas coisas, eu não quero trabalhar mais na rua. Eu e algumas amigas

queremos trabalhar em qualquer coisa, entende? Eu quero tirar minha documentação, quero ter todas as minhas coisas e não quero mais trabalhar na rua. Quero trabalhar em qualquer coisa. Em limpeza que seja.

Vo- Tu estás sem documentação?

Ab 4 – É.

Vo - Então tem que resolver essa questão logo.

Ab 4 – Claro.

Vo – Já tiveste alguma relação amorosa mais duradoura?

Ab 4 – Sim, eu tive uma relação amorosa de um ano e dois meses, lá em Boa Vista. E foi forte, sabe? Muito forte, e eu continuo namorando essa pessoa, continuo namorando essa pessoa.

Vo- Ele é venezuelano ou brasileiro?

Ab 4 – Venezuelano, eu o conheci em Boa Vista.

Vo - Ele ainda está lá?

Ab 4 – Ele está lá, Ele me espera, mas do que ser eu ir, se ele não mudar. Ele começou a fumar pedra, entende? Depois dessa situação forte, eu preferi vir embora para cá. Ter um recomeço, me entende?

Vo - A sua família ainda está na Venezuela? Você mantém contato?

Ab 4 – Sim, tenho contato. Minha família na Venezuela são duas irmãs mais velhas, um irmão e um sobrinho. Sempre perguntam como eu estou, se estou bem. Eles sempre me pedem que eu deixe de trabalhar nas ruas, claro que sabem que eu trabalho nas ruas, me entende? Sempre pedem que eu largue, que preferem que eu volte para a Venezuela, que eu deixe de trabalhar na rua, mas é difícil, sabe? Quando não se tem independência. E eu prefiro viver na rua, mas independente, não é verdade? Não me sinto, eu me sinto bem vivendo independente, entende? Não gosto de viver para nada, eu sei o valor que tenho para eles.

Vo – Você pretende continuar em Manaus ou interiorizar?

Ab 4 – Eu estou esperando uma oportunidade, há pessoas me esperando em Curitiba. Há uma amiga, que é da Venezuela, vivia muito perto da minha casa, sua família. E ela está lá em Curitiba. Ela está lá há seis meses, está muito bem, não trabalha na rua, está estudando. Graças a Deus que ela está indo muito bem e inclusive, não sei porque, ela me enviou uma foto, ela era trans, agora cortou seu cabelo e fica assim de homem. Não entendo o porquê ela mudou.

Vo- Mas foi naturalmente ou teve alguma questão religiosa?

Ab 4 – Naturalmente, ele disse que naturalmente. Eu perguntei se tinha alguma enfermidade, se tinha algo, e ele me disse que já tinha cansado, houve um momento que eu mudei, e hoje sei que não sou mais travesti. A vida é mais fácil sendo gay do que sendo travesti. A vida toda eu a via daquela maneira, e eu me senti muito mal.

Vo – Interessante não haver intervenção religiosa. Quais teus outros objetivos, além dos já ditos, no Brasil?

Ab4 – Tenho muitas coisas em mente, eu quero trabalhar e ajudar meus sobrinhos, tenho sobrinhos na Venezuela que são excelentes estudantes, mas por causa da situação na Venezuela, eles trabalham para ajudar sua mãe. Mas eu não quero isso, eu não quero isso. Já passou o tempo e estou há quase dois anos aqui, quero ajudar mais, mas preciso de uma estabilidade. Já estou cansada de trabalhar na rua, porque na rua não é nada estável, sabe? É dinheiro fácil e mal ganho, entende. Fácil vem e fácil se vai.

Vo- Como tem sido a convivência aqui na casa?

Ab 4 – É uma experiência diferente, uma vida muito diferente. Já vivi quase independentemente com amigas da rua, com pessoas que conheci na rua, agora vivo com pessoas que não trabalham na rua, e que simplesmente são abrigados da casa, entende? E eu gosto, é muito diferente, eu sinto um tratamento diferente, agora eu me sinto uma pessoa diferente. Me sinto uma pessoa muito mais especial, muito mais especial.

Vo – Você consegue até descansar melhor aqui.

Ab 4 – E falam outras coisas, não apenas da rua, da rua. Entende? Falamos outras coisas, conhecemos outras coisas. Escutamos música, vemos coisas pelo facebook,

todos juntos. Não há divisões, rimos juntos, compartilhamos, cozinhamos juntos, é outro tratamento, outra convivência. É muito enriquecedor, muito.

Vo – É como se formasse uma família temporária.

Ab 4- Ah sim, ah sim.

Vo – O que pensas que poderia mudar tua realidade?

Ab 4 – Há algo que eu também tenho pensado, não posso te responder isso porque, não tenho pensado só nisso, o que penso que poderia mudar toda minha vida seria algo do destino, algo de Deus. Seria Deus que movimentaria toda a minha realidade. Me entende?

Vo- Eu gostaria de agradecer a tua participação.

Ab 4- As pessoas aqui são ótimas, e eu gosto do teu tratamento, eu falo contigo com confiança, sabe? Porque eu gosto como você nos trata, como fala com a gente, eu tenho confiança, entende? E eu lhe agradeço muito por isso.

Vo – E eu agradeço muito pela participação.

Relato 5

Vo - Voluntário

Ab 5 – abrigada 5

Nome: C.S.

Vo – Boa noite! Estamos fazendo um novo relato sobre você e precisamos de algumas informações para que sua estadia na casa fique mais agradável. Se não quiser responder alguma pergunta, fique a vontade.

Ab 5- Primeiro de tudo, boa noite, meu amor. Eu me encontro bem no abrigo e o que desejas saber de mim?

Vo – Tu poderias me relatar um pouco sobre a tua infância? Quando tu percebeste que tu eras uma mulher trans?

Ab 5 – Desde pequena, sempre gostava de brincar com as meninas, gostava de brincar com boneca, nunca gostava de brincar com os meninos assim. E minha vida foi muito dura, porque para qualquer um sempre existe a homofobia, me entendes? E quando tinha catorze anos, comecei minha vida de trans, de trans, a me vestir de mulher e tudo isto. E eu fui para Caracas, fui atrás de estúdios de maquiagem, para ter uma carreira, fiz curso de estilista, tudo ligado à beleza, também tudo que tem a ver com cabelo. Aí eu fui a Cutupita com minha família, e lá segui trabalhando, segui lutando, como todo ser humano. E logo fui a Caracas, novamente. Eu gosto muito de atuar, animar, a questão de modelagem, tudo isso eu gosto. Fiz cursos de tudo isso. Fui outra vez a Cutupita, aí eu resolvi que iria agora para o Brasil. E agora estou aqui.

Vo - E como foi a tua vinda para o Brasil?

Ab 5 – Primeiro que quando eu cheguei aqui no Brasil, o que me custa muito é a língua portuguesa, porque eu não entendo muito. Mas graças a Deus, quando eu cheguei aqui no Brasil, bom eu cheguei a rodoviária, neste dia eu não tinha onde ficar, fiquei uma noite ali. Na rodoviária dormindo, com uma amiga minha. Logo, no dia seguinte, tive que ir a, a buscar umas amizades que tenho aqui, pois eu não tinha onde ficar. Então eu me agarrei alguém que eu conhecia antes, que já estava aqui, que se chama S. M., ela me deu apoio incondicionalmente, eu fiquei vivendo um mês com ela. E depois busquei a Caritas, pois fiquei sabendo que estavam ajudando as trans, para que nós não ficássemos na rua. Aí fui a Caritas e me deram ajuda, graças a Deus! Por isso estou na Casa amiga agora, e fico agradecida a todos vocês de haver um lugar para nós, agradeço aos coordenadores e aos voluntários, a todas essas pessoas que podem me conhecer melhor agora. Qual a próxima pergunta?

Vo- Qual o motivo exato que te trouxe para o Brasil?

Ab 5 – Eu vim para cá porque na Venezuela as coisas estão muito... a insegurança, não há empregos, aqui, pelo menos no Brasil, há emprego, há comida, as coisas não são tão caras, só se precisa lutar. Eu vim para cá, no Brasil, foi para ajudar minha família, para dar a vida que eles merecem e bom, eu dou graças a Deus todo dia, por um novo dia, uma nova vida, uma nova comida, um novo amanhecer, sempre sou uma pessoa com muita fé. Outra pergunta.

Vo – O que tu pretendes no Brasil? Trabalhar em quê?

Ab 5 – Para me colocar melhor, bom, meu facebook é C. S. e meu instagram é C, S,, podem olhar e o que eu gosto é estilismo , tudo que tem a ver com a beleza, maquiagem, eu gosto, eu sou modelo também, mas aqui eu não encontrei um lugar exato para ajudar a classe de modelagem para as pessoas que estão interessadas podem se comunicar comigo. Eu posso ensinar meninas e jovens a modelar, é excelente.

Vo – Tu pretendes continuar em Manaus?

Ab 5 – Bom, até este momento, com o que os organizadores daqui tem me dito, para conseguir um trabalho, está difícil, para eu trabalhar como cabeleireira depende de me aceitarem, mas o meu destino não é Manaus, meu destino é chegar muito mais longe, agora quero ir para o Rio Grande do Sul, para ficar próxima a fronteira com o Uruguai. Vamos ver se o destino me leva para lá, mas quem sabe o destino é Deus, é Deus.

Vo – Como é a tua relação com a tua família? Tens mantido contato com eles?

Ab 5 – Todos os dias tenho me comunicado com eles, claro que eles não têm uma vida saudável como eu queria que tivessem, mas pouco a pouco, eu estou esperando ficar bem, eu ter o meu trabalho, aí posso dar a vida que eles merecem, em nome de Deus.

Vo – Como tu sentias a questão da transfobia na Venezuela?

Ab 5 – Eu nunca passei por muita homofobia, nem nada disso, simplesmente tenho problemas assim, sabe quando um passa e te chamam atenção, mas não passei por coisas ruins. Nunca, graças a Deus nunca passei por coisas assim. Claro porque eu me dou respeito e sempre as pessoas me conhecem pelo que sou, pelo que eu gosto de fazer, me conhecem assim.

Vo - E no Brasil, tu já sentiste alguma transfobia ou até xenofobia?

Ab 5 – Não, aqui no Brasil não. Porque estamos em um país, este país, o Brasil, é um país livre de opressão, aqui eu não vejo tanto racismo, homofobia e discriminação com as trans. E se chegarem a me discriminar, a melhor resposta é ignorar, ignorar porque eu não gosto de problemas, sou uma pessoa muito tranquila.

Eu vim para o que vim, e não em busca de problemas com alguém, quero que me conheçam e se sintam orgulhosos de quem eu sou.

Vo – Você já chegou a trabalhar como garota de programa?

Ab 5 – Sim, sim, aconteceu aqui no Brasil, agora que eu não tenho um trabalho, e tenho que recorrer a trabalhar nisto, mas não sou dessas que vão para a rua, não gosto da rua, não gosto da rua. Prefiro ter um trabalho digno, pois estamos em um país em que há muitas enfermidades, e por isso eu não quero, me entendes? Mas fiz pouco, desde que me encontro aqui, estou buscando um trabalho digno e que possa deixar isso, a rua, pois não é vida para ninguém, nem para um homossexual, nem para qualquer ser humano, as pessoas só recorrem a isso, porque lá se encontra o dinheiro.

Vo – A maioria dos clientes são homens casados? Que tipo de homem que procura uma garota de programa?

Ab 5 – Eu nunca pergunto sobre isso, se são casados, se são, afinal eu vou para o trabalho, entende? Mas não quero, prefiro ter um marido, algo estável, digno. Como toda mulher.

Vo – No Brasil, foi só por causa da necessidade financeira que você acabou recorrendo a este tipo de trabalho?

Ab 5 – Bom, sim. Porque já descobri que, descobri as coisas que estão passando, eu quero deixar tudo isso já, já quero deixar tudo isso para trás, já quero ser outra pessoa. Eu vim para mudar, eu não vim até aqui para estar diante de todo mundo fazendo algo que é muito feio, entendeu?

Vo – E você pretende se especializar mais em modelagem e estilismo?

Ab 5 – Sim, aqui no Brasil eu preciso saber onde se encontram as academias de modelo, aí podem me contratar também como professora de, de modelagem, eu posso dar aulas para todas as crianças e jovens que queiram entrar no mundo da beleza e da modelagem. Aqui no Brasil há muito isso, então aqui estou eu para dar minhas aulas, meus ensinamentos da Venezuela, para que todas tenham uma passarela excelente.

Vo - E já pensou em trabalhar no mundo das misses?

Ab 5 – Bom, Venezuela é muito reconhecida no mundo disso, da beleza, de modelagem, temos muitas coroas, graças a Deus. Bom, nossas inquietudes, podem me colocar, como disse anteriormente, no mundo da modelagem.

Vo – O Brasil é muito carente na questão da preparação das misses. Ir para esse meio poderia ser interessante para você.

Ab 5- Sim, é muito interessante essa pergunta, por isso eu quero me embrenhar por esse mundo, da modelagem, da beleza, do estilismo. Eu tenho muitos cursos, muitos cursos, o que se passa é que não consigo focar bem em buscar o que quero. Na verdade, aqui em Manaus, eu não sei onde ficam as coisas, não sei onde ficam os canais de televisão e é uma meta que eu também tenho, trabalhar em um canal de televisão. Porque eu gosto do mundo artístico, o mundo da atuação, o mundo da imaginação, todas essas coisas. Quando me chamarem, e eu conseguir, eu passo, pois seu meu talento, eu confio em mim. Eu preciso de mais comunicação, contatos, para poder me embrenhar por este mundo. Mas tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. Com a benção de Deus, eu irei para o Rio Grande do Sul. E lá vou ver o que me espera.

Vo- Eu te agradeço muito pelo teu relato e espero que tua estadia seja cada dia melhor no abrigo.

Ab 5 – Obrigado a todos vocês, meus amores. Muitos beijos e abraços, que Deus abençoe a todos. E este relato é muito importante porque assim vocês podem conhecer mais esta pessoa que esta diante dele. Espero chegar muito longe.

Vo – Obrigado!

Ab 5 – Boa noite!